

J. MINTER

A COISA MAIS DOCE

iD
editora



inside *girl*

A COISA MAIS DOCE

Entre cupcakes de Magnólia e compras nas boutiques mais badaladas do SoHo, Flan, Judith e Meredith fazem um trato: **Nada De Adam.**

Mas regras foram feitas para ser quebradas, e o sorriso do zagueiro super gato pode pôr tudo a perder. Flan se vê no centro de uma disputa entre suas amigas pelas atenções de Adam, e a festa de Halloween de Sara-Beth é a oportunidade perfeita para conquistá-lo... E para fazer que Flan chegue um pouquinho mais perto dele. Será que ela vai beijar o seu príncipe à meia-noite? Ou vai dar um beijo de despedida em suas novas amigas?

 Você se **iDentifica** com este livro? Leia a página 95.



Um aluno gatíssimo na Stuyvesant...

“ O nome dele é Adam McGregor. Acontece que ele é lindo. É sério mesmo. Os olhos dele parecem duas luas de prata. E ele é todo atlético e definido. ”

... E um novo problema para Flan:

“ Mas ontem, quando estávamos no salão de beleza, Meredith estava falando desse garoto que ela gosta, o Adam, e deixaram escapar que a Judith também gosta dele. Elas estão fingindo que está tudo bem, mas eu estou com medo de que a coisa toda fuja do controle, que elas briguem para valer e que a nossa amizade acabe. ”

Ok, mas as coisas não poderiam ficar um pouco menos complicadas?

Opa. Acorda, Flan.

“ Por que eu estava pensando no Adam quando estou saindo com o Bennett? ”

“ Eu gostaria de ter conhecido Flan Flood no colegial — e não só porque ela tem um irmão mais velho gatíssimo (embora isso ajude bastante) — esta é uma menina que você precisa conhecer, já! ”

Lisi Harrison, autora da série Allfas

J. Minter é o autor da série *inside girl*, da qual este livro é o segundo volume, e da série *insiders*, sobre os popularíssimos irmãos de Flan Flood.

Saiba mais sobre esta série no site:

www.editoraid.com.br

Copyright © 2007 by J. Minter
And 17th Street Productions, an Alloy company
Publicado originalmente com o título *The Inside Girl: The Sweetest Thing*

Coordenação editorial - Lenice Bueno da Silva
Assistente editorial – Amanda Osti da Silva
Tradução – Ana Paula Maia
Preparação de originais – Renata Truys
Coordenação de revisão - Elaine C. del Nero
Revisão - Ana Cortazzo, Luís M. Boa nova, Viviane T. Mendes
Coordenação de Edição de arte / Capa - Camila Fiorenza
Diagramação – Cristina Uetake
Coordenação de Iconografia - Ana Lucia Soares
Foto de capa - © Andrey Arkusha / Shutterstock
Ilustração do mapa - Thiago Cruz
Coordenação de Bureau - Américo Jesus
Tratamento de imagem - Fábio P. Novaes
Pré-impressão - Helio P. de Souza Filho, Mareio H. Kamoto
Impressão e acabamento – Ed. Loyola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Minter, J.

Inside girl: a coisa mais doce / J. Minter ; tradução de
Ana Paula Maia. – São Paulo : Moderna, 2011.

Título original: The sweetest thing: an inside girl novel
ISBN 978-85-16-07003-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-13647

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos reservados no Brasil pela

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758, Belenzinho - 03303-904 - São Paulo, SP

Vendas e atendimento: Tel.: (11) 2790-1500

Fax: (11) 2790-1501

www.moderna.com.br

Impresso no Brasil, 2011

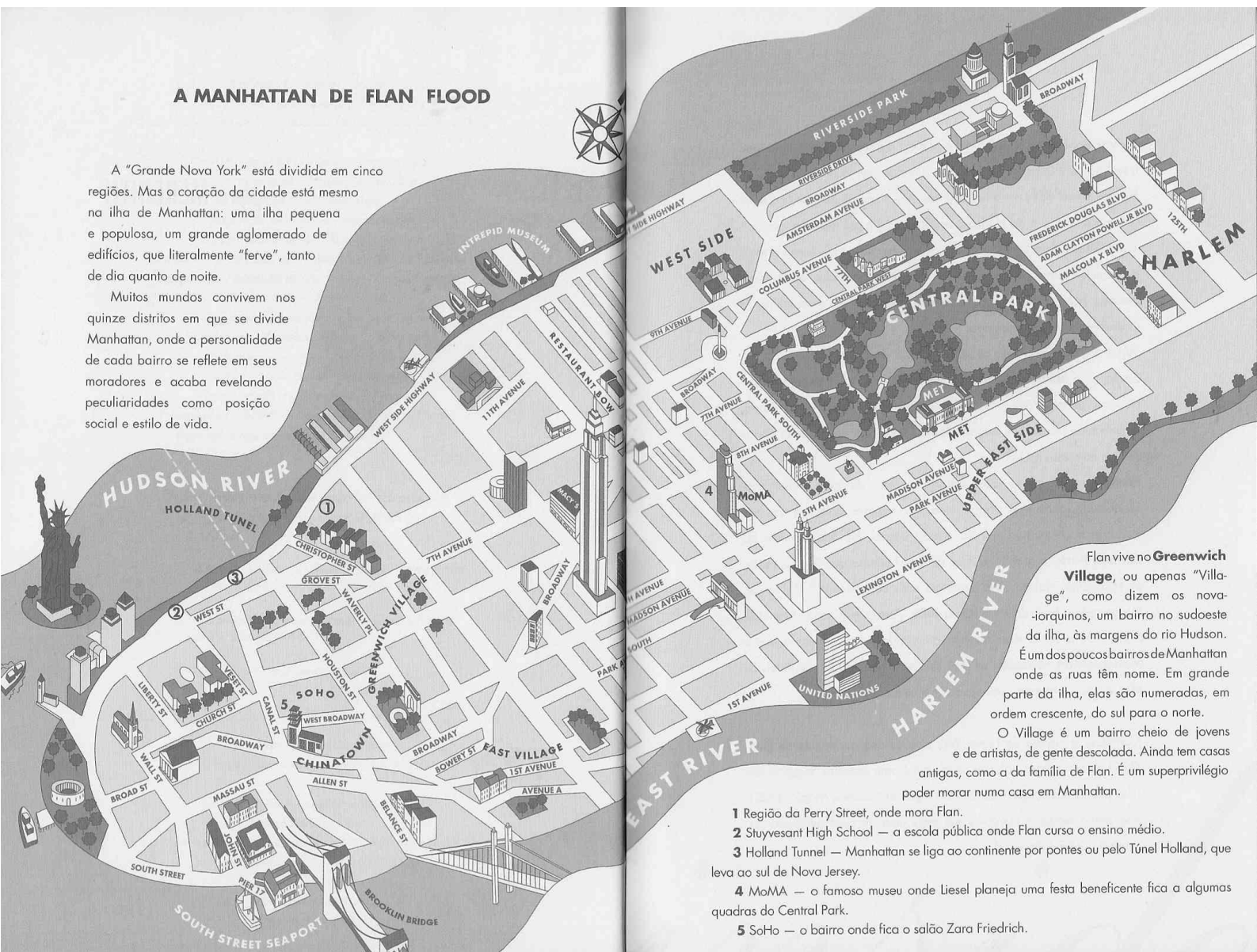


para MEREDITH

A MANHATTAN DE FLAN FLOOD

A "Grande Nova York" está dividida em cinco regiões. Mas o coração da cidade está mesmo na ilha de Manhattan: uma ilha pequena e populosa, um grande aglomerado de edifícios, que literalmente "ferve", tanto de dia quanto de noite.

Muitos mundos convivem nos quinze distritos em que se divide Manhattan, onde a personalidade de cada bairro se reflete em seus moradores e acaba revelando peculiaridades como posição social e estilo de vida.



Flan vive no **Greenwich Village**, ou apenas "Village", como dizem os novaiorquinos, um bairro no sudoeste da ilha, às margens do rio Hudson. É um dos poucos bairros de Manhattan onde as ruas têm nome. Em grande parte da ilha, elas são numeradas, em ordem crescente, do sul para o norte.

O Village é um bairro cheio de jovens e de artistas, de gente descolada. Ainda tem casas antigas, como a da família de Flan. É um superprivilégio poder morar numa casa em Manhattan.

1 Região da Perry Street, onde mora Flan.

2 Stuyvesant High School — a escola pública onde Flan cursa o ensino médio.

3 Holland Tunnel — Manhattan se liga ao continente por pontes ou pelo Túnel Holland, que leva ao sul de Nova Jersey.

4 MoMA — o famoso museu onde Liesel planeja uma festa beneficente fica a algumas quadras do Central Park.

5 SoHo — o bairro onde fica o salão Zara Friedrich.

Lower East Side — como diz o nome, "a parte mais ao sul do lado leste" da ilha. O bairro onde ficava a antiga escola de Flan.

Upper West Side — o bairro onde vive o pai de Bennett fica entre o Central Park e o rio Hudson, acima da 58th até mais ou menos a 120th Street. É um bairro residencial e comercial, onde vivem artistas e intelectuais, em contraste com o **Upper East Side**, onde vivem pessoas ricas ligadas ao mundo dos negócios ou pertencentes à tradicional elite nova-iorquina.

West Village — o lado oeste do Village, onde vive Flan.

SoHo — o bairro onde fica o salão Zara Friedrich é limitado pelas Houston Street, West Broadway, Canal Street e Lafayette Street. É conhecido por ser um famoso destino para compras e reunir vários artistas com seus estúdios.

MoMA — O museu que sediaria a festa de gala beneficente organizada por Liesel abriga uma das maiores coleções de arte moderna e contemporânea do mundo inteiro. Ele fica próximo ao **Central Park**, o grande parque de 340 hectares que fica no centro de Manhattan. Vai da 59th Street até mais ou menos a 101st Street. Margeando-o ao lado leste fica a **Fifth Avenue** (Quinta Avenida), a segunda avenida mais luxuosa do mundo. Nessa avenida fica o **Metropolitan Museum of Art** (Museu Metropolitano de Arte), ou **Met**, como o chamam carinhosamente os nova-iorquinos.

Conhecer a cidade de Nova York através das peripécias de Flan Flood e seus amigos na série *inside girl* é uma maneira divertida de ficar por dentro do que rola de mais legal na "Grande Maçã". Então não perca tempo e mergulhe em mais uma de suas aventuras no segundo volume da série!

Capítulo 1

UM VISUAL COMPLETAMENTE NOVO

Desde que eu me lembre, meu cabelo tem sido exatamente o mesmo: loiro, liso e um pouco abaixo dos ombros. Certa vez, quando eu estava na sexta série¹ e me sentindo rebelde, tentei usar um desses kits de tintura "faça você mesma" que deixou o meu cabelo com um tom laranja horrível. Minha irmã mais velha, Feb, me chamou de *Tocha Humana* durante um mês inteiro depois que isso aconteceu. Além disso ficou mais ou menos a mesma coisa, e quando eu fui para o *Mallard Day*, na minha antiga escola particular, já estava legal. Mas desde que eu comecei no Stuyvesant, uma enorme escola pública da cidade de Nova York, seis meses atrás, todo o meu visual, incluindo o meu cabelo, estava meio... sem graça.

Quando a minha mãe me deu um vale-presente para ir ao salão Zara Friedrich, no SoHo, aquilo foi um sinal óbvio de que eu estava precisando de grandes mudanças. Minha mãe extrapolou, como sempre, para compensar sua quase total ausência, e por isso fez o vale-presente para ser usado três vezes mais do que era necessário. Então, em vez de gastar muito tempo sozinha no salão, me tornando cada vez mais mimada, decidi tratar do visual das minhas novas amigas, Judith e Meredith, dando a elas um novo corte de cabelo.

Então, lá estávamos nós, sentadas no salão que tinha um leve cheiro de maçã, quando a minha *hair stylist*, Monique — uma superdescolada do Brooklyn cujos cabelos pretos e desgrenhados pareciam duas planícies —, me perguntou o que eu queria. E isso foi justamente quando eu decidi deixar de ser cautelosa e apenas ir fundo.

— Me surpreenda.

— Surpreender você? Sério? — ela perguntou, suspendendo uma sobrancelha. — A última mulher que me pediu para fazer isso começou a chorar quando eu terminei de secar o cabelo dela. É claro, eu não devia ter feito mechas pink em uma consultora de investimentos de quarenta e cinco anos.

Eu estava sentada entre a Meredith e Judith e as duas trocaram olhares aflitos. Senti uma onda de excitação no meu estômago enquanto eu torcia entre os dedos algumas mechas úmidas de cabelo loiro. — Faça Estou pronta para uma mudança.

— Você quer me processar?

— Não. Só faça aquilo que você acha que vai ficar legal — eu disse a ela.

Monique sorriu e de repente deu uma de *Fall Out Boy*. — Ok. Se é assim que você quer.

Ela partiu o meu cabelo ainda molhado e rapidamente começou a penteá-lo. Ao nosso redor, jovens mulheres elegantes tinham os cabelos cortados, aparados, picados, modelados e dobrados em papel alumínio. Eu reconheci uma garota que tinha saído na *Neto York Times Magazine* do último fim de semana e que estava sentada a algumas cadeiras de distância. O salão de beleza tinha uma mobília cromada elegante, tubulações expostas e lâmpadas superestilosas que pendiam do teto sobre as cadeiras brilhantes de prata. Eu me senti tão comum assim que pisei lá

¹ Nas escolas americanas, série que corresponde ao primeiro ano da *Middle School* (N.E.)

dentro. Mas agora, enquanto a Monique fazia uma série de cortes arrojados nas laterais, eu sabia que tinha vindo ao lugar perfeito para descobrir o meu novo eu.

— Uau, Flan. — Judith sussurrou enquanto a sua própria *stylist* terminava o seu corte. — Eu não acredito que você vai mesmo deixar que ela escolha. Talvez você nem vá se reconhecer. Você tem certeza...? — Ela estava com os olhos arregalados quando um pedaço grosso do meu cabelo caiu no chão.

Judith era uma ótima amiga, mas ela se preocupava muito. De acordo com a Meredith, que ia para a escola com ela desde o jardim de infância, Judith tem sido empreendedora desde os seis anos de idade. Aparentemente, ela tirou a segunda nota mais alta em uma prova e jurou que isso nunca mais ia acontecer de novo. Ela tem longos cabelos loiros, que gosta de jogar para trás dos ombros quando marca ponto em uma conversa ou em uma argumentação para o Clube de Debates, e eu não consigo imaginá-la cortando os cabelos. Pensar nisso me enchia de orgulho devido a minha ousadia.

— Será que o Bennett não vai ficar chateado? — ela perguntou, enquanto a *stylist* inclinava sua cabeça para frente para arrematar o corte.

— Duvido — eu disse. Bennett, meu namorado, é muito descontraído. Nós saímos quase todos os dias depois da escola, e às vezes nos fins de semana. Mas nesse dia ele tinha uma reunião especial para o jornal da escola, o *Stuyvesant Spectator*, onde ele trabalha com os amigos.

— Qual é, Judith? — disse Meredith, com seu cabelo negro e úmido pendurado em ondas atrás das costas. — Os caras nunca reparam em cortes de cabelo. Além disso, a Flan está fazendo uma declaração. — Ela sorriu para mim, bastante animada. — Algum dia, eu vou cortar o meu cabelo bem, mas bem curto, e então usar perucas diferentes todos os dias conforme o meu humor. Não seria divertido? Eu teria um *mullet* superirado na segunda-feira; aí, na terça-feira, eu ia usar um desses penteados dos anos cinquenta que parecem uma juba de leão. Nos dias de aula de arte, eu poderia usar uma daquelas perucas longas e delicadas de Rapunzel. — Ela franziu a testa. — Se bem que pode cair na minha tinta a óleo — que não é exatamente o tipo de "pincel" que gosto de usar.

Eu ri. Meredith tinha o cabelo castanho-claro, que ela geralmente usava em uma trança, mas eu podia imaginá-la fazendo uma coisa maluca dessas. Seu senso de estilo e moda era de família. Sua mãe e sua avó têm uma boutique de roupas bem bonitas; basta descer a rua onde estávamos cortando nossos cabelos. Quando conheci a Meredith, ela estava usando uma saia feita de gravatas masculinas. Naquela tarde, ela vestia uma *cut-up T-shirt* estilo anos oitenta com a imagem da banda Blondie estampada e um monte de pulseiras e braceletes de cores diferentes. Ela era bem interessada em arte, fotografia e poesia também. Ela e a Judith são tão diferentes que é difícil acreditar que são amigas a vida toda. Mas eu acho que melhores amigas não precisam ser iguais — elas só precisam se dar bem —, e a Meredith e a Judith combinam como morango e chocolate. Eu também me encaixo muito bem com elas. Tive muita sorte de conhecer pessoas tão legais logo no começo do ensino médio.

— Em todo caso — Meredith continuou —, mesmo que ele reparasse, Bennett é tão amarradão na Flan que ele nem ia se importar. Ela podia voltar com um *Mohawk*, e ainda assim ele ia gostar... — Meredith simulou um coração com uma flecha que fez Judith dar uma risada escandalosa. Eu fiquei vermelha.

— Ah, fala sério, gente — eu disse.

— Não, Flan, é verdade — Judith concordou. — O Bennett é um cara incrível. A maioria dos caras da nossa escola não tem ideia de como falar com as garotas! — Ela fez uma cara. — O Kelvin, de biologia, estava tentando flertar comigo outro dia. Primeiro ele me contou uma piada suja sobre entradas USB. Aí, ele me falou sobre alguns jogos de computadores por uns vinte minutos enquanto eu estava tentando terminar o meu relatório da aula no laboratório. E eu disse: "E daí?", e ele continuou

falando: "Eu sei", e então eu finalmente me dei conta de que ele achou que eu havia dito: "E aí?"

— Espera. Kelvin, você está falando daquele cara que faz um ruído quando ri?
— Meredith perguntou enquanto sua *stylist* borrifava em seu cabelo um condicionador *leave-in* de essência de papaia.

Judith suspirou. — Esse mesmo. Eu te falei que somos parceiros de laboratório agora?

— Ah, não!

Enquanto as duas falavam do desagradável Kelvin, eu me peguei pensando no Bennett de novo. O Bennett é mais velho que a gente — é aluno do segundo ano — e ele é ligado em um monte de coisas interessantes: ele lê contos do J. D. Salinger, a revista *Thrasher* e todas as novidades em *grafic novels* da Tokyopop, e sempre tem ótimas opiniões sobre coisas como, por exemplo, por que o último filme do Tarantino foi um fracasso. Ao contrário de caras estúpidos como o Kelvin, o Bennett realmente fala comigo de uma maneira que o faz parecer um amigo. É ótimo poder estudar com ele, que sempre aparece com um jeito bonitinho de eu me lembrar de nomes e datas para a aula de história. Uma vez, quando eu estava toda enrolada para uma prova de álgebra, ele fez para mim um monte de cartões de memória com equações, e então amarrou os cartões com uma fita laranja e um cachorrinho de pelúcia charmoso que parecia o meu Lulu da Pomerânia. Além do mais, ele é adorável. Sério mesmo! E ainda tem covinhas. Tem como ser mais fofo que isso?

Quando voltei à Terra, Meredith e Judith tinham mudado para o assunto favorito delas: o cara ideal.

— Eu só quero alguém que seja sensível. — Meredith suspirou. Uma expressão de delírio tomou conta dos seus olhos. — Alguém que acredite na verdade e na beleza — e na arte. Ah, e nos livros.

— Alguém que... Jules? — Judith riu. Meredith tinha uma coisa por um dos amigos do Bennett, que a Judith achava totalmente engraçado. Está bem, talvez o Jules não fosse o cara mais quente que eu já tivesse visto, mas ele era alto e bonito, e quando ele me contou uma de suas histórias hilárias, ele imediatamente se tornou o centro das atenções da festa. Eu sempre imaginei que ele e Meredith iam ficar juntos, porque os dois fazem as suas próprias coisas e se vestem como mais ninguém no Stuy. Jules vestia paletós estilo *vintage* e antigas camisas havaianas, e uma vez ele foi a uma festa usando um chapéu fedora cheio de penas de pavão.

— Ah, não, eu estou cheia dele — ela disse desconsiderando com um movimento de mão. — Agora, estou de olho em um calouro da turma de inglês.

— Mesmo? — Judith falou mais alto do que o barulho do secador de cabelo. — Quando foi isso?

— Ontem. — Meredith encontrou os meus olhos pelo espelho do salão de beleza. — Estávamos lendo os sonetos de Shakespeare na aula e, quando chegou a vez dele, o professor Welninski disse a ele para colocar sentimento e... uau. Eu nunca ouvi nada mais bonito. Era como se o poeta em pessoa estivesse na sala com a gente.

— Então como é esse poeta? — Judith conferiu os seus cabelos caídos sobre as costas através do espelho da sua *stylist* e o devolveu a ela. — Ficou ótimo. Você pode passar a prancha de alisar, por favor?

— Bem, não é por esse motivo que eu gosto dele, é claro, mas acontece que ele é lindo.

Judith bateu as mãos e eu dei uma risadinha.

— É sério mesmo. Os olhos dele parecem duas luas de prata. E ele é todo atlético e definido — como aquelas estátuas de Hércules da Antiga Roma.

— Quem é esse cara? — eu perguntei. — Eu acho que me lembraria se eu visse alguém assim andando pelo Stuy.

— O nome dele é Adam McGregor. — Meredith fechou os olhos de felicidade enquanto a sua *stylist* começou a soprar o seu cabelo com o secador, que ficou dançando ao redor do seu rosto embalado pelo vento morno.

Eu não sei se a Meredith ouviu a Judith suspirar por causa do barulho do secador. Mas eu ouvi.

— O que foi? — perguntei a ela.

Meredith abriu os olhos de novo. Judith estava olhando para ela, com uma expressão horrorizada.

— O quê? — Meredith parecia confusa.

— Ah, não, de novo não! — Judith começou a chorar. De repente uma expressão de susto se apoderou do rosto da Meredith.

— De novo o quê? — perguntei, olhando para frente e para trás entre elas, totalmente perdida. O problema de se tomar amiga de duas pessoas que se conhecem a vida toda é que às vezes eu não tinha ideia do que elas estavam falando.

— Para de mexer a cabeça. — Monique firmou a minha cabeça semiestilosa com uma mão e brandiu uma tesoura com a outra.

— Adam McGregor, o jogador de futebol? — perguntou Judith. — O Josh Hartnett de cabelo castanho encaracolado?

Meredith acenou solenemente que sim com a cabeça e cobriu desesperadamente o rosto com as mãos.

— Aquele cara? — Eu ri. — Meredith, ele está na minha aula de biologia, e ele definitivamente não é nada sensível. Ele se senta no fundo da sala com todos os seus companheiros de time, ficam jogando lápis uns nos outros. A última vez que o professor o chamou, ele tipo que "Hummm... a minha concussão está me atrapalhando, pode repetir a pergunta?".

— Ah, isso não é verdade. Ele é superinteligente e totalmente espirituoso. — Judith chutou suas pernas por baixo da capa preta. — Mas esse não é o problema.

— O problema é... — Meredith começou.

— Nós duas gostamos dele! — Elas se lamentaram ao mesmo tempo. Várias pessoas no salão de beleza se viraram para olhar em nossa direção. A modelo da *Neto York Times Magazine* estalou a língua em desaprovação enquanto virava uma página da revista *W* que estava lendo.

Eu ainda me sentia confusa. Como é que as duas gostavam dele se foi a primeira vez que elas tinham mencionado isso? — Você tem certeza? — eu perguntei. — Você o conhece o suficiente?

Meredith gemeu, ignorando a minha pergunta. — E a pior parte é que a mesma coisa já aconteceu quando a gente estava na sexta série. Foi péssimo. Quase deixamos de ser amigas.

Judith baixou a voz, embora sua *stylist* tivesse se virado para pegar um pente de dentes largo e ninguém estivesse realmente tentando ouvir. — Sabe, Meredith e eu tínhamos essa amiga, a Fiona, que morava no Park Slope, e durante o verão nós íamos lá para pegar um bronzado no telhado. O irmão da Fiona era absolutamente o cara mais gato que a gente já tinha visto na vida, e nós duas ficamos totalmente, totalmente apaixonadas por ele.

Meredith pressionou a mão sobre o coração por cima da capa preta. — Eu ainda sonho com ele às vezes. Alto e bonito, com olhos muito negros e sensuais.

— Ele era um pedaço de mau caminho — disse Judith abruptamente.

— Pedaço de mau caminho? — perguntei. — Alguém além da minha mãe ainda usa essa palavra?

— É, totalmente. Mas aí, durante todo o verão, ficamos competindo por causa dele — comprando maiôs novos toda semana, usando maquiagem por cima do filtro solar, tentando conversar com ele, e coisa e tal. — Ela sorriu, apesar de não parecer querer. — Naquela época a gente nunca, mas nunca mesmo tinha conversado com caras que a gente tinha gostado.

— Huh. — Eu suprimi um sorriso. Meredith e Judith ainda têm um problema grave de ficar dando risadinha perto dos garotos, mas eu imagino que era melhor não tocar nesse assunto. Atrás de mim, Monique finalmente abaixou a tesoura e pegou o secador de cabelos. Ela o ligou no modo baixo.

— Ficou meio fora do nosso controle — Meredith continuou. — Finalmente, um dia, a caminho da casa deles, Judith disse que o chamaria para sair e não havia nada que eu pudesse fazer para ela desistir disso. Então eu disse que se ela tentasse alguma coisa, eu ia dizer a ele que ela ainda dormia com sua manta de bebê.

— Eu não acredito que você fez isso — Judith interrompeu. — Eu não sabia dizer se ela estava brincando ou não — sua voz era algo entre o sério e o brincalhão.

— Enfim — Meredith continuou —, quando chegamos na Fiona, estávamos a ponto de explodir, e foi o que fizemos assim que vimos o Tony jogando videogame na sala. Começamos a gritar uma com a outra na frente de todo mundo. Tony não sabia que a gente gostava dele e eu acho que ele ficou meio apavorado, porque saiu correndo e se trancou no quarto. — Meredith me olhou timidamente. — Ele não saiu de lá até voltarmos para Manhattan. Nunca mais o vimos de novo.

— Uau. — Era meio difícil imaginar Meredith e Judith brigando. Durante todo esse tempo em que conheço as duas, elas têm sido praticamente inseparáveis. Mas pela expressão em seus rostos, posso afirmar que o incidente do Tony foi uma coisa muito significativa.

— É por isso que a gente nunca mais vai deixar isso acontecer de novo. — Judith lançou para Meredith um olhar cortante e intenso. — Nenhum cara vale isso.

— Não, definitivamente não! — Meredith disse enfaticamente. — Ela torceu um bracelete laranja ao redor do pulso. — Nós juramos nunca mais deixarmos outro cara entre nós duas.

— Tá certo — Monique interrompeu —, você está pronta! — Eu tinha ficado tão envolvida escutando a Judith e a Meredith que eu mal prestei atenção no que a Monique estava fazendo no meu cabelo. Mas, quando eu olhei e vi o meu reflexo no espelho, eu deixei escapar um gritinho.

Era como se a Monique tivesse dado uma olhada no futuro e visto uma versão minha mais velha e mais legal. Ela moveu uma parte do cabelo para a esquerda e cortou uma franja que caía em poucos fios sobre a testa. Ela manteve o meu cabelo essencialmente com o mesmo comprimento, mas em vez de mantê-lo apenas liso, agora ele estava caído em camadas sobre os meus ombros. Ficou incrível — sofisticado e estiloso, totalmente perfeito para o meu novo eu.

Embora Meredith estivesse certa sobre os caras nunca repararem nos cortes de cabelo, eu não podia esperar até o Bennett ver. Ele é bem perceptivo e tem passado muito tempo comigo ultimamente. Eu imagino que ele vai reparar assim que me vir... será?

Bem, eu logo descobri que isso não era exatamente verdade.

Capítulo 2

UM ALMOÇO COM O DESTINO

Pode não ser o *Nobu*, mas o refeitório do Stuyvesant é bonito. Era mais como uma sala de jantar privada do tipo que se encontra em museus, e não nas escolas comuns de ensino médio, e você pode ver o Hudson River pela janela. Meredith, Judith e eu almoçamos juntas quase todos os dias. Mas, nessa segunda-feira, Judith tinha uma sessão preparatória do Clube de Debate, e Meredith, que estava trabalhando nos trajes para o musical anual do colégio, teve que ir a uma reunião de elenco e equipe regada a pizza atrás do palco do auditório. Na verdade, era um dia perfeito para elas estarem ocupadas, porque no período entre o meu corte de cabelo e depois ter de mostrá-lo para a minha família na noite passada e, então, ficar olhando para ele no espelho do banheiro, eu não tive tempo de terminar a minha leitura de inglês.

Eu estava olhando para frente, procurando uma mesa sossegada no canto, mas, quando eu passei pelas portas do refeitório, o lugar inteiro estava um tumulto. Era mais caótico do que o *Falafel Day*. Decorações de temas de futebol pendiam por todo o lugar. O teto estava coberto com grandes laços de papel crepom vermelho e azul — as cores do time —, e uma enorme bola de futebol inflável estava suspensa sobre a fila da comida. Um pôster colorido gigante colado em uma parede distante avisava sobre o grande jogo de futebol contra o Brooklyn Tech, no sábado, no estádio da universidade de Columbia, enquanto um monte de folhetos lembrava os alunos sobre o evento *pep rally*² que ia acontecer nessa tarde. Eu tinha me esquecido completamente do *rally*. Nunca fui uma grande fã de esportes escolares — eu joguei voleibol na sétima série³, mas isso foi porque a gente não precisava fazer aulas de educação física se fizesse uma aula extracurricular. Além do mais, no *Mallard Day*, não havia times de esportes para que se pudesse competir com outras escolas. Mas aquela empolgação maluca pelo Stuy era uma coisa nova para mim.

Depois de pegar a minha comida — um sanduíche de pepino e *hummus* e uma garrafa de chá —, fui esbarrando em um monte de garotas vestidas de líder de torcida e encontrei uma mesa perto da janela. Eu deveria estar lendo o meu livro de inglês enquanto mastigava ruidosamente o meu sanduíche e tomava em pequenos goles o chá, mas em vez disso eu fiquei olhando para a água. Eu não conseguia deixar de me preocupar com o que a Meredith e a Judith disseram ontem sobre o Adam. Mesmo que elas tenham dito que nunca deixariam um garoto ficar entre elas novamente, como elas iam conseguir esquecer o Adam quando toda a escola parecia estar com febre de futebol? Adam era provavelmente um desses caras que adoravam ter garotas caindo aos seus pés para que eles pudessem se gabar disso com os seus colegas de time. Nunca lhe ocorreu que nunca houve amizades de verdade em jogo. Quer dizer, eu realmente o tinha visto na sala de aula, e ele simplesmente não era um cara nada legal.

Até que Adam McGregor e seus companheiros de futebol irromperam no

² Evento que ocorre nas escolas antes de um jogo para incentivar O espírito de torcedor dos alunos. (N.T.)

³ Ver nota 1. (N.E.)

refeitório, vestindo blusas brancas de botão combinando com gravatas de listras vermelhas e azuis. Agora, mesmo que eu quisesse terminar o meu dever de casa em vez de ficar ruminando a respeito do Adam e seus modos arrogantes, eu não ia conseguir, porque no minuto em que os jogadores de futebol entraram correndo, cerca da metade do refeitório pulou e aplaudiu. Os garotos sorriram como doidos enquanto eles iam para a fila da comida, enchendo as suas bandejas de carboidratos e Gatorade.

Balancei a cabeça em descrença. Isso era Nova York, centro cultural do mundo, lar do Met e do Guggenheim. Ficar animados por causa dos Yankees é uma coisa, mas isso é um time de futebol do ensino médio. Quem esses caras pensam que são?

Claro, alguns deles não eram assim tão terríveis. Quer dizer, não eram como os *mathletes*⁴, todos eles estavam em boa forma, mas um pouco musculosos demais para mim. E, sim, Adam tinha uma ótima aparência, do tipo que se vê nos catálogos da *J. Crew*. Mas não parecia correto que o colégio reorganizasse as turmas para que venerassem os jogadores de futebol no *pep rally* quando pessoas como o Bennett, que trabalhava no jornal da escola, mal usava a máquina de Xerox.

E para a minha sorte, de todas as mesas vagas, Adam e seus amigos decidiram se sentar perto de mim. Enquanto eles batiam as bandejas sobre as mesas um após o outro e se empurravam pelos ombros, suspirei e decidi que pelo menos eu não ia prestar nenhuma atenção neles. Peguei o meu livro de inglês da mochila e o abri no capítulo em que íamos ter um teste no próximo período, uma pequena história vivida por esse sujeito chamado O. Henry, igual à barra de chocolate. Talvez ele fosse um tipo excêntrico de magnata do chocolate como o Willy Wonka, que escrevia nas horas livres.

Suspirei de novo e, me obrigando a ignorar o barulho e as pancadas nas costas vindos da mesa ao meu lado, comecei a ler. A história se chamava "O dom dos magos", e era sobre um jovem casal que vivia na cidade e que era tão pobre que não podia comprar um presente de natal um para o outro. Eu tentei me interessar, mas quando cheguei ao final da primeira página, percebi que não ia conseguir prestar atenção nas palavras que estavam na minha frente.

Adam e seus colegas de time ficavam rindo e gritando uns com os outros, e eu estava cada vez mais irritada. Como era péssimo vir até um lugar público como esse e ficar agindo como se estivesse na sua sala VIP. Talvez todos eles fossem usados ou o que quer que seja, mas algumas pessoas precisavam estudar.

Acho que eu estava meio que fuzilando Adam com os olhos, pois notei que ele, após alguns minutos, estava olhando para mim. Rapidamente virei os olhos para a leitura e tentei esconder a minha cara de irritação, mas era tarde demais. Quando os levantei novamente, ele já estava se levantando e vindo até onde eu estava.

Adam tem cerca de 1,90 m de altura e um corpo atlético. Eu sempre achei que caras grandões como ele eram pesados e desajeitados. Mas o jeito como ele contornava o labirinto de cadeiras de madeira enquanto seguia na minha direção o fez parecer quase um acrobata ou ginasta. Ainda assim, eu não estava demasiadamente surpresa. Ele tinha esse tipo genérico de beleza, sem personalidade no rosto, nada legal, espirituoso ou único como o Bennett, ou até mesmo meu antigo namorado, o Jonathan. E eu discordava totalmente da Judith — ele não parecia nada com o Josh Hartnett, a menos se levasse em conta os ombros largos. Eu não levava. Quando ele chegou à minha mesa, sorriu e puxou uma cadeira à minha frente, então se sentou bem na beiradinha, como se ele fosse ficar só por uns segundos.

— Desculpa pelo barulho — ele disse, naquela voz baixa e nítida que a Meredith tinha achado tão perfeita para ler poesia. Ele acenou positivamente para o meu livro de inglês. — Deve ser irritante se você está tentando estudar. Só estamos empolgados para começar a temporada. Espero que você nos perdoe.

⁴ Pessoa que participa de competições de matemática. (N.T.)

— Bem, é que... — Enquanto eu olhava para o seu sorriso amável, eu podia sentir a minha irritação começando a ir embora. Eu queria dizer: *Sim, você está sendo ridiculamente barulhento*, mas sei lá porque o que veio a minha boca foi: *Ah, tudo bem. Não se preocupe com isso.*

— O que é isso que você está lendo? — Enquanto ele se inclinava na mesa para pegar o meu livro, eu percebi que ele estava usando um relógio Breitling, fundo azul, do tipo que um amigo maluco do meu irmão, Mickey Pardo, sempre usa. Eu estava surpresa, porque eu o associava a um tipo de cara que usava um relógio comum, como Hilfiger Fossil.

— É só uma história para a próxima aula de inglês. — Eu esperava que ele entendesse a dica da minha resposta curta de que eu queria o meu livro de volta.

— Eu estou no capítulo Welninski — ele disse, completamente alheio ao meu desejo de que fosse embora. Ele enrugou o nariz enquanto dava uma olhada na primeira página da história do O. Henry. — Nós começamos pela parte da poesia, mas eu li um pouco mais para frente. — Ele deu uma pancadinha na página com um dedo. — Eu gosto dessa história.

— Você gosta? — Um jogador de futebol adiantado na leitura?

— Claro. As coisas do O. Henry são bastante divertidas. Ele não é um Hemingway, mas os seus finais são ótimos. Eles são sempre um pouco distorcidos. Você já terminou esse?

— Nós vamos ter um teste sobre ele hoje e eu ainda não tive chance de estudar — admiti. — Eu fiquei fazendo umas planilhas de biologia a noite toda. — Alguém na fila da comida deixou uma tigela de cerâmica cair. Várias pessoas se levantaram e aplaudiram enquanto a garota com o rosto vermelho se inclinou para recolher os cacos.

— Nem me fale. — Adam revirou os olhos e eu percebi que Meredith estava enganada. Lá no sol, eu vi que os olhos dele não eram como duas luas de prata, como ela disse. Eles eram verdes, e se eu fosse poética e romântica como ela diria até mesmo que eles eram verde-amarelados, da mesma cor que o meu quentinho e fofinho suéter Cardigan.

— Essa aula é impossível. — Adam passou o dedo por um vão largo na mesa de madeira e olhou seriamente para mim. — Eu não sei como vou sobreviver a este semestre. Mal consigo dar conta de toda a leitura, muito menos compreender todas elas. Mitocôndrias, clorofila... É como aprender outra língua.

— No início é confuso, mas se você tiver alguém que explique bem, chega até a ser meio fácil — ressaltai, pensando no Bennett e em como os seus cartões de memória são de grande ajuda.

A cadeira do Adam rangeu enquanto ele se inclinava para trás e a balançava com as duas pernas. — Fácil? Então você poderia me ajudar.

— Ah... — Assustada, freneticamente fiz uma lista mental de pessoas, além de Meredith e Judith, que poderiam ajudar o Adam com o complicado ciclo de Krebs. Me deu um branco, mas para a minha surpresa eu me ouvi dizendo: — Hum, eu não sou nenhuma *expert* ou coisa assim, mas posso tentar.

— Ótimo! — Ele deslizou o livro de volta para mim por cima da mesa e se levantou. — Só faltam cinco minutos para terminar o almoço — acho melhor deixar você voltar para sua história. Estou te avisando, apesar de ser de partir o coração.

Cinco minutos? Eu não acredito que fiquei conversando com o Adam durante tanto tempo. — Eu tenho um teste daqui a pouco e eu nunca vou terminar a tempo. Será que você pode me dizer rapidamente o que acontece?

Ele me olhou contraindo os olhos. — Eu não quero estragar o final para você.

— Não, está tudo bem, de verdade. Eu prefiro passar a ter um final surpresa.

Ele se debruçou na mesa como se fosse me contar um segredo. — Você sabe como é o cara ter o relógio que ama? E a mulher ter um cabelo comprido bonito?

Eu acenei que sim com a cabeça. Pelo menos até agora eu já tinha lido.

— Bem, ele vende o relógio para comprar para ela essas presilhas de cabelo. Enquanto isso, ela decide comprar para ele uma corrente de relógio cara, mas para pagar ao joalheiro ela tem que vender o cabelo.

— Que horror! — exclamei.

— Não, é romântico — os dois desistiram de alguma coisa que adoravam para fazer o outro feliz. E quem sabe? Talvez o cabelo dela tenha ficado ainda mais bonito depois de cortado. Como o seu. — Ele piscou enquanto se virava para voltar a sua mesa. — Boa sorte para você, Flan.

Eu não podia acreditar que ele tinha reparado. Aparentemente, Adam tinha prestado mais atenção em mim — e no meu cabelo — do que na mitocôndria. Percebi que eu estava sorrindo de orelha a orelha. Mas antes que eu pudesse me recompor, alguém chegou por trás de mim e cobriu os meus olhos com as mãos.

Capítulo 3

MEU GAROTO

— Oh-meu-deus! — eu disse sobressaltada, me virando na cadeira. — Bennett! Eu achei que você tivesse uma reunião do jornal.

Meu coração estava acelerado. Será que ele tinha ouvido a minha conversa com o Adam? Todo aquele papo sobre romance e o meu cabelo ser bonito poderia ser definitivamente mal interpretado. Mas o Bennett apenas se sentou na cadeira ao meu lado e deu uma mordida em sua maçã.

— Eu queria ver você, então saí mais cedo. — Ele sorriu, exibindo o dente da frente que ele conseguiu lascar quando, certa vez, seu barco a remo virou no lago do Central Park.

Eu adoro o sorriso do Bennett. Faz ele parecer, de alguma forma, ainda mais singular. Talvez porque, sem isso, ele seria apenas adoravelmente perfeito. Seu cabelo loiro comprido e sujo deixa um visual meio despojado, como se ele fosse de uma banda ou um surfista, e ele tem sardas claras no nariz. Nessa tarde, ele estava usando uma camiseta do Weezer por cima de uma camisa de mangas compridas. Sua calça jeans Diesel era desgastada na bainha.

— Que tal o novo zagueiro? — Bennett perguntou, apontando a cabeça na direção da mesa do Adam. Então ele tinha me visto conversando com o Adam.

— É, ele está na minha turma de biologia. — Eu tentei manter a minha voz ainda mais inocente. Quer dizer, eu não tinha feito nada de errado, mas por algum motivo eu não queria que o Bennett soubesse que eu ia dar aulas a um cara alto, atlético que gostou do meu corte de cabelo. Bennett acenou a cabeça distraidamente e desembulhou o mais apetitoso sanduíche de linguiça de fígado que eu já vi.

— Ah, escuta — disse Bennett entre as mordidas. — Estou escrevendo a resenha de um filme para semana que vem. Você não quer assistir a um filme russo sobre clones malévolos?

— Clones? — Bennett era só um aluno do segundo ano, mas ele já era um dos melhores repórteres do *Stuyvesant Spectator*. Ele levava suas funções como jornalista a sério, principalmente as resenhas de filmes. No mês em que começamos a sair, eu fui com ele a vários cinemas. Assistimos de tudo, desde as comédias românticas sobre pessoas de quarenta anos se encontrando pelo MySpace até um filme de ação sobre um homem comido por um peixe-gato. Bennett se refere a esse filme como *Tubarão de água doce*. Às vezes, Meredith e Judith aparecem sem avisar e saímos todos juntos para tomar um café ou um sorvete mais tarde e fazer piada sobre as piores cenas e criar a nossa própria versão do filme. Meredith fez uma ótima versão de uma água-viva monstruosa. Era divertido me sentar no cinema com o braço do Bennett ao redor dos meus ombros, mas a maioria dos filmes que nós assistimos não fazia o meu estilo. Eu prefiro os clássicos dos anos quarenta, como *Casablanca* e *Jejum de amor*, com aqueles diálogos impertinentes e closes de beijos suaves.

Bennett percebeu a minha hesitação e tocou o meu joelho. — Que tal assim: a gente assiste aos clones malignos na semana que vem, e na outra semana vamos a uma mostra especial de *A Malvada*, à meia-noite no Angelika?

— Jura? — *A Malvada* é o meu filme favorito entre todos os outros. É engraçado, e pela história que a minha melhor amiga Sara-Beth Benny, que é atriz,

me contou, todo o filme é conivente e as competições entre as atrizes são bastante fiéis à realidade. E era perfeito — clones para o Bennett e Batte Davis para mim. Além disso, eu adorava o Angelika. É o único cinema em que você pode comprar cookies de chocolate fresco com nozes em vez de M&Ms de amendoim. Eu tinha comido sacos e sacos de M&Ms no último mês e eu estava animada com os cookies. Pensei no casal da história do O. Henry, em como eles deram um ao outro algo que faria o parceiro feliz, e bati carinhosamente no ombro de Bennett.

Só quando o sinal do intervalo do almoço tocou é que corremos para terminar os nossos sanduíches. Quando me levantei e coloquei o meu livro de inglês dentro da minha mochila de camurça marrom, ele colocou a mão no meu ombro e apertou um pouquinho os olhos.

— Ei, você parece diferente. — Ele me olhou de cima a baixo cuidadosamente. Ao nosso redor, cadeiras de madeira eram arrastadas contra o chão enquanto os alunos corriam para jogar os restos de almoço nas latas de lixo e saíam do refeitório. — Você está vestindo uma blusa nova ou coisa assim?

Será possível que ninguém mais, além de dois garotos, havia reparado no meu novo corte de cabelo? Ou eu estava muito gata ou eles eram muito mais desatentos do que disse a Meredith. — Tenta de novo — eu disse com um sorriso provocante.

— Maquiagem nova? Não é um *piercing*, isso é óbvio... — Bennett colocou as mãos nas costas da cadeira e me analisou.

Eu brinquei com as pontas do meu novo cabelo e espremi os olhos. Fiquei um pouco incomodada por ele não conseguir ver o que estava bem na sua frente, especialmente quando o Adam, que mal me conhecia, tinha reparado de cara. — Bem, escuta, se você não sabe, eu não vou lhe dizer.

Bennett deu de ombros. — Tenho que correr, mas eu sei que vou descobrir até o fim do dia!

Ele me beijou no rosto, então acenou do meio da multidão do refeitório enquanto ia para a saída. Eu comecei a segui-lo, mas por algum motivo parei e dei uma olhada para trás, para a mesa onde o Adam estava sentado. Ele ainda estava lá, e, enquanto todos os seus amigos apanhavam suas bandejas e mochilas, seus olhos se cruzaram com os meus. Talvez Meredith e Judith tenham algum tipo de doença contagiosa obsessiva pelo Adam, porque, por um segundo, eu não podia tirar os olhos dele.

Capítulo 4

RÁ-RÁ!

— Isso é tão demais — Judith exclamou, agarrando a minha mão e me levando até as arquibancadas do *pep rally* naquela tarde. Judith, Meredith e eu tínhamos nos encontrado do lado de fora do ginásio no início do sétimo tempo, então pudemos nos sentar juntas no evento obrigatório da escola. O Stuy, na verdade, tem dois ginásios, o que é incrível para uma escola no centro de Manhattan. Minha antiga escola particular sequer tinha um. Em vez disso, nós jogávamos *four-square* e voleibol em um pequeno pátio do lado de fora, e quando precisavam reunir toda a escola, geralmente alugavam o salão de festas do Sherry-Netherland Hotel no final da rua.

O antigo ginásio é muito bonito — claraboias que inundam o lugar com a luz do sol, e a imagem do Pete perna de pau, nosso mascote da escola, é desenhada em ladrilhos no chão. E, assim como o refeitório, o ginásio foi brilhantemente decorado para o início da temporada de futebol. Grandes *banners* que ainda brilhavam por causa da tinta fresca estavam pendurados nas paredes de alvenaria, e o grupo de dança percorria ao redor, jogando punhados de confetes em forma de bolinhas de futebol vermelhas e azuis.

Por pouco, senti um tremor de excitação atravessar o meu corpo. Era a minha primeira vez num *pep rally*, e todo o ginásio parecia vibrar com a energia. É engraçado, o Stuy tem a reputação de ser uma escola acadêmica, mas as pessoas aqui definitivamente têm o espírito escolar. Um bando de garotas tinha amarrado os cabelos com fitas vermelhas e azuis, e um monte de alunos se trocava e vestia casacos, camisetas e jaquetas do Stuyvesant — o que você quiser. Minha sapatilha marrom e minha blusa amarelo-limão com babados de chiffon pareciam legais quando eu saí de casa naquela manhã, mas agora, nesse mar de vermelho e azul, eu me senti um pouquinho deslocada.

Meredith, Judith e eu finalmente encontramos lugares no topo das arquibancadas. A banda da escola estava tocando a canção do time no volume máximo, e estava tão alto que o banco de metal vibrava embaixo da gente. Eu mal podia ouvir o que as minhas amigas diziam, mas pelo jeito como os olhos delas percorriam a multidão me deu a impressão de que elas estavam desesperadamente tentando achar o Adam. Notei um olhar desnorreado no Bennett enquanto ele entrava no ginásio e acenava para onde estávamos sentadas. Ele subiu nas arquibancadas atrás de três garotos que pintaram o rosto das cores da escola.

Bennett jogou a sua bolsa aos meus pés e sacudiu a cabeça em desgosto. — Uau. Isso é demais — ele disse, indicando os caras em vermelho e azul. Um deles gritou e sacudiu a cabeça violentamente no ritmo da música. — É só um comício — não é nem mesmo um jogo!

— Eu acho que eles exageraram um pouco — eu disse, embora estivesse meio que desejando ter vestido meu suéter de *cashmere* vermelho por cima do meu jeans.

— Ei, tem problema se a gente sentar com vocês? — Jules e Eric, um dos amigos do Bennett por quem Judith tinha tido uma paixão súbita antes do Adam, estavam de pé no final da nossa fileira, parecendo meio estranhos. Eles também não estavam usando as cores do colégio, mas Jules estava gatinho na sua calça cáqui e

estava usando uma *bowling shirt* estilo vintage que tinha uma pequena taça de Martini no bolso.

— Ei, Meredith. — Ele sorriu para ela. Seus olhos se enrugaram docemente atrás dos óculos de aros pretos.

— Ah, oi, Jules. — Meredith mal olhou para ele enquanto ela e Judith evitavam dar atenção para eles. Pelo jeito como ela olhava para ele eu poderia dizer que ele ficou um pouco desapontado por causa do seu cumprimento morno. Assim como Judith, cujos olhos estavam bem atentos em direção às portas duplas dos fundos do ginásio que davam para o vestiário dos jogadores de futebol.

— *Pep rallies* são mais que inúteis — Eric lamentou, esbarrando no meu colo quando trocou um cumprimento com o Bennett. De acordo com a Judith, Eric é o cara mais gato da turma do segundo ano, mas definitivamente ele me causa outra impressão. Ele está sempre se gabando a respeito das pessoas superelegantes que conhece e dos clubes incríveis em que ele esteve — embora mal costume ir a qualquer lugar —, e em algum momento ele deve ter decidido que vai ser o próximo grande supermodelo masculino. Ele está sempre agindo de um jeito muito convencido e borburrando em si mesmo uma colônia antisséptica perfumada. Mas desde que se tornou amigo do Bennett, eu decidi tentar ao máximo ser legal com ele. Se o Bennett consegue lidar com a Meredith e a Judith agindo feito doidas — dando risadinhas como malucas e de repente lançando olhares desconfiados uma para a outra, como elas estão fazendo agora — eu podia tranquilamente aturar um pouquinho o comportamento pretensioso do Eric.

— Oi, Flan. — Eric esticou a mão para eu apertá-la. Assim que eu a soltei, ele passou um gel antisséptico higienizador nas palmas das mãos. — Desculpe — ele disse. — Eu tenho um teste para outro trabalho de modelo de mão, e eu não posso me descuidar.

— Isso é... ótimo — eu disse, tentando me conter para não esmagar seus dedos perfeitos com um livro pesado.

— Ei, cara. — Bennett e Jules trocaram um tipo complicado de aperto de mão. — Você ainda tem aquelas fotografias dos bastidores de filme para o *Russian Clones*?

Jules trabalha no jornal da escola com o Bennett tirando fotografias e fazendo coisas de *design* gráfico.

— Claro. Te mando um e-mail hoje à tarde. — ele disse. E continuou olhando para Meredith por cima dos ombros. — Ei, Meredith, que surpresa você aqui. Achei que tivesse ido embora porque você não gosta de esportes.

— Ela não gosta — Judith disse a ele. Meredith olhou para ela rispidamente. — Bem, sem ofender, Meredith, mas é verdade. Você não é exatamente uma torcedora de futebol.

— Eu gosto de futebol! — Meredith exclamou. — Eu gosto daquele filme *Jerry Maguire*. Tem jogadores de futebol nesse filme.

— Não é a mesma coisa que assistir a um jogo de verdade. — Judith puxou uma echarpe florida, vermelha e azul, da sua mochila e a jogou ao redor do pescoço.

Meredith ficou olhando para a echarpe, como se estivesse desejando que ela desaparecesse.

Só então a nova música da Gwen Stefani irrompeu das caixas de som e o esquadrão de pompom começou a dançar, indicando o início do *pep rally*. Gwen Stefani geralmente me irrita, mas as líderes de torcida faziam uma coreografia atlética e bonita, quase um balé, e foi divertido torcer com elas junto do resto da escola. E "o resto da escola" quer dizer todo mundo, menos o Bennett e os seus amigos, porque naquele momento eles já estavam zombando de tudo.

— Aquela garota é uma solista ou ela está uns cinco passos atrás das outras? — perguntou Jules.

Bennett riu. — Talvez seja uma dança interpretativa. "Essa é a parte em que rejeito o sonho da minha mãe de me ver fazendo faculdade de medicina e, no lugar disso, escolho balançar os pompons."

— Ah, qual é, gente — eu disse. — Isso exige habilidade atlética de verdade. Dá um tempo.

Eric pegou uma salada e começou a comer. Bennett e Jules se viraram e ficaram olhando para ele. — O quê? — ele perguntou. — Eu preciso comer coisas verdes a cada vinte minutos ou eu perco o tônus da minha pele.

De repente, Meredith e Judith pularam e o resto da escola levantou cerca de dois segundos depois, sacudindo *banners* e gritando feito loucos. Os jogadores de futebol entraram correndo no ginásio, jogando bolas de futebol para frente e para trás. Quando o Adam correu pela linha de fundo, o colégio inteiro começou a cantar "McGregor! McGregor!". Lá embaixo, sob as luzes do ginásio, ele parecia gracioso e competente, como se fosse totalmente destinado a conduzir o nosso time até a vitória.

— Você acredita que esse cara é só um calouro ? — perguntou Jules, tentando puxar conversa com a Meredith. — Ele deve ser um jogador dos diabos.

— É. — Ela e Judith suspiraram com um ar sonhador. Pela cara de apaixonadas delas, era claro que a paixão não ia acabar tão cedo. Enquanto o time de futebol se alinhava, o Adam deu um sorriso charmoso, amigável e totalmente à vontade para a multidão e eu tive de admitir que não podia mesmo culpá-las.

Capítulo 5

O QUÊ? SEM DANÇARINAS DO VENTRE?

Depois da escola, fui para a minha casa, que fica na Perry Street, no Greenwich Village, e a cada passo que dava eu ficava cada vez mais preocupada com tudo o que tinha rolado com o Adam. Mesmo se eu estivesse começando a compreender o motivo de Meredith e Judith gostarem dele, a estranha competitividade entre elas no *pep rally* era definitivamente um mau sinal. A briga delas por causa do Tony pareceu muito horrível, mas aconteceu quando elas estavam no ensino fundamental e foi por causa de um cara que mal encontravam. Agora as duas têm aulas com o Adam e o veem diariamente. O que será que vai acontecer se uma delas acabar saindo com ele? Elas iam mesmo jogar fora a amizade que tinham por causa de mais um cara? Talvez eu estivesse me precipitando um pouquinho com todas as minhas preocupações, mas sair com Meredith e Judith tem facilitado de um jeito muito divertido a minha transição para o Stuy. Eu não queria que nada se metesse entre a gente, e definitivamente não queria ter de escolher uma delas como amiga. Eu me encontrava num total estado de ansiedade quando alcancei o meu quarteirão, e percebi que precisava mesmo falar com alguém sobre isso. Então, em vez de subir as escadas para entrar em casa, segui até a casa seguinte e toquei a campainha. Era hora de retribuir a visita a minha melhor amiga, Sara-Beth Benny.

A menos que tenha vivido num abrigo antiaéreo desde o fim dos anos oitenta, você já ouviu falar da Sara-Beth Benny. Ela era a criança adorável do programa de sucesso *Mike's Princesses*, e, desde então, ela tem feito um monte de filmes e estampado a capa de várias revistas. Ela é totalmente aterrorizada por causa dos *paparazzi*. Em todos esses anos, ela montou uma coleção de perucas, roupas e óculos escuros gigantes para se esconder atrás deles, e quando saímos juntas ela está sempre se esquivando atrás de carros estacionados, móveis e vasos de plantas.

De volta em setembro, SBB se mudou do seu apartamento na Upper East Side porque os fotógrafos armavam emboscadas que a estavam levando à loucura. Mas antes de finalmente ter se mudado para uma enorme casa de pedras ao lado da minha, ela chegou a morar um tempo na minha casa, enquanto procurava um apartamento e se escondia dos *paparazzi*. SBB tem sido a minha melhor amiga desde então, porém mesmo que eu a adore tenho que admitir que é muito estressante dividir o quarto com ela. É muito mais divertido tê-la na porta ao lado — agora posso bater na sua porta sempre que eu quiser conversar ou apenas saber detalhes sobre a sua vida fabulosa e excitante.

Quando a porta finalmente se abriu, um homem de expressão exausta usando um macacão sujo me cumprimentou com rispidez. — Você é a Flan? — eu acenei positivamente com a cabeça. Ele gesticulou sobre um ombro com um pincel que estava manchado de ouro metálico. — Sua majestade está lá.

— Obrigada. — Eu passei rápido pela sala de estar.

— Oh-meu-Deus. — Desde que se mudou, Sara-Beth tem sido meio neurótica com a decoração da sua nova casa, mas ela tinha chegado a um nível inteiramente diferente. As escadas pareciam mais um *hookah bar* do Lower East Side à meia-noite do que uma casa. As paredes estavam cobertas de preto, como painéis pretos de madeira, e festões de veludo carmesim pendiam do teto sobre as janelas. Os sofás

que estavam lá dois dias atrás tinham sumido, e no lugar deles, grandes almofadas de seda com bordados elaborados e enormes borlas foram posicionadas em ângulos visíveis ao redor da sala. O acabamento ao redor das janelas e os lambris até o topo do teto tinham sido pintados de ouro, e uma imensa estátua de bronze de um jaguar de pé no canto superior esquerdo da sala exibia os dentes e tinha nos olhos reluzentes joias de rubi.

Eu tossi e apertei os olhos. Um imenso cone de incenso estava queimando numa bandeja de metal martelado, e a fumaça ondulava em cada centímetro de ar na sala. O lugar todo me fazia lembrar da lagarta do cogumelo de *Alice no país das maravilhas*. Em que tipo de toca do coelho eu caí para ter chegado aqui?

— Sara-Beth? — eu chamei baixinho, tentando inalar algum oxigênio. — Você está aqui?

Em algum lugar lá em cima das escadas um gongo soou e eu vi a Sara-Beth descer devagar a escada circular da sala de estar. Ela estava vestindo uma túnica de seda azul-escuro com estrelas douradas costuradas, combinando com uma calça de seda. Sininhos pendiam da borda das mangas, tinindo enquanto ela andava. O seu batom cor-de-ameixa combinava com a almofada que ela escolheu para se sentar. Eu puxei uma almofada verde escuro e me sentei ao lado dela.

— Flan, querida! O seu novo corte de cabelo está bárbaro! Me lembra um sonho que eu tive. — Sara-Beth exclamou.

— Obrigada! Mas Sara-Beth — eu disse, um pouco sufocada com a quantidade de incenso no ar —, o que afinal está acontecendo? O que houve com a sua mobília?

— Ah, mobília é tão construtivo. — Sara-Beth foi atingida pela fumaça do incenso que ondulava na sua direção. — Quando eu estava procurando um novo sofá para comprar, eu conheci a Nada. Ela me mostrou um caminho melhor.

— Nada? — Isso estava ficando cada vez mais estranho. Em seguida, Sara-Beth me disse que essa senhora tinha um cão chamado Zilch.

— Não é um nome lindo? Ela me disse que significa "bebedor da lua". — Sara-Beth sorriu. — Enfim, ela é a minha nova decoradora. Eles ainda têm muito trabalho a fazer, mas esta casa vai se tornar um lar logo, logo.

Eu olhei em volta e acenei devagar com a cabeça. Eu não queria dizer isso, mas o lugar parecia mais uma sala em que se fuma ópio do que uma casa. Antes que eu pudesse elogiar a nova decoração, uma mulher vestindo um quimono roxo de veludo entrou empurrando uma arara de roupas com vários tipos de metais pesados e tecidos.

— Ah, Nada! Aí está você. Estávamos justamente falando de você.

Nada sorriu, suas mangas tilintavam como as da Sara-Beth. Ela tinha mais ou menos a idade da minha mãe, com cabelo crespo castanho e grisalho, quase batendo na cintura. Suas pantufas brilhantes de cetim cinza faziam uma curva para cima na ponta dos dedos, como sapatos de elfos.

— Esses são para pendurar na parede e para as almofadas. — disse Nada, apontando para os tecidos que estavam na parte da frente da arara de roupas. — O resto é para o seu alfaiate.

— Seu alfaiate? — perguntei.

Sara-Beth se virou para mim avidamente. — Não é maravilhoso, Flan? É para combinar com a casa. Vai ser muito bom para o meu Chi.

— Hum... como em *À noviça rebelde*, quando as crianças vestiram roupas feitas de cortinas? — Torci para ter dado uma impressão de apoio.

Sara-Beth aplaudiu. — Sim, exatamente! Oh, Flan, eu sabia que você ia entender. A Nada não é um gênio?

Nada sorriu e passou a mão no cabelo. Eu percebi que ela tinha uma pirâmide da Nova Era tatuada no pulso. — Eu gosto de dividir minhas energias com os outros sempre que posso. A casa deve ser uma extensão da sua aura, e nada deve obstruir as vibrações...

Sara-Beth sorriu vagamente e acenou para ela ir embora. Nada parecia um pouco abatida enquanto empurrava a arara de roupas para fora da sala, tilintando da mesma maneira quando entrou. Assim que ela saiu, Sara-Beth caiu de costas sobre mais duas almofadas.

— Toda essa redecoreação está me deixando maluca — ela queixou. — Você não faz ideia do que é ter gente na sua casa o tempo todo, mexendo nas suas coisas. Me faz lembrar do *Mike's Princesses*, quando aqueles caras do som espalhavam microfones por toda a minha cozinha e espionavam as minhas conversas.

— Você quer dizer a cozinha do cenário do *Mike's Princesses*?

— Bem, é, mas foi a única cozinha que eu conheci. — Os olhos da Sara-Beth se encheram de lágrimas. — Eles não podiam dar um pouco de privacidade a uma garotinha?

Eu pisquei, mas felizmente Sara-Beth voltou a si antes que eu pudesse responder. — Mas então, eu estou tão aliviada por ver você. Diga — ela implorou, agarrando o meu braço —, o que está acontecendo lá fora, no mundo real? Como está... tudo? Como está... a escola?

— A escola vai bem. — Estiquei as pernas sobre uma almofada pink empoeirada. — Na verdade, eu queria falar com você sobre Meredith e Judith.

— Ah, Meredith e Judith! — Sara-Beth se espreguiçou com prazer. — Elas são tão adoráveis. A feliz e a esperta. Como Tweedledum e Tweedledee. Vamos sair todas juntas!

— Sem dúvida. — eu acenei positivamente. — Mas ontem, quando estávamos no salão de beleza, Meredith estava falando desse garoto de quem ela gosta, o Adam — mas aí, deixaram escapar que a Judith também gosta dele. Elas estão fingindo que está tudo bem, mas estou com medo de que a coisa toda fuja do controle, que elas briguem para valer e que a nossa amizade acabe — eu disse apressadamente.

Sara-Beth bateu com as mãos no rosto simulando uma expressão de horror, e eu não pude me segurar e caí na gargalhada. A situação parecia mesmo muito ridícula e exagerada quando eu contei em voz alta.

— Acho que estou me preocupando demais — admiti. — É que elas são as minhas únicas amigas de verdade no Stuy. Além disso, algo parecido já aconteceu com elas antes, quando brigaram pelo mesmo cara e praticamente se mataram. Então, acho que só estou com medo de que a história se repita.

Sara-Beth acenou sabiamente, os pingentes de seus brincos de ouro balançavam ao redor do rosto. — Ah, Flan, as garotas podem ser muito bobas. Quando eu tinha a sua idade, estava sempre brigando com as minhas amigas.

— Mesmo?

— Claro! Minha amiga Ashleigh-Ann Martin e eu estávamos sempre tentando pegar os mesmos papéis no cinema e na TV. Se eu fosse fazer um teste para um novo programa de TV, ela estava lá também, flertando com o assistente de elenco. Se o meu agente estivesse falando de um jeito esperançoso com o diretor, então o agente dela estava na outra linha. Por algum tempo, nós ficamos muito competitivas. Isso quase arruinou a nossa amizade quando eu consegui o papel principal do *Blennophobia* e eles acidentalmente assinaram o nome dela como se ela fosse da equipe de fornecimento de comida. — Sara-Beth deu uma risadinha com essa lembrança.

— E aí, o que você fez? — perguntei, percorrendo meus dedos sobre o enfeite dourado e saliente que alinhava as costuras da minha almofada.

— Bem, finalmente chegamos a um acordo. Se tivesse um projeto que as duas quisessem muito, mas muito mesmo — Sara-Beth se inclinou para frente conspiratoriamente —, então nenhuma das duas iria tentar o papel.

— Jura? Nenhuma de vocês?

— Nenhuma. Porque se uma de nós duas conseguisse, então não seríamos mais amigas, e nenhuma ficaria feliz.

— Uau. — Coloquei o cabelo para trás da orelha. — Quer dizer, Meredith e Judith disseram que não deixariam um garoto ficar entre elas novamente, mas elas parecem tão chateadas com isso.

— Você pode pegar o meu exemplo emprestado, se quiser. Defina uma regra oficial como eu fiz com a Ashleigh-Ann e aí faça elas jurarem que vão manter a promessa.

— Você acha que elas iam concordar com isso?

— Provavelmente. Como você se sente virada para o oeste? Estamos viradas para o oeste agora? Nada diz que sempre pensamos melhor quando estamos virados para o oeste.

Eu sorri e me inclinei num impulso para dar um abraço nela. — Você é uma amiga tão boa, Sara-Beth. Você certamente está virada para o oeste.

— Bem, eu tento. — Ela cruzou os braços, fazendo os sininhos na borda das mangas tocar, e eu acenei positivamente com a cabeça apenas uma vez, como um gênio da lâmpada concedendo um desejo. — Agora é a sua vez de me dar alguns conselhos.

— Manda.

Ela me cutucou no ombro com um dedo ossudo. — O que você acha da nova decoração? Eu quero a verdade.

Dei uma olhada ao redor. — Bem...

— Por favor, *por favor*, seja sincera. — Sara-Beth prendeu a respiração, o que era sempre um sinal de que, se eu não fosse cuidadosa, ela podia começar a chorar.

— Tá certo. — Eu puxei uma borda da minha almofada. — É legal e tudo, mas eu acho que não...

— Não o quê?

— Bem, não é você.

Sara-Beth arregalou os olhos e por um segundo eu pensei que o seu sistema hidráulico ia começar a funcionar. Porém, ao invés disso, ela apenas suspirou.

— Eu sei. — Ela se jogou sobre os seus cotovelos e balançou o queixo nas mãos. Por um instante, ela ficou totalmente lúgubre, mas então ela se iluminou novamente. — Ah, bem. Eu acho que vou saber quando eu vir, não é?

— Ah, sem dúvida — eu disse. Mas não acho que nenhuma de nós sabia que não podíamos ver o seu eu verdadeiro por algum tempo.

Capítulo 6

A ZONA DO CREPÚSCULO

Quando deixei a casa da Sara-Beth por volta das cinco e meia, eu planejava chegar em casa, subir rápido as escadas para o meu quarto e ficar lá até a hora do jantar, fazendo o dever de casa até ficar tão entediada que não teria escolha a não ser ir ao Messenger falar com todos os meus amigos sobre quanta coisa eu ainda tinha para fazer. Mas assim que a porta se abriu, eu sabia que algo estava errado. Por um único motivo: todas as luzes estavam acesas; e, na minha casa, a única hora em que todas as luzes ficam acesas é às quatro da manhã, quando uma das festas do meu irmão termina e ele quer inspecionar os danos. Eu também podia ouvir barulhos de panelas e frigideiras batendo no fogão da cozinha, o que não fazia o menor sentido, já que a maioria das nossas refeições ia das embalagens diretamente para os pratos de porcelana. Mas a coisa mais estranha nisso tudo era como estava limpa.

Nossa casa geralmente não é suja — nós temos uma faxineira, Sveta, que vem uma vez na semana para bater as almofadas do sofá com uma vara e amaldiçoar nossos sujos caminhos em russo — mas depois de ela ir embora, dificilmente permanece limpa. Sempre tem vinho tinto derramado no carpete (geralmente cortesia da minha irmã, Feb), ou uma pilha de roupas sujas, ou marcas de pneu nos móveis (que acontece quando o Mickey, amigo do Patch, anda com a sua Vespa na nossa sala). Mas naquele dia, estava tudo impecável. Eu ainda podia ver os rastros do aspirador a vácuo sobre o tapete que meus pais trouxeram da sua última viagem à Malásia.

— Mãe? — eu chamei hesitante. — Pai?

— Flanny! Você está em casa! — Feb cantarolou, surgindo na porta da cozinha. Eu fiquei tão surpresa que deixei cair a minha mochila, que fez um barulho forte quando atingiu o chão. O senso de estilo da Feb é bastante oposto ao conservadorismo — ela tem o cabelo preto e curto, cílios postiços e um armário cheio de vestidos de lantejoulas. É mais provável eu vê-la dançando pelo nosso apartamento num salto agulha Roger Vivier do que numa sapatilha Kate Spade. Mas naquele dia a sua transformação foi ainda mais impressionante do que a da sala da Sara-Beth. Aqui estava a minha selvagem irmã mais velha em uma gracinha de avental azul xadrez, que combinava com uma tiara segurando seu cabelo para trás, cujas extremidades ela tinha virado para fora. As unhas estavam pintadas com um rosa pink poderoso, e na mão esquerda ela segurava uma colher de pau suja com alguma coisa vermelha. Olhando bem, acho que era molho de tomate, mas nesse momento eu pensei que devia ser o sangue de quando ela bateu a cabeça, porque não tinha como a minha verdadeira irmã mais velha estar preparando o jantar.

— Ei — ela soou adorável, tomando um gole da taça de Martini que estava segurando o que foi menos surpreendente, na outra mão. — Como foi o seu dia na escola?

— Tudo... bem... — eu disse devagar, tentando imaginar exatamente o que estava acontecendo. Feb podia me fazer perguntas do tipo: "Eu sei que você não estava lá, mas você ouviu falar do que aconteceu depois que eu desmaiei?" ou "Onde você colocou as porcarias das aspirinas?", mas nunca me fazer perguntas sobre a escola. Alguns tipos de fofquinhas de irmãs simplesmente não eram o seu forte.

— Vamos para a cozinha. — ela gesticulou com a colher de pau. — Estou fazendo uns biscoitos!

Cuidadosamente, eu a segui até a cozinha, onde fiquei atônita ao encontrar nossos equipamentos em aço inox repletos de evidência de que alguém tinha, de verdade, cozinhado. Toda a superfície estava coberta de papel alumínio amassado e farinha espalhada, chips de chocolate, abridor de latas, colheres e copos de medida que eu nem sabia que tínhamos, e um liquidificador que parecia ter sido arrastado por um caminhão. E ali, cercado por biscoitos de chocolate fresquinhos, estava o meu irmão Patch.

Patch provavelmente é o cara mais popular e bonito do seu grupo de amigos, e ele sempre desaparece por vários dias e depois volta com um monte de história de aventuras malucas. Não é que ele sai à procura disso — é que ele é tão legal e gente boa que as pessoas estão sempre o convidando para ir aos Hamptons ou a festas no Brooklyn que duram um fim de semana inteiro, e às vezes ele simplesmente se esquece de nos avisar que não vai voltar. Sendo assim, eu não tenho a certeza do porquê de estar parado na cozinha fazendo palavras cruzadas no *The New York Times*. Meu Lulu da Pomerânia de cor alaranjada, chamado Noodles, estava enrolado aos seus pés, dormindo.

Quando o Patch me viu parada na porta, aparentando sem dúvida estar completamente em estado de choque, ele fez uma saudação suspendendo o seu copo de leite, como um pai de algum *sitcom*, e me deu um sorriso animado.

— Vocês... — eu suspirei desacreditada, pegando um biscoito queimado de uma bandeja. — O que está acontecendo ? Começamos a assinar a *Good Housekeeping* ou coisa assim? Ou, espera, papai e mamãe fizeram alguma coisa que eu vou com certeza odiar?

Patch e Feb trocaram olhares significativos.

— Eu acho que a gente devia contar para ela — disse Patch.

Feb puxou uma cadeira da mesa e fez sinal para que eu me sentasse. Ela se sentou ao meu lado e segurou as minhas mãos. Eu senti os grãos de fermento em pó nas palmas das mãos dela. — Tenho que te contar uma coisa, Flanny, e eu sei que você não vai gostar.

— Se você e o Patch foram substituídos por robôs, estou bem aqui com vocês — eu disse com um sorriso.

Feb apertou a minha mão. — Mamãe e papai viajaram essa manhã para Pequim. Eles estão indo ao Camboja e de lá vão para a Tailândia, e eu não tenho certeza de quando eles vão voltar.

Eu senti o meu rosto enrugando. — Eles disseram que iam ficar aqui por um tempo. Eu não acredito que eles fizeram isso de novo, sem nem ao menos falar comigo!

Desde que eu era pequena, meus pais sempre viajaram muito. Alguns anos antes de eu ir para a escola, chegamos a viver num barco, navegando de um porto a outro, embora tudo o que eu me lembre dessa experiência é como o balançar do oceano me fazia derrubar o suco. A questão é: eu estou acostumada com isso, e Patch e Feb meio que me criaram a partir do momento em que eles tinham idade suficiente para ficarem em casa sozinhos. Mas logo depois que eu comecei a ir para a escola, meus pais voltaram da nossa casa de veraneio em Connecticut e anunciaram que iam cuidar de mim pela primeira vez. E, mesmo que eu saiba que a maioria das crianças no mundo comeria dez caixas de insetos para estarem no meu lugar, eu estava feliz em ouvi-las dizer que iam ficar por perto durante algum tempo.

Agora tudo começava a fazer sentido: os jantares em família que tivemos em restaurantes diferentes pela cidade há algumas noites, o vale-presente para cortar o cabelo que a minha mãe tinha me dado "só por eu ser uma ótima garota!". Eles estavam se sentindo culpados. E agora eles se foram.

Eu me abaixei e embalei o Noodles nos meus braços. Ele acordou e começou a lambear o meu rosto com a sua pequena língua rosada. — Mas eles tinham acabado de chegar. Por que eles foram embora tão rápido?

— Há uma conferência sobre os direitos humanos em Pequim com o Bon Jovi, o Bono e alguns congressistas... foi tudo de última hora e improvisado, e quando as coisas estão indo a toda velocidade você não pode dizer não. Mamãe me disse que não ia deixar você pelo mundo — mas que abriu uma exceção porque o mundo precisa dela neste momento!

— Espera, a mamãe conversou com você sobre isso? — Obter informações da Feb é como brincar de telefone sem fio com um monte de alunos da quarta série depois de eles comerem sanduíches de pasta de amendoim: não é muito confiável.

— Bem, eles descobriram que iam partir só alguns dias atrás. E você sabe como eles odeiam despedidas longas.

Eu balancei a cabeça. — Eu queria que eles estivessem aqui no meu ano de caloura.

Ela e o Patch sorriram um para o outro, como se eles estivessem esperando por isso.

— É aí onde nós entramos — disse Patch. — Nós sabíamos que você ia ficar chateada por a mamãe e o papai estarem fora da cidade. Então pensamos em te dar o melhor.

— O vovô e a vovó? — perguntei, um pouquinho mais animada.

— Não, bobinha! — Feb me deu um tapinha com a sua taça de Martini e derrubou gim sobre o meu jeans. — Nós!

— Espera aí, o que você está dizendo?

— Feb e eu achamos que podemos ser como os nossos pais — explicou Patch. — Ou, na verdade, mais parecidos com eles do que outra pessoa. Um pai e uma mãe que estarão por perto o tempo todo. Feb está aprendendo a cozinhar e ela vai começar a levar o Noodles para passear, e eu estou indo amanhã pegar algumas ferramentas para consertar uma torneira da banheira que está pingando. Dessa vez, vamos mesmo tomar conta de você, Flan. Estamos falando sério.

Embora eu estivesse triste por meus pais terem partido novamente, já estava acostumada com isso e não pude deixar de sorrir diante da expressão sincera e preocupada dos meus irmãos. Eu vi aonde isso ia dar, e era hilário. Seria como o ano em que o Patch resolveu não deixar mais que as garotas se apaixonassem por ele — meu irmão e minha irmã mantiveram esse comportamento *Leave it to Beaver* por dois dias, no máximo, e depois se esqueceram totalmente disso. Mas por enquanto, decidi concordar com eles.

— Tá bem. — Noodles se agitou todo feliz no meu colo enquanto eu acariciava atrás das suas orelhas macias. — Então, qual é o *menu* de hoje? Estou morrendo de fome.

— Bolo de carne! — Feb triunfantemente se levantou da cadeira e caminhou até o forno. Mas quando ela abriu a porta do forno, um furacão de fuligem preta saiu lá de dentro, e pela segunda vez naquele dia eu estava completamente submersa numa fumaça com cheiro azedo.

Cerca de duas horas mais tarde, depois de uma ida de emergência a um supermercado e de uma segunda ida de emergência a uma farmácia para comprar uma pomada contra queimadura e Band-Aids, o bolo de carne da Feb ficou pronto, e na verdade estava com uma cara muito boa. Patch arrumou a mesa e eu cuidei dos acompanhamentos enquanto a Feb cortava as fatias do bolo de carne. Nós nos sentamos e desdobramos os guardanapos sobre o colo. Era como estar num restaurante ou coisa parecida, exceto pelo Noodles perambulando ao redor dos nossos pés, agitando as patas e implorando por uma migalha. Às vezes eu achava que ele não era um cachorro, mas uma versão animê ultrafofa de um bebê raposa.

— Então, Flan, você nunca me disse como foi o seu dia — disse Feb, mexendo no purê de batata do seu prato com uma colher.

— Não tem muito o que falar. Nada empolgante aconteceu. Só tive aulas. Eu acho que me dei mal num teste de inglês. — Dei uma mordida no aspargo. Estava mesmo muito gostoso, mesmo estando um pouco mole. Eu engoli. — E vocês dois?

Patch inclinou a cabeça para o lado, pensativo. — Bem, o Mickey vai consertar a bicicleta. Mas agora ele está pensando em conseguir um ATV.

— Espera aí — interrompeu Feb, do outro lado da mesa, me fuzilando com os olhos. — Você se deu mal num teste?

Eu quase parei de mastigar. Feb estava realmente levando a sério esse papel de mãe. — Está tudo bem. Estou indo bem nas aulas. Eu só tive que passar mais tempo com o meu dever de casa de biologia ontem à noite, então eu realmente não tive chance de estudar. Meu Deus, Feb, não precisa ficar tão preocupada.

Embora eu estivesse um pouco preocupada comigo mesma nesse momento, mencionar biologia me fez lembrar de Adam, Meredith e Judith. Por sorte, eu tinha as regras da Sara-Beth Benny, "Nada de Adam", no caso de as coisas saírem do controle e as minhas amigas começarem a ficar mais obcecadas com cada movimento do Adam, como elas ficaram por causa do Tony. Adam definitivamente não valia a confusão, embora tenha sido legal o jeito como ele reparou no meu corte de cabelo — Bennett ainda não descobriu o que estava diferente em mim. Eu me esforcei para afastar aqueles pensamentos para longe e me concentrar no que Feb estava dizendo.

— Bem — disse February. —, eu venho ralando nesse estágio.

— Você está fazendo estágio? — Fiquei tentando imaginar a Feb tirando cópias, digitando ou usando um grampeador, mas de alguma maneira essa imagem não se fixava. Mas se ela foi ao mercadinho e fez bolo de carne, qualquer coisa é possível. — Onde é? Quando começou?

— Faz uns quatro dias. — Feb limpou os lábios com o guardanapo, então pegou a sua taça de Martini novamente. — Uma amiga minha estava trabalhando nessa firma de advocacia, mas ela tinha um outro trabalho como *flair bartender* e foi atingida na cabeça por uma garrafa. Então estou no lugar dela até ela voltar.

— Uau. Qual é a firma de advocacia?

— Jenkins e Lowe. O que eles mais fazem são contratos, *royalties*, coisas desse tipo. Ei, acho que eles representam a Sara-Beth Benny.

— Ah. — Eu fiz uma nota mental para não mencionar isso com a SBB. Ela odeia o seu advogado tanto quanto odeia o seu agente.

Terminamos de almoçar uns vinte minutos depois. Tinha sido um jantar muito agradável — surpreendentemente nada queimou, ficou sem consistência ou sem tempero. Até mesmo o Noodles pareceu ter gostado das migalhas que eu joguei para ele por baixo da mesa. Estávamos curtindo tanto a companhia uns dos outros que o Patch ligou o som e ouvimos uma nova banda *indie* que ele descobriu e até lavamos a louça juntos em vez de deixá-la empilhada sobre a pia, como é de costume. Então começamos a jogar Monopólio, que eu não jogava desde que tinha oito anos de idade, bebemos *cappuccinos* da nossa própria máquina de café expresso e comemos os biscoitos de sobremesa. Meus irmãos são bem legais para sair juntos, e isso estava tão bom que eu comecei a ter esperança de estar errada e que essa rotina de cuidados paternal pudesse continuar por algum tempo. Eu estava acabando de comer o meu terceiro biscoito e sentia o meu estômago se expandir de um jeito que eu não podia chamar de confortável quando a campainha tocou.

— Eu vou ver — disse voluntariamente agarrando o Noodles nos meus braços.

— Cuidado — disse Feb. — deixa a correntinha na porta. Pode ser um psicopata.

Eu revirei os olhos. Mas quando abri a porta, larguei o Noodles e gritei.

Capítulo 7

A FESTA DO SORVETE

Parado na frente da nossa casa, segurando um monte de lírios amarelos, estava o Bennett.

— Que romântico! — Eu dei um enorme abraço nele. — Lírios são os meus favoritos. O que você está fazendo aqui?

Bennett me entregou o buquê e se abaixou para acariciar o Noodles, que estava pulando nas suas pernas. — Eu estava numa loja de discos na Bleecker e pensei em passar aqui para ver se você quer tomar um sorvete.

— Entra... finalmente você vai conhecer a Feb! Estamos jogando Monopólio. — Eu segurei a porta para ele entrar.

— Monopólio? — disse Bennett, me seguindo para o interior da casa. Ele deu uma olhada ao redor e pareceu tão surpreso quanto eu havia ficado pela limpeza da casa. As últimas vezes em que ele veio aqui, a sala de estar estava coberta por caixas de pizza e latas vazias que os amigos do meu irmão tinham deixado. Eu o levei até a sala de estar e o apresentei à Feb.

Quando o Bennett esticou a mão para cumprimentar a minha irmã, ela segurou a sua mão cordialmente e, se eu não estava enganada, um pouco desconfiada.

— Não está meio tarde para dar uma "passadinha"? — ela perguntou com uma sobrancelha suspensa. Eu dei uma cutucada nela.

Bennett mexeu os pés e deu um sorriso nervoso. — Eu prometo que trago ela logo. Podemos trazer sorvete para vocês?

— Não, acabamos de comer biscoitos. — Feb cruzou os braços e me deu um olhar severo. — Só não demorem muito. Amanhã você tem aula.

— Tá certo... mãe. — Eu agarrei a mão do Bennett e o puxei pela porta afora, me perguntando se eu não tinha falado cedo demais sobre ter gostado da rotina de superpais. Na rua, andamos de mãos dadas enquanto seguíamos pela calçada.

— Aquilo foi estranho — ele disse. — Sua irmã pareceu tão... Bem, pelo o que você disse, eu tinha imaginado que ela fosse um tipo de deusa das festas, mas ela meio que estava agindo como a Barbara Bush. Só que menos gentil.

— Ah, a Feb é doida e totalmente imprevisível. Ela vai parar de bancar a dona de casa assim que ficar entediada, ou seja, acho que daqui a uns dois dias. — Eu ri. — Tirando aquele interrogatório que ela fez lá, até que ela estava bonitinha. Ela até fez biscoitos.

Bennett olhou para mim timidamente pelos cantos dos olhos. — Espero que você tenha espaço aí para tomar um sorvete.

— Eu sempre tenho. — Sorri. Assim como a Meredith e a Judith, no início ele ficou um pouco intimidado por causa da minha família maluca e dos meus amigos famosos, mas agora que ele está conhecendo todo mundo, parece que está se adaptando bem. E eu sabia que quando a Feb voltasse ao normal, ela ia gostar muito dele.

Descemos pelo o meu quarto e paramos um minuto na galeria de arte da minha rua, que tinha um monte de esculturas de bronze legais na janela. Algumas delas tinham peças removíveis — como grandes hélices laterais —, e Bennett disse que o faziam lembrar os móveis de Alexandre Calder que ele tinha visto numa visita

guiada ao *Whitney Museum*, o que me fez apertar a sua mão. Ele era um cara tão inteligente!

— Eu gosto muito desse bairro — ele disse enquanto nós virávamos a West Fourth Street. Um bando de estudantes da New York University estava bebendo café no Bean Garden e no Starbucks do outro lado da rua. — Tem sempre tanta coisa acontecendo. Na parte de cima do West Side, sinto que não tem nada além de Citibanks, supermercados e pessoas da idade dos meus pais — todos os lugares fecham às oito da noite.

— Mas eu gosto do seu bairro também. — Bennett mora perto do Riverside Park, e quando teve uma festa lá no início do semestre eu achei o prédio dele bonito. Parecia um grande bolo branco. Todos os prédios no meu bairro são pequenos e meio antigos. Quando eu era criança, Greenwich Village costumava me lembrar a cidade do Pinóquio: todas as ruas eram estreitas e sinuosas.

— Bem, eu acho que a grama do vizinho é sempre mais verde, né? — Bennet me beijou na testa. — Talvez eu goste de vir aqui só para passear com você.

Meu coração ficou derretido enquanto nós passeávamos pela Bleecker Street, passando pela Cynthia Rowley e Intermis e todas as outras pequenas butikues onde eles me conhecem. Passamos numa loja de discos e o Bennett ficou olhando a vitrine.

— Eu já toquei para você aqueles antigos discos do Velvet Underground do meu pai? — ele perguntou. — Ele é do tipo que coleciona, mas me empresta. A gente devia ouvir na próxima vez que você for ao meu apartamento.

— Claro. Eles parecem muito legais. — Continuamos a caminhar e atravessamos a Seventh Avenue. Nós queríamos ir ao Cones, mas quando chegamos lá a fila saía pela porta, então seguimos para o Mary's Dairy no West Fourth Street. Eu adoro sorvete — é sem dúvida a minha comida favorita — e aquele lugar é um dos meus favoritos por causa de todos os sabores estranhos que eles têm, como *cappuccino* Kahlúa, abóbora, sorvete de ameixa Damson, baunilha suíça de amêndoa e o meu favorito, pedaços de chocolate com avelã. Excepcionalmente, nessa noite eu pedi um sorvete de noz pecã com canela e minitruflas de chocolate recheado com framboesa. Bennett achou que parecia muita mistura, mas para mim era delicioso. Ele pediu um sorvete simples de baunilha, como sempre. Não havia nenhum lugar para se sentar — Mary's Dairy é pequena, com algumas poucas mesas redondas, e os alunos da NYU tinham invadido aqui também — então decidimos tomar nossos sorvetes do lado de fora. Bennett insistiu em pagar tudo e até mesmo segurou a porta para mim quando saímos.

— Ei, bem que a gente podia ir até a loja de quadrinhos — ele disse enquanto caminhávamos pela calçada, segurando nossos copos de sorvete. — Jules foi lá um dia desses, e viu que eles têm uma cópia dessa antiga edição do *Lanterna Verde* dos anos setenta que eu queria dar uma olhada.

— Claro. — Eu disse, mas sinceramente senti meu coração apertar um pouco. Super-heróis são legais e tudo, mas eu já estive numa loja de quadrinhos com o Bennett e sabia que assim que ele encontrasse alguma coisa que o interessasse, ia ficar lá parado lendo a revista de ponta a ponta — ou pior, ia começar a discutir o assunto em questão com o sujeito que trabalha atrás do balcão. Eles iam ficar argumentando sobre pequenos detalhes e desenterrar um milhão de outras edições para descobrir quem estava certo. — Ou eu posso ficar esperando por você na calçada enquanto você corre lá dentro e pega a revista. — Um táxi parou ao nosso lado, e um homem vestindo um casaco Burberry e carregando tulipas cor de pêssego saiu apressado em direção ao August, um bistrô francês que fica na esquina.

— Ah, não, não tem como eu comprar. Essas edições antigas custam cerca de cem dólares cada uma. Eu só quero folheá-la na loja. Você provavelmente vai achar muito interessante — nos anos setenta, as sequências em quadrinhos começavam a ganhar relevância social e ficaram, tipo, irritantes.

Bennett começou a tagarelar sobre as histórias do *Lanterna Verde*, explicando as várias linhas de enredo, mas a minha mente começou a dispersar quase

imediatamente. Eu não conseguia registrar todos aqueles personagens na cabeça. Eles são todos parecidos usando máscaras, roupas de malha colada e capas. E por alguma razão, toda a conversa do Bennett sobre o *Lanterna Verde* me fez pensar na cor verde e num certo zagueiro com os olhos de cor verde-amarelada... Olhei as horas no meu relógio. Eram quase nove horas, e eu queria chegar em casa para terminar as minhas planilhas de biologia para o caso de o Adam precisar de ajuda com elas amanhã na aula. Opa. Acorda, Flan. Por que eu estava pensando no Adam quando estou saindo com o Bennett? Antes que eu tivesse tempo para descobrir, Bennett me obrigou a voltar à realidade com um puxãozinho na ponta do meu cabelo.

Eu pisquei. — Por que você fez isso?

— Eu finalmente sei o que está diferente em você! — Ele sorriu enquanto jogava o braço ao redor dos meus ombros, visivelmente orgulhoso de si. — Só agora. Você está com franja e o seu cabelo meio que... está repicado ou coisa assim.

— Acertou. — Fiquei esperando que o Bennett reparasse, mas agora que ele reparou, eu me senti um pouco triste.

— Rá. Eu sabia que ia acabar descobrindo. — Bennett parou de andar e me guiou até o outro lado da rua para uma loja com uma reluzente vitrine de revistas em quadrinhos e um cartaz do Capitão América onde estava escrito RIP num papel ao redor do seu pescoço. — Droga! — ele resmungou.

— Bem, é isso. Mas... — Ele apontou para outro cartaz, bem menor, na vitrine: DE FÉRIAS. A LOJA DE QUADRINHOS O MUNDO DE KEVIN VAI REABRIR NORMALMENTE NA SEXTA-FEIRA. Espontaneamente, eu pensei no Adam lendo à frente da turma o livro de inglês, e uma pequena parte de mim ficou se perguntando por que o Bennett só tinha interesse em livros sobre aranhas radioativas e vilões desfigurados que queriam dominar o mundo.

— Ah, droga.

Bennett balançou a cabeça. — Bem, eu acho que a gente vai ter que voltar depois, então.

Eu fiz uma pausa. — Hum, certo. — Ao menos isso me dava mais alguns dias para pensar numa desculpa. Como, por exemplo, eu estaria me recuperando da mordida de uma aranha radioativa.

Capítulo 8

FAZENDO UM GRANDE NEGÓCIO

Na terça-feira, depois da escola, Meredith, Judith e eu decidimos ir até a Soda Shop fazer nosso dever de casa e tomar um milk shake. Eu tinha acabado de fazer um teste de história e estava exausta. Os mesopotâmicos provavelmente foram um povo interessante no passado, mas tentar me lembrar de todas essas coisas sobre códigos de leis e baixos relevos estava começando a me dar dor de cabeça. Eu precisava mesmo passar um tempo relaxando com as minhas amigas, que pareciam estar num mar de rosas porque Judith e Meredith aparentemente voltaram a se dar bem. Eu ainda não tinha aplicado a regra "Nada de Adam", porque, milagrosamente, desde o *pep rally* nenhuma delas mencionou o nome dele.

Nós nos encontramos em frente ao armário de Judith e descemos as escadas rolantes juntas, rindo e fazendo piadas sobre o nosso dia de aula. Aparentemente, a professora de história da arte da Meredith tinha deixado os slides errados no projetor do PowerPoint, então eles passaram metade da aula olhando para as imagens das férias dela no Havaí em vez das pinturas renascentistas italianas que eles supostamente deveriam estar estudando.

Empurramos juntas as portas duplas do primeiro piso, rindo das descrições que Meredith fez da saia de palha da professora Billings, quando alguém passou por nós e nos deu um esbarrão. Eu não estava prestando muita atenção, mas Meredith e Judith pararam onde estavam, boquiabertas. Era o Adam. Ele parou e sorriu para nós daquele seu jeito amigável.

— Desculpa — ele disse. — Eu não vi vocês.

— Tudo bem — disse Judith meio lerda, parecendo que ia ter um ataque do coração.

— Bem, tenho que ir para o treino. — Ele suspendeu a garrafa de água que segurava na mão esquerda, como se estivesse brindando. — Vejo você depois.

— É — Meredith suspirou. —, vejo você na aula amanhã.

Ele foi embora, mas as minhas duas amigas não se moveram. Elas ficaram lá paradas, olhando, até ele subir as escadas rolantes e desaparecer. Por fim, eu não podia continuar calada.

— Uau, você acha que ele foi para o céu. E a gente? Ainda vamos para o Soda Shop? — perguntei. Nenhuma resposta. — Olá? Gente? Terra chamando Judith e Meredith! — Eu estalei os meus dedos.

— Você viu aquilo? — disse Judith, ofegante. — Você viu o que acabou de acontecer?

— Sim! — A voz de Meredith era sonhadora, e seus olhos estavam brilhando. — Eu não acredito.

Dei uma olhada na direção da escada rolante, então olhei novamente para elas. — O que você quer dizer?

— Adam gosta de mim — as duas disseram ao mesmo tempo.

E assim de estalo, o feitiço de Adam foi lançado de novo. Elas piscaram os olhos e, em seguida, viraram uma para a outra e se entreolharam com raiva.

— Do que você está falando? — perguntou Judith. — Ele olhou direto para mim!

— Ele disse que vai me ver depois! — Meredith franziu as sobrancelhas. — Você não ouviu o que ele disse? Ele disse: "eu vejo você depois". E eu disse: "É, na aula de inglês". E então ele sorriu — até porque ele adora poesia, mas principalmente porque ele não vê a hora de me ver de novo.

— Você está delirando completamente! — Judith explodiu. — Ele disse: "vejo você depois" para todas nós! Você só está vendo as coisas desse jeito porque a sua imaginação está fora de controle!

— Bem, então talvez ele estivesse olhando para todas nós! E você pensou que ele estava olhando para você, porque você se acha mais importante!

— O que está acontecendo com vocês duas? — Eu gritei mais alto do que elas. Ao nosso redor, grupinhos de alunos alegres do Stuy davam adeus uns para os outros de jeito amigável, enquanto aqui as minhas amigas estavam quase se matando. O que eu deveria fazer se Meredith, Judith e eu deixássemos de ser amigas? A escola seria como um lugar grande e solitário sem elas.

Eu agarrei as mãos delas e as puxei para o lado de fora. Elas me seguiram quando eu me virei e comecei a andar em direção ao Soda Shop. — Vocês duas perderam o juízo? Isso é ridículo. Vocês são amigas há anos... e faz um mês que vocês conheceram o Adam.

Táxis e ônibus faziam barulho enquanto percorriam a Chambers Street, e uma limusine estacionou no meio-fio ao nosso lado; os reflexos nas janelas eram de três garotas mal-humoradas.

— Há muito mais do que isso — disse Meredith, mudando sua bolsa de tecido verde-salva para o ombro esquerdo. — Entre mim e o Adam, quer dizer. Eu acho mesmo que ele gosta de mim. Ele conversa comigo na aula de inglês praticamente o tempo todo, e a gente tem muito em comum. Um dia desses, ele me pediu um lápis emprestado, e você sabe que artistas preferem lápis a lapiseiras, não sabe? Ele bem que pode ter usado o lápis para escrever um poema para mim durante a aula.

Eu me encolhi um pouquinho diante dessa confissão, mas a Judith fez uma coisa mais cruel. Ela caiu na gargalhada.

— Você está louca. Não passou pela sua cabeça que ele só precisava de um lápis? — Judith perguntou, jogando o seu cabelo loiro por cima dos ombros.

— Ah, é? — Meredith parou em frente ao Yoga Connection, cujas salas de exercícios, de acordo com a Feb, são tão quentes quanto o Death Valley. Pela janela havia uma turma cheia de mulheres transpirando e se dobrando sobre uma coisa que tinha a forma de um *pretzel*. Ainda que não me sentisse totalmente atraída por aquilo, eu preferia estar lá suando a estar aqui, ouvindo as minhas amigas brigando por causa do Adam.

— Bem, se eu sou tão maluca — provocou Meredith —, então por que você acha que ele gosta de você? Ele te pediu em casamento ou coisa do tipo? Mandou flores para você?

— Não. — Judith sorriu orgulhosa. — Mas ele me disse que o tempo estava ótimo para uma partida de futebol mais tarde.

— E o que isso significa? — Meredith perguntou.

— Que ele quer que eu venha ao jogo no sábado, é óbvio. — Ela ficou nos encarando de um jeito significativo. Meredith olhou para mim e deu de ombros. — Porque ele tem uma queda secreta por mim —, Judith explicou. Ela esfregou as mãos uma na outra, como se o assunto tivesse encerrado.

Meredith e eu não dissemos nada por muito tempo. Em algum lugar ao longe, uma sirene apitou. Dois pombos arrulharam no parapeito de uma janela acima das nossas cabeças. Finalmente, eu disse. Se tinha um momento perfeito para trazer à tona a ideia da SBB, esse momento era agora.

— Escutem, eu tenho uma sugestão, tá certo? Já que vocês duas gostam do Adam, mas nenhuma de vocês o conhece bem, se bem que ainda...

— Eil — as duas disseram ao mesmo tempo. Eu suspendi um dedo.

— Eu disse ainda. Enfim, que tal vocês fazerem um acordo oficial "Nada de Adam", em que nenhuma de vocês pode ir atrás dele? Desse jeito vocês vão saber que nenhuma está flertando com ele, e aí param de brigar. Talvez vocês até conheçam outros caras gatos de quem vão gostar tanto quanto. — Eu sorri esperançosa.

Meredith e Judith ficaram me olhando como se eu tivesse sugerido que elas tocassem uquelelê vestidas de maiôs feitos de conchas e algas marinhas durante o *pep rally*.

— Hum, obrigada pelo conselho, Flan — Judith disse um pouco irritada —, mas eu acho que a gente mesmo pode dar um jeito nisso. Sem querer ofender, mas isso não é da sua conta.

Aquilo me deixou meio triste, mas eu tentei não demonstrar. — Como você pode dizer que isso não é da minha conta? Gente, eu me importo com vocês. Se vocês ficarem agindo como se fossem se matar, é claro que isso vai me incomodar.

— Fiquei olhando para o chão da calçada. Alguém tinha desenhado um coração no cimento quando ele ainda estava fresco. Eu o contornei com o bico do meu sapato. — Se vocês querem bancar as idiotas por causa desse cara, tudo bem. Eu só acho que é uma pena, entendeu?

Meredith olhou para baixo, como se ela se sentisse mal por isso, e Judith não parecia nada feliz. Eu sabia que estava fazendo que elas se sentissem culpadas, mas o que mais eu poderia dizer? Era a verdade.

— Eu acho que isso é justo — Meredith disse baixinho. — Já que nós duas não podemos ficar com ele, então nenhuma de nós deveria tentar.

Por um momento, Judith lançou um olhar desconfiado, mas depois relaxou. Ela suspendeu o seu dedo mindinho. — Regra "Nada de Adam"?

— "Nada de Adam" — Meredith concordou, torcendo o dedo mindinho ao redor do dedo da Judith e balançando-o.

— Oba! — Eu joguei os meus braços ao redor delas. — Agora podemos ir ao Soda Shop? Estou morrendo de vontade de tomar um milk-shake de morango.

Peguei meu celular enquanto voltamos a andar e o abri. Havia onze ligações perdidas. Eu rolei a lista das ligações; meu coração estava acelerado. Duas ligações tudo bem, mas onze? E todas da... Feb? Eu apertei o botão SEND e esperei enquanto chamava. Estávamos no Soda Shop, mas eu parei antes de entrar.

— Espera um segundo — eu disse. O Soda Shop é mesmo um dos lugares mais charmosos de Nova York e eu estava meio que animada para entrar. Era igualzinho àqueles antigos quadros do Norman Rockwell: tinha jarros de chiclete de bola, um balcão de mármore e uma antiga máquina de refrigerantes. Ir até lá era como voltar no tempo onde todas as garotas usavam tranças e *saddle shoes*⁵...

— Ei, o que está acontecendo? — perguntei a Feb enquanto um *dogwalker* com uma matilha de dálmatas e chow chows passaram por nós. — Está tudo bem?

— Flan, cadê você?

— Estou indo ao Soda Shop com a Meredith e a Judith. Por quê?

— Você está saindo de novo com seus amigos? Depois da aula? É aquela coisa... eu acho que foi muito legal da minha parte deixar você sair com o Bennett ontem à noite, mesmo você tendo levado bomba no teste de inglês. Mas você devia vir para casa agora e estudar. Eu não quero que as suas notas caiam. Além disso, está ficando tarde.

Eu olhei para o meu relógio. Eram só 4:03 da tarde.

— Desculpa — você "me deixou" sair? Você só pode estar brincando, Feb. Além disso, eu vou estudar umas coisas lá.

— Eu não acho que seja uma boa ideia. — Feb fez uma pausa, e eu pude ouvir o barulho de panelas batendo, água jorrando na pia e o Noodles latindo do outro lado

⁵ Sapatos de couro de duas cores, geralmente preto e branco, muito popular entre as garotas da década de 1950. (N.T.)

da linha. — Eu quero que você venha para casa onde é mais sossegado. Talvez eu até possa te ajudar a estudar inglês se você estiver com dificuldades.

— Mas, Feb — eu protestei, alterada —, inglês é muito mal a sua primeira língua...

— Corta essa! Eu estou falando sério, Flan. Estou preparando o jantar agora e espero que você esteja em casa em trinta minutos. — Ela desligou.

Meredith e Judith olharam curiosas para mim enquanto eu fechava o meu telefone com raiva e o jogava de volta dentro da minha bolsa Luella Bartley verde-azulada. Uma coisa foi a Feb preparar o jantar e perguntar como foi o meu dia — o que foi bastante legal —, mas que direito ela tinha de ficar mandando em mim e dizer que eu não podia sair com as minhas amigas depois da aula? Ela podia comprar todos os aventais que quisesse, mas, isso não ia fazer dela a minha mãe.

Por outro lado, embora toda a briga entre Meredith e Judith tenha mexido com o meu humor durante toda a tarde, ao menos a regra "Nada de Adam" estava funcionando.

— Escuta, gente, eu sinto muito, mas pelo visto a Feb precisa de mim em casa — eu disse, revirando os olhos. — Mas obrigada de novo por concordarem com a regra "Nada de Adam". Vocês têm certeza de que está tudo bem agora?

— É claro. — Judith ajeitou a alça da sua blusa azul-marinho French Connection e jogou o cabelo por cima do ombro.

— É, e obrigada pelos seus conselhos, Flan. Eu acho que ajudou bastante — Meredith acrescentou. — Nos vemos amanhã de manhã.

Dei um passo para trás e olhei para elas. Elas me olharam com um sorriso inocente estampado em seus rostos enquanto davam o braço uma para a outra.

— Quer pegar o metrô até Uptown? — Meredith perguntou a Judith.

— Parece um bom plano — Judith respondeu com um aceno positivo da cabeça.

— Tá certo... então, tchau — eu disse a elas enquanto me virava para ir embora.

Mas quando eu olhei para trás, elas tinham largado o braço uma da outra.

Capítulo 9

A COISA MAIS FOFA DA AULA... E NÃO ESTOU FALANDO DO ADAM

Eu acordei na manhã seguinte com um imenso nó em meu estômago. Em princípio fiquei me perguntando se não era apenas o efeito da versão nada apetitosa do *soufflé* de queijo que a Feb tinha feito para o jantar na noite passada. Mas enquanto eu vestia o meu blazer *Miu Miu* cinza-escuro com forro de bolinhas coloridas, me dei conta de que não foi o queijo que me fez sentir como se eu estivesse com uma miniatura do Noodles se revirando dentro da minha barriga. Era o adorável zagueiro das minhas amigas.

Eu estava tão preocupada e distraída que enquanto seguia para a escola, tropecei na coleira de um Shih Tzu na esquina da rua Spring com a Varick, e então quase atravessei na frente de um ônibus M20 que estava a uma velocidade reduzida. Assim que cheguei à escola, outra coisa contribuiu para o meu estresse com a Meredith e a Judith: a origem da discórdia em pessoa, Adam. De repente, era como se ele estivesse em todo lugar: perto do terceiro andar tomando água no bebedouro, no refeitório, nas escadas rolantes do quinto andar. Não é que eu estivesse achando que ele me seguia — o que seria muita presunção da minha parte —, mas aí comecei a ficar meio preocupada por *ele* achar que *eu* é que o estava seguindo. O que, obviamente, eu não estava. Em todo o caso, comecei a tentar evitá-lo, mas é claro que não deu certo, porque eu não sabia para que lado ele iria, e depois da aula de inglês peguei um desvio inútil dando a volta ao redor do ginásio só para trombar com ele nos banheiros do segundo andar e deixar cair todos os meus livros no chão, como uma magnífica atrapalhada.

— Oh, me desculpa! — Eu podia sentir o meu rosto ficando vermelho enquanto ele esfregava o seu braço no local onde eu esbarrei.

— Não se preocupe com isso. — Ele pegou o meu livro de geografia e me entregou. Ele estava vestindo uma camiseta cinza e justa, e eu reparei que o seu cabelo estava um pouquinho bagunçado, como se ele tivesse esquecido de pentear ou coisa assim. — Sabe, estamos precisando de um novo jogador na linha de defesa do time. Tá interessada?

— Obrigada, mas não — eu disse, segurando os meus livros. — Vejo você na aula de biologia, eu acho.

Saí apressada do corredor e virei na esquina, me sentindo um tanto constrangida e irracionalmente irritada. Era como se ele soubesse da regra "Nada de Adam" e estivesse secretamente tentando impedi-la a cada turno. Feliz por não estar mais no *Mallard Day*, percebi que a minha vida era muito menos complicada quando não havia garotos por perto.

Eu tentei afastar aquele pensamento durante a aula de matemática. Eu me concentrei em triângulo isósceles em vez dos triângulos amorosos, no Bennett e no buquê de lírios amarelo-limão que ele me deu em vez de pensar no jeito como a Meredith e a Judith falavam do Adam. Mas a aula de biologia era logo após a de matemática, e eu sabia que não ia ter como escapar do Adam e dos seus olhos verdes da cor do mar.

Aparentemente, não tinha como escapar da obsessão das minhas amigas pelo Adam, até porque esperando do lado de fora da sala de aula de biologia estava a Judith com um *gloss* recém-passado nos lábios.

— Flan! Aí está você! — ela exclamou, correndo para me abraçar como se tivessem passado anos, e não poucas horas, desde que nos vimos. Quando ela me soltou, ergueu o pescoço para olhar acima de mim para dentro da sala de aula.

Eu segurei a minha mochila. — Judith, a sua aula de história não é no quarto andar? Você não está atrasada?

— Hum, é — ela disse distraída, olhando em todas as direções, sem dúvida procurando por um certo jogador de futebol. Ela desviou os olhos para um local dois centímetros acima do meu ombro esquerdo, enquanto pegava em sua pasta verde de couro uma caneta Bic mastigada no topo. — Eu esqueci de te devolver isso e já faz três semanas que eu peguei emprestado. Achei que talvez você fosse precisar na aula do laboratório.

— Obrigada... eu acho. — Delicadamente peguei a caneta estropiada. — Bem, eu tenho que entrar. Você provavelmente tem que ir também.

Judith acenou positivamente com a cabeça, como se quisesse entrar comigo na aula de biologia. Ela ficou parada lá enquanto eu atravessava a porta, e foi então que ela se inclinou tanto sobre o limiar da porta para acenar um tchau, que eu cheguei a pensar que ela pudesse realmente cair dentro da sala de aula.

Quando ela finalmente se foi, eu joguei a caneta no lixo e balancei a cabeça. Adam e os amigos dele estavam sentados no fundo da sala, então eu me sentei numa cadeira da fileira da frente, o mais longe possível deles, e não tirei os olhos do meu caderno até a aula começar. Nosso professor, Sr. Phelps, comunicou que íamos fazer um novo projeto — era hora de criar sapos bebês provenientes de girinos e observá-los em todas as fases da vida. Ia levar mais de um mês, e os nossos diários de anotação iam valer um terço da nossa nota. E porque a minha vida já não estava complicada o bastante, o professor Phelps achou que ia ser superdivertido atribuir a nós novos parceiros de laboratório, e o meu par seria — isso mesmo, você adivinhou — Adam.

Que sorte a minha.

Eu fiquei tentando manter o meu rosto inexpressivo enquanto Adam e eu íamos para a nossa nova mesa no laboratório, nos fundos da sala. Reparei que ele penteou o cabelo desde a última vez que o vi, e naquele momento decidi também me manter sob a regra "Nada de Adam", mas numa versão "Nada de Amizade com o Adam". Eu faria tudo para manter a nossa conversa num nível profissional — sapos, biologia, era isso. Judith, usando uma caneta qualquer como desculpa para ver o Adam, reforçava o quanto ela e Meredith precisavam se agarrar à regra "Nada de Adam". E eu não podia exatamente pedir a elas que ficassem longe dele tão somente para que eu me tornasse amiga do rapaz, certo?

— Ei, eu não cheguei a perguntar como foi o seu teste de inglês — Adam disse enquanto se sentava em um dos bancos de metal do nosso lugar.

— Acho que foi legal. — Eu não queria ser totalmente grosseira, então dei a ele um sorrisinho. — Obrigada de novo por ter me ajudado com aquele final.

— Sem problema. — Ele colocou seus cotovelos a uns poucos centímetros dos meus, sobre a mesa de fórmica preta. — Eu adoro uma boa história.

Deixei os meus braços caírem sobre o meu colo. Qual é o problema dele? Eu pigarreei e me fiz parecer tão sensata quanto científica possível.

— Então, sapos. *Rana catesbeiana* —, eu disse animada.

— Rana cata-o quê? — Os lábios de Adam se curvaram num sorriso enquanto ele me olhou confuso do outro lado do balcão.

— *Rana catesbeiana*. — Eu bati numa página do nosso livro. — Esse é o nome científico da rã americana.

Adam acenou devagar e positivamente com a cabeça, olhando para mim como se eu fosse maluca. O que provavelmente era uma boa coisa em termos de NDA, especialmente se estivesse assustando-o um pouco.

Fiquei agradecida quando o professor Phelps veio e colocou um jarro cheio de água suja na nossa mesa. Dentro, um pequeno girino estava se contorcendo, jogando o rabo de um lado para o outro e batendo com a cabeça contra o vidro.

— Olha isso. — Adam se inclinou para examinar o girino enquanto o professor Phelps se mexia na mesa atrás da gente. — Nosso garoto. Que nome devemos dar a ele? Kermit⁶?

— Muito óbvio. — Eu peguei a jarra e olhei o rapazinho bem de perto. Ele era pegajoso, mas bonitinho, de olhos esbugalhados e as pernas traseiras atarracadas. — Por que não o chamamos de Bogie?

— Como o Humphrey Bogart? Ótimo. Eu adoro filmes antigos.

— Você gosta? — Fiquei olhando surpresa para o Adam. Eu adoro filmes antigos tanto quanto sorvete.

— É claro. Eu adoro Bogie em *A floresta petrificada*. Você já assistiu esse?

Coloquei a jarra com o girino Bogie no balcão. — Isso é tão estranho, eu aluguei esse filme no final de semana passado! — Por que os caras que gostam de filmes antigos parecem sofisticados?

Adam sorriu e cruzou o seu olhar com o meu, e foi aí que eu comecei a ficar nervosa. Quem era esse cara?

— Lembrem-se de usar luvas de borracha e óculos de proteção enquanto trabalham com os espécimes — o professor Phelps lembrou a turma enquanto entregava um pote com tampa de furos com comida para sapo. — Tentem fazer o máximo de anotações sobre o comportamento dos sapos. Vocês vão classificá-los de acordo com o tamanho e a precisão de seus dados.

Eu peguei os óculos protetores na minha mochila e fiz uma careta. — Ugh! Eu odeio essas coisas.

— É, eles deixam tudo meio embaçado. — Adam pegou o seu na mochila.

— E ainda faz a gente parecer idiota. Em mim, quero dizer — como um inseto gigante.

Adam colocou os seus óculos protetores em seguida e olhou para mim. Com o seu rosto anguloso e os cabelos cacheados, os óculos até que não ficaram tão mal assim. — Deixa eu ver.

Eu suspirei e suspendi os meus óculos para cima da cabeça. A tira de elástico suspendeu meu cabelo na parte de trás. Adam riu.

— Não, estão bonitos!

— Bonito como o Bogie, quem sabe. — Os meus óculos estavam um pouco apertados, então eu os tirei para ajustar a alça.

Foi então que o Adam debruçou sobre a mesa. Antes que eu pudesse reagir, ele delicadamente tocou na minha testa. — Ah, não — você já está com as marcas dos óculos.

Eu dei um passo para trás e arranquei as minhas luvas. — Bogie parece meio faminto. Talvez seja melhor dar comida para ele. — A minha testa formigou um pouco no local onde ele havia tocado.

Adam desparafusou o jarro com o girino e salpicou um pouco do farelo de comida para sapo sobre a superfície da água. Bogie comeu muito rápido, pincelando com a língua como se fosse um sapo já crescido. Era incrivelmente fofinho e engraçado, e eu não pude me segurar e comecei a rir com o Adam.

— Aqui diz que ele vai desenvolver pulmões em duas semanas — Adam leu em umas das fotografias que o professor Phelps tinha passado. — Eles crescem rápido mesmo, né?

⁶ Personagem do seriado *Os Muppets* (Caco, na versão brasileira). (N.E.)

— Logo, logo ele vai entrar na faculdade — concordei.

Adam começou a preencher um dos cartões — Que nada, ele vai ser parecido comigo e será um atleta sem graça como eu. Vai conseguir uma bolsa de estudos em alguma porcaria de faculdade interessada em futebol, caso ele tenha sorte.

— Não seja ridículo. Você é um cara inteligente — eu disse, surpresa comigo mesma pelo que isso significa. Entre gostar de ler e de filmes antigos, Adam parecia ser muito interessante.

— Eu não sei. — Ele suspirou. — A maioria das pessoas olha para a minha camisa e se convence de que eu só sou bom em jogar bola e confrontar as pessoas.

Franzi a testa. Não foi isso o que eu disse sobre o Adam quando a Meredith me disse que gostava dele? Tinha sido claramente um pré-julgamento da minha parte, e eu estava errada. — Eu acho que vocês devem trabalhar mais do que a maioria das pessoas, porque precisam treinar e entregar os deveres de casa em dia.

— É mesmo muita coisa. E para ser honesto eu estou meio nervoso por causa do nosso primeiro jogo no sábado. — Adam me lançou um olhar. — Alguma chance de você ir?

— Ah, eu não sei... — Eu hesitei, imaginando a expressão de decepção de Meredith e Judith se elas soubessem que o Adam perguntou se eu ia ao jogo, embora ele estivesse apenas sendo gentil. Invocando a regra "Nada de Adam", eu disse: — Futebol não é mesmo uma coisa que me anima. — Sem querer olhar para ele, dei um tapinha na jarra do Bogie e o observei enquanto ele nadava até o vidro para me olhar com seus olhos esbugalhados.

Mas o Adam continuou de um jeito intrépido. — Bem, o Brook1yn Tech provavelmente é o melhor time da temporada deste ano, então deve ser uma boa partida. Você devia mesmo conferir. Você pode até se surpreender gostando. — Adam olhou nos meus olhos por um momento enquanto me devolvia a planilha. — Ia significar muito ver você lá.

O sinal tocou e todos os alunos a nossa volta começaram a fechar os seus livros e a guardar seus papéis nas pastas. Eu rapidamente agarrei a minha bolsa e joguei as coisas dentro dela. Adam suspendeu sua mochila até os ombros e me olhou com expectativa.

Eu esfreguei a minha testa, lutando para encontrar uma resposta. Uma resposta evasiva parecia ser a melhor escolha. — A gente deve usar as cores da escola, certo?

Ele sorriu. — Vermelho e azul. Vou ficar de olho em você.

Soltei um longo suspiro enquanto terminava de recolher as minhas coisas e guardava o Bogie na prateleira com os outros girinos. Essa aula de biologia até que podia ter sido divertida, mas eu me dei um F por não manter a regra "Nada de Adam".

Capítulo 10

TODO MUNDO GOSTA DO ADAM — TODO MUNDO MESMO

Depois da escola, encontrei o Bennett ao lado do meu armário, adorável como sempre. Ele estava encostado na parede, vestindo uma camisa Dickies xadrez e uma jaqueta marrom de veludo. Seu cabelo loiro sujo caiu sobre os seus olhos enquanto ele folheava uma antiga revista em quadrinhos, e sua boca estava de um jeito que o fazia parecer muito concentrado; isso o deixava com um ar de inteligente e meio bobinho ao mesmo tempo. Mas assim que ele olhou de soslaio e me viu, deu o sorriso mais doce e amável — como se não houvesse ninguém no mundo que ele preferisse ver. Eu me peguei novamente radiante. Ok, está certo, Adam era totalmente gato, mas o Bennett, com o seu dente lascado e com os seus olhos azuis impacientes, era incrivelmente adorável.

— Ei — ele disse, empurrando a parede com o pé esquerdo. — Só passei para ver se você está a fim de ir ao Bean Garden para tomar um *latte*.

— Eu queria poder ir, mas a Feb tem agido como se fosse um tipo de mãe de algum desenho animado. Agora ela quer que eu chegue em casa logo depois da escola. — Suspirei. — Logo, logo ela vai colocar grades nas minhas janelas.

— Ou talvez ela contrate um segurança para me manter longe da sua casa... esse não é mais o estilo dela?

Eu ri. Nessa altura, eu quase pude imaginá-la fazendo uma coisa dessas.

— Eu posso ajudar em alguma coisa? — Bennett me perguntou enquanto eu girava o disco da porta do meu armário.

Eu coloquei os livros e os papéis de que precisava na minha mochila e bati a porta de metal. — É, pensando bem, você pode me levar para tomar um café. — Bennett era tão querido e cheio de ideias! Eu agarrei a sua mão e o abracei carinhosamente. — Não consegui falar com você o dia todo.

— Então, estou pensando em mandar alguns dos meus textos do *Spectator* para esse concurso de redação — disse Bennett, enquanto andávamos pelo corredor do segundo andar. — É meio que uma possibilidade remota, mas a pessoa que eles escolherem vai escrever para uma coluna semanal para adolescentes no site do *Time Out New York*.

— Uau, Bennett, isso é tão legal! — Chegamos ao final do corredor, mas quando viramos para pegar a entrada das escadas, eu estava ofegante. Lá, descendo as escadas do terceiro andar, estava o Adam McGregor.

Por alguma razão, passar por ele com o Bennett ao meu lado me fez sentir uma ponta de pânico. Mas o Adam não pareceu nada incomodado de me ver com outro cara. Ele simplesmente sorriu, e me veio à cabeça que talvez eu tivesse entendido errado o jeito que ele agiu na aula de biologia e na hora do almoço. Ele parecia ser amigável com todo mundo e o fato de ele ter sido tão legal comigo não significava outra coisa além de ele ser um cara legal. *Opa*. Eu tinha agido igualzinho à Meredith e a Judith — vendo coisas demais em uma conversa totalmente inocente. Essa ideia devia ter me alegrado — uma coisa a menos com que me preocupar! — mas, por algum motivo, isso não me aliviou tanto quanto deveria.

— Ei, Flan — ele disse sorridente. — Tudo bem?

— Ah, oi, Adam. — Eu disse, tentando soar tão indiferente quanto ele. — Você já conhece o Bennett?

Adam continuou sorrindo, mas eu podia jurar que tinha uma pontinha de alguma coisa na sua expressão — decepção, talvez? Quase imediatamente, entretanto, ele se virou para o Bennett e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Bennett apertou a sua mão, olhando para mim e para o Adam. — Prazer em conhecê-lo. Então... vocês estão juntos na aula de biologia, né?

— Parceiros de laboratório — temos um girino juntos. — Adam me deu uma piscadela brincalhona, e eu fiquei um pouquinho vermelha. Então ele apontou para a revista em quadrinhos que o Bennett ainda estava segurando. — Ei, é o *Lanterna Verde*?

— É. Número setenta e cinco — Bennett disse, segurando a revista no alto para o Adam ver a capa.

Adam pegou a revista do Bennett e folheou as poucas páginas. — Meu irmão é obcecado pelo *Lanterna Verde*. Ele tem um monte dessas revistas, do início da série.

— Ah, é? — Bennett iluminou-se, e se eu não o conhecesse bem, diria que ele estava olhando para o Adam com o mesmo encantamento que a Meredith e a Judith tinham olhado para ele durante o *pep rally*. — Você tá brincando. Essa série é inacreditável! Eu só passei a ler há alguns meses, mas a arte, as histórias...

— É isso o que o Darren sempre diz. Ele é doido por isso e guarda as revistas trancadas num armário-arquivo. — Uma garota de cabelo castanho cacheado e comprido passou por nós para subir as escadas e deu um sorriso de flerte para o Adam enquanto seguia. Adam sorriu de volta, e então continuou a falar com o Bennett. — Você devia aparecer uma hora dessas. Ele adora mostrar as revistas, por isso eu aposto que ele ia ficar feliz de deixar você dar uma olhada nelas.

— Isso é bem legal, Adam — eu disse, quase lembrando a eles que eu ainda estava ali. Era estranho o jeito como os dois, de repente, estavam me ignorando. — Enfim, Bennett e eu estamos indo tomar um café, então é melhor a gente ir andando...

— Você quer vir com a gente? — Bennett perguntou enquanto eu avançava em direção às escadas. — Vamos ao Bean Garden.

— Eu gostaria, mas prometi a um amigo ajudá-lo no dever de inglês. Se as notas dele caírem ainda mais, o treinador vai mandá-lo para recuperação.

Bennett parecia impressionado. — Sem querer ofender, mas nunca pensei que os jogadores de futebol se ajudavam nos estudos.

Adam encolheu os ombros. — Bem, ele é um dos nossos melhores jogadores. Dói ter que perdê-lo, mesmo que só em alguns jogos.

— Mesmo assim, é bem legal você ajudá-lo — eu concordei, com certa má vontade.

— Você vai ver como vamos progredir. Eu ainda estou tentando convencê-lo de que o *Apanhador no campo de centeio* não é sobre um jogador de beisebol — Ele tirou a mochila de sobre o ombro e pegou um caderno. — Em todo caso, esse é o meu e-mail. Vou estar por aí nesse fim de semana se você quiser dar um alô.

— Legal! — Bennett disse todo animado. — Vou te dar o meu também.

Embora o Adam tenha sido somente muito legal comigo, toda vez que eu o via parecia que a minha vida ia ficar mais complicada. Qual era a desse cara, afinal? Ensinando aos seus amigos, jogando charme para mim... e agora ele ia sair com o Bennett? Enquanto os dois trocavam e-mails, eu tentei me convencer de que as coisas seriam melhores com todos nós nos tomando amigos... e que ser amiga do Adam não seria exatamente contra a regra. Mas eu não podia deixar de ficar preocupada. E se eles saíssem juntos e falassem sobre mim? Puxei pela memória tudo o que já havia conversado com o Adam, querendo me certificar de não ter dito nada que pudesse ser entendido com um flerte.

Um segundo depois, Adam disse adeus e seguiu para baixo em direção ao corredor do segundo andar. Bennett ainda estava parado, parecendo se sentir mais que impressionado.

— Esse cara é o máximo. E dá para acreditar que o irmão dele é fã do *Lanterna Verde*?

— Eu mal consigo imaginar uma coisa dessas — eu disse secamente. Mas o que eu mal podia imaginar era a facilidade que o Adam tinha de seduzir todo mundo que eu conhecia... inclusive eu.

Capítulo 11

REGRAS FORAM FEITAS... PARA SEREM QUEBRADAS

Estava tão bom o ficar com o Bennett no café que perdi completamente a noção do tempo. Já estava escuro quando cheguei em casa, e me atrapalhei com a fechadura tentando entrar. Noodles pulou em cima de mim assim que entrei, e seus olhos castanhos brilhavam de empolgação e amor. Eu me sentei no chão e ele lambeu o meu rosto, movendo sinuosamente o seu corpo redondo e fofinho cheio de alegria. Mas julgando pelo silêncio que estava fazendo em casa, ele era o único feliz em me ver.

— Oi? — eu chamei. — Tem alguém em casa?

Talvez eu estivesse com sorte — talvez a Feb e o Patch tivessem deixado para lá aquela coisa de serem responsáveis e foram a uma festa no Butter ou coisa do tipo. Mas, aí, uma voz severa respondeu: — Estamos aqui, Flan. — O meu bom humor foi embora imediatamente e um sentimento de incômodo surgiu.

Fui à cozinha, onde eles estavam sentados exatamente como na outra noite: Patch estava com o jornal à sua frente e Feb usava outro modelito de dona de casa — vestido de algodão, avental branco —, com duas agulhas de tricô e um novelo de lã no colo. Dessa vez, embora não houvesse nenhuma bandeja de biscoitos na mesa, Feb e Patch estavam me olhando de um jeito muito sério.

— O quê? — eu disse, tirando minha mochila e minha bolsa. — Parem com esse silêncio logo. — Fui até a geladeira para pegar uma garrafa de suco.

— Ei, Flanny, senta aí. Feb tem trabalhado bastante — disse Patch.

Eu bufei enquanto abria um Nantucket Nectar. — Tá certo, mas falem logo, gente, porque eu tenho um monte de dever de casa.

— Chega dessa atitude, Flan. — February disse bruscamente. — Agora escuta. A última vez em que os nossos pais estiveram aqui, Patch e eu vimos o quanto você ficou feliz, e nós pensamos que talvez um pouquinho de disciplina fosse o que justamente você estivesse precisando. Nenhum de nós dois teve isso na adolescência, e veja como a gente terminou.

Eu olhei para Feb, sobre saltos altos e avental, e Patch, que estava vestindo a sua habitual camiseta e calça jeans.

— É, gente, vocês estão totalmente fora de controle — eu disse secamente. — E o Patch ainda é um adolescente, caso você tenha esquecido.

— Escuta, Flan, eu sei que agora isso pode não fazer sentido nenhum para você. Mas, no meu estágio, estou começando a ver como as coisas funcionam no mundo real, e, acredite, não é do jeito que a gente aprendeu. Nada de festas à noite toda no meio da semana, nada de passes VIP, nada de celebridades. Bem, tá certo, essa firma lida com vários casos da área de entretenimento, mas você sabe do que eu estou falando. — Ela sacudiu a sua agulha de tricô ameaçadoramente para mim. — Eu esperava que isso não fosse acontecer, mas já são oito horas e você não ligou para me dizer onde estava, mesmo eu tendo falado ontem para você que depois da escola é para vir direto para casa. Então o seu irmão e eu — Patch se mexeu desconfortavelmente na cadeira — decidimos que talvez pudesse nos ajudar se a gente criasse uma estrutura para você com algumas regras estabelecidas.

Eu ri com tanta intensidade que o suco de morango quase saiu pelo meu nariz.
— Vocês querem me dar regras? Eu é que sou a bem-comportada, esqueceram?

Feb pegou um pedaço de papel da mesa e uma receita de mojitos com alguma coisa escrita na parte de trás.

— Regra número um — ela leu. — Ir direto para casa depois da escola. Não adianta reclamar.

— O quê? — eu explodi. — Isso é totalmente ridículo! Quando eu devo sair com os meus amigos? Olá? Você está familiarizada com a palavra *hipocrisia*?

— Os seus amigos são mais do que bem-vindos aqui. Se eles são o tipo de pessoa que você não tem vontade de trazer em casa, bem... talvez a amizade deles não valha a pena. — Feb baixou o olhar para o seu pedaço de papel. — Regra número dois: Seu toque de recolher é às onze da noite.

— *Toque de recolher?*

— Regra número três: Deixar a porta do quarto aberta quando você estiver com garotos lá dentro.

— Às vezes quando o Bennett e eu estamos estudando, o Patch está aqui tocando The Clash tão alto que as paredes tremem! A gente fecha a porta para ter sossego.

— Regra número quatro: Nada de boates até você fazer vinte e um anos.

Aquilo estava além do ridículo — era totalmente injusto. Todos esses anos, eu ia com o Patch a festas malucas e a February desaparecia por várias semanas. Agora, eu devo seguir as regras deles? Sem chance.

— Tá bem, saquei. — Eu bati a garrafa de suco na mesa e fiquei de pé. Feb, você fez vinte e um anos faz só três semanas, e frequentou todas as boates de Nova York durante anos. Patch tem só dezoito anos e os *bartenders* no Lotus o conhecem pelo nome. Vocês dois estão sendo muito cruéis e sabem disso.

Peguei a minha bolsa acolchoada Marc Jacobs e subi furiosa as escadas, ignorando as ameaças que Feb gritava pelas minhas costas.

Capítulo 12

SARA-BETH BENNY E O ATAQUE DOS ALIENÍGENAS

Imediatamente saí até a minha varanda e liguei para Sara-Beth Benny para desabafar.

Enquanto eu aguardava ela atender, sentei na minha cadeira reclinável de bambu e fiquei olhando para o céu. A minha varanda provavelmente é o meu lugar favorito no meu quarto. É pequena, mas tem uma ótima vista do nosso jardim e dos jardins das outras casas, incluindo o da SBB. Tem uma grade de ferro beirando a varanda com vasos de plantas onde eu plantei hortelã e alecrim, e no final de semana passado eu entalhei um *Jack O'Lantern*⁷ e coloquei aqui também.

— Flan? — SBB finalmente respondeu no sétimo toque. Ela parecia sem fôlego. — Oh, meu Deus, estou tão feliz por ser você!

— Por quê? O que está acontecendo? — Eu me inclinei para acender uma vela de canela dentro da minha abóbora. Tinha um perfume delicioso.

— É um pesadelo, isso sim! Eu despedi a Nada e foi uma cena horrível. Ela estava chorando e eu gritando maldições ciganas, e foi muito, muito dramático, e você conhece o meu temperamento, então eu não tive escolha e chamei a polícia, e é claro que com todas as sirenes e eu do lado de fora só de roupão às dez da manhã, todos aqueles repórteres horríveis começaram a invadir o quarteirão. E eles tiraram fotos e ficaram rindo e foi uma cena tão péssima que eu acho que nunca vou me recuperar. Agora eu quero apenas simplicidade total, só alguma coisa agradável, arejada e simples, você sabe. Chega dessa coisa de enfeites e cristais e elefante gigante de bronze em cada cômodo, porque, sinceramente, eu não preciso desse tipo de coisa na minha vida. Então eu contratei um novo decorador, esse Leif Gaardner, e ele me prometeu que vai criar um novo ambiente que será calmo, você sabe, absolutamente calmo e estéril, e tudo com materiais reciclados, também, dá para acreditar nisso? Ele fez coisas incríveis com pneus de caminhão no norte da Califórnia, e justamente por isso eu não posso ficar no telefone porque eles vão fazer a entrega a qualquer minuto. Ah, eles chegaram! Espera, espera, eu tenho que subir até o telhado!

— No seu telhado? Espera, Sara-Beth, o que eles estão entregando? — Eu me levantei e dei uma olhada para a casa dela. Um enorme guindaste hidráulico fez um estrondo ao parar na Perry Street. Uma cápsula de Tylenol do tamanho de um Fusca estava pendurada nele.

A porta da varanda que dá para o telhado de Sara-Beth se abriu e ela saiu correndo, acenando seus braços magrinhos freneticamente. Ela gritou na direção do operador do guindaste enquanto a cápsula ameaçava balançar para frente e para trás presa por fios, que de onde eu estava sentada não parecia muito segura.

— Sara-Beth? — eu gritei no telefone. Eu a vi levantando o telefone até o ouvido.

— Então, a questão é — SBB disse. — Leif acha que o problema é o espaço desperdiçado. Eu sou só uma pessoa. Como vou fazer para usar essa casa inteira? — Ela se virou na direção do guindaste, sacudindo os braços e gritando: — Para a

⁷ Nas festas de Halloween, personagem representado por uma abóbora com um rosto esculpido e uma vela iluminando o seu interior. (N.T.)

direita! Não, a outra direita! — Ela continuou falando comigo: — É tanta pressão para tornar útil a sala de estar, a sala de jantar, a máquina de gelo, a jacuzzi, e é óbvio que isso está me estressando. Mas esse casulo provê tudo o que eu preciso — alimentos em cubo, energia solar, até mesmo toalhas umidificadas. Eu não vou conseguir nem mesmo me virar lá dentro. É como uma cela acolchoada.

— Mas, Sara-Beth, morar num casulo não vai transformar toda a sua casa num desperdício de espaço? — Eu franzi o cenho enquanto olhava para a cápsula, que parecia que cairia no chão a qualquer momento.

— O quê? Eu não consigo ouvir você! — Ela gritou mais alto que o barulho que vinha do guindaste.

— Sara-Beth, você adora a sua casa! Se você morar num casulo, não vai mais aproveitar nada da casa.

Sara-Beth não respondeu. O casulo estava baixando, justamente acima do quarto que tem uma claraboia. — Não, não, aqui não! Eu quero isso lá! — O casulo continuava descendo — pouco mais de um metro, como as garras no fundo de uma antiga banheira, ele arranhou a parte superior da sua casa, se estabelecendo para o pouso, mas SBB parecia que estava prestes a chorar. — Aqui não! — Ela disse. De repente, soltou um grito angustiante e começou a bater nas laterais da cápsula com os seus pulsos magrinhos e raivosos. Mesmo à distância, eu pude ver crateras começando a aparecer no delicado metal branco.

— Ah, Flan! — SBB disse se lamentando no telefone. — Agora estou começando a pensar melhor, porque se eu morar num casulo, os *paparazzi* vão saber exatamente onde me encontrar! Talvez se o casulo estiver no centro de um labirinto...

— Ou você pode morar na sua casa — eu sugeri, tentando não revirar os olhos. Ser a melhor amiga da Sara-Beth requer muita paciência às vezes. — Tem muitos lugares para você se esconder. Por exemplo, o seu *closet* e o quarto de hóspedes...

— Hum, esse é um bom ponto de vista. — O casulo estava balançando no ar de novo, mas a Sara-Beth apenas fez sinal para afastá-lo.

— Flan, você é tão boa fazendo essas ponderações que ninguém pensou antes. Você já pensou em decorar interiores?

— Hum... — Eu tinha problemas suficientes e não precisava incluir a redecoração da casa da SBB na minha lista. — Algumas coisas é melhor deixar para um profissional fazer, eu acho.

— Verdade, verdade. — Sara-Beth correu até a beirada do telhado e gritou para o operador do guindaste: — Leva de volta! Eu não quero mais isso!

O casulo afundou na rua emitindo um som de murmúrio, e eu pude ver o operador gritando raivoso pelo *walkie-talkie*. Alheia a todo o caos que provocou, Sara-Beth se sentou no telhado, com as pernas cruzadas, aparentando evidente alívio.

— Que noite maravilhosa para se olhar as estrelas! Eu consigo ver as Três Marias. — Ela suspirou sonhadoramente. — Então, querida, como estão as coisas?

— Muita coisa acontecendo. — Eu olhei para o meu Jack O'Lantern, com aqueles olhos malucos em forma de triângulo, e dobrei as minhas pernas debaixo de mim mesma na cadeira onde estava sentada. De repente, me senti totalmente exausta. — Eu só queria que as coisas voltassem ao normal — ou ao normal estilo família Flood, ao menos.

— Eu é que sei. O que eu não daria para viver num set de filmagens de novo! — SBB suspendeu um braço para cima, quase como se estivesse tentando acariciar algumas estrelas ou talvez mexer em algum amplificador imaginário.

Franzi a testa. — Mas Sara-Beth, eu achei que você odiasse o *Mike's Princesses*. Você disse que aquilo te traumatizou pelo resto da vida.

— Eu não estava falando daquilo. Enfim, me diz o que está acontecendo, Flan. Você sabe que sempre pode contar comigo.

Eu suspirei. — Feb está agindo muito estranho. Ela está tentando controlar tudo o que eu faço!

— Bem, você sabe o que acho desses psicopatas na minha família. Consiga um bom advogado o mais rápido que você puder! — Sara-Beth fez uma pausa e ficou pensativa. — Eu sei que você pode se emancipar dos seus pais, mas se emancipar da sua irmã pode ser um pouco complicado. Não é impossível, mas é um desafio.

— Eu não quero me emancipar dela. Eu só quero que ela seja razoável. Eu a amo, mas ela é a pessoa mais crítica que eu conheço, e ela definitivamente não está em posição de me dar conselhos. — Eu me inclinei para frente e apoiei o queixo na palma da minha mão. — Sou eu quem vai à escola todos os dias, que faz os deveres de casa e levanta da cama antes das cinco da manhã. É muita hipocrisia. E até o Patch está indo na onda dela também.

— Bem... — A voz da Sara-Beth ganhou o ar misterioso que ela sempre usa quando cita algum grande filósofo ou quando está lendo folhas de chá verde no fundo de uma caneca. — Se há uma coisa incrível que a Nada me ensinou é que existe uma lógica cósmica no universo.

Eu vi o guindaste indo embora, ainda balançando o casulo, e pensei se todo mundo estava ficando maluco.

— É, pode ser.

— Tipo, você acabou de me salvar de viver num casulo pequenininho! — Sara-Beth gritou, e depois caiu na gargalhada, e eu sabia que ia levar uma eternidade para ela se acalmar.

Capítulo 13

APENAS OUTRA TARDE FABULOSA COM AS MINHAS AMIGAS FABULOSAS

Não tinha como eu seguir as regras ridículas imposta pela Feb, então na quinta-feira, depois da escola, Meredith, Judith e eu pegamos um táxi até o Meatpacking District para encontrar nossas outras amigas, Liesel, Philippa e Sara-Beth, para comer tapas⁸ e beber no Gansevoort Hotel. O hotel é um dos mais glamorosos de Nova York. Fica numa dessas ruas pitorescas de paralelepípedo com os seus catorze andares. Há janelas por todo lado, e é meio parecido com um palácio de prata. Além disso, tem um *deck* e uma piscina no último andar, de onde é possível ver toda a cidade e todos os prédios baixos do Village e de Chelsea, os arranha-céus de Midtown e até mesmo o Empire State Building.

Quando entramos no Ono, o restaurante japonês do Gansevoort, as outras garotas já estavam lá, sentadas em minimalistas poltronas de seda de cor cinza num canto. A mesa baixa na frente delas estava coberta com pequenos pratos e bebidas rosa da tonalidade de um *gloss* labial.

— Flan! — Sara-Beth Benny deu um pulo. Ela estava usando um top de crochê com longas franjas por toda a parte. Ela lançou os braços ao meu redor, e várias tiras roxas bateram no meu rosto. Ela geralmente usa uma peruca quando sai, mas aparentemente nessa tarde, no Gansevoort, estava se sentindo confortável o bastante para se sentar ao ar livre. Seu cabelo estava amarrado para trás num lenço roxo que combinava com o top, e seus óculos escuros Krizia cobriam só a metade do seu rosto.

— Eu fiquei com medo de que você não viesse! — ela exclamou, finalmente me soltando. Eu dei dois beijinhos na Liesel e na Philippa e me sentei ao lado da SBB.

— Par que eu não viria? — perguntei, assentando a minha mochila Isabella Fiare. — Eu falei com você no telefone só faz uma hora.

— Eu sei, mas nesses últimos dias todo mundo tem me abandonado! Eu tinha um teste-piloto de um novo programa de TV. Dá para acreditar? Há anos que eu não faço um teste para nada. Foi incrível. E eu estava justamente contando para todo mundo sobre esse pesadelo que eu tive de querer viver num casulo — e que você me despertou, Flan!

Eu fiquei quieta, e preferi não dizer a SBB que o seu pesadelo bizarro foi real.

— Bem, parece muito divertido — Judith disse enquanto ela e Meredith se sentavam num sofá marrom de seda ao lado da Liesel. — Definitivamente melhor do que o dever de casa de biologia.

Quando conheci Meredith e Judith, elas eram obcecadas por fofocas de celebridades e tabloides, e eu imaginei que seria preciso mantê-las separadas de SBB, Phillipa e Liesel. Não me entenda mal: Meredith e Judith são muito legais, mas quando eu comecei a estudar no Stuy, elas eram muito tímidas e eu fiquei bastante preocupada se elas não se sentiriam deslocadas com a multidão de celebridades com as quais eu cresci tendo à minha volta. Agora, elas se sentem perfeitamente à vontade no Gansevoort numa tarde de quinta-feira. E secretamente eu achava que sair com pessoas que não fossem do Stuy ia criar uma espécie de zona livre em relação ao Adam.

⁸ Aperitivo típico da culinária espanhola. (N.E.)

— Animada com um teste? A essa altura da minha carreira? Rá! — Uma garçonne apareceu para anotar os nossos pedidos. — Eu vou querer outro Death in the Afternoon. — Sara-Beth suspirou. Meredith, Judith e eu pedimos um daiquiri de maracujá sem álcool.

— Não se preocupe, SSB querida. Provavelmente é só uma formalidade. Com certeza você vai pegar o papel. — Philippa tomou um gole do seu Bellini enquanto Liesel concordava acenando com a cabeça.

Liesel, Philippa e SBB são mais velhas do que nós — estão em turmas avançadas no ensino médio — e eu as conheci por intermédio do meu irmão, Patch. Ele e seus amigos (que todo mundo chama de *Insiders*) sabem quem é alguém nas escolas particulares de Manhattan, e Liesel e Philippa são as duas garotas mais descoladas da panelinha deles. Liesel já trabalhou como Relações Públicas, promovendo novos bares e restaurantes da moda, o que significa que ela sempre consegue nos colocar nas boates mais badaladas da cidade. Ela é uma pessoa muito descolada, e no início do semestre me ajudou a planejar uma festa incrível na minha casa; esse favor eu vou ficar devendo a ela por muito tempo. Naquela noite, seu cabelo dourado estava avolumado na frente, e ela estava usando um vestido Nanette Lepore com um colar de ouro Chanel, combinando com uma bolsa de mão metálica.

— Quais as novidades, Liesel? Tem alguma festa chegando? — perguntei.

— Nada tão exaustivo quanto os problemas da Sara-Beth, graças a Deus. — Liesel, que tinha acabado de retocar o batom, fechou o seu pó compacto MAC num clique e o jogou dentro da bolsa. — Mas eu estou tão animada para o Halloween. Estou organizando uma festa de gala beneficente no MoMA que vai ser simplesmente sublime. Agora mesmo, estamos resolvendo as questões em relação ao entretenimento. Eu quero contratar Leland Brinker e sua nova banda, mas ele se recusa a tocar "Monster Mash". Não importa o que eu diga, ele não consegue ver a ironia nisso tudo.

— Que droga! — Eu tinha a maior queda pelo Leland, e ele e Sara-Beth Benny tinham tido meio que um romance quando ele ainda estava fazendo performances do Aladim na Disneylândia. Eu tive um certo medo de que, ao falar o nome dele, ela pudesse ficar aborrecida, mas ela estava muito ocupada bebendo o seu coquetel para reparar nisso.

— MoMA é um lugar incrível para dar uma festa — Meredith disse a Liesel. — Eu fui lá com a minha turma de arte faz algumas semanas, e um grupo que faz improvisação estava tocando na grande área aberta do primeiro piso. Eu praticamente comecei a dançar sozinha.

— Bem, definitivamente eu estou preparada para uma boa festa — disse Philippa, enquanto ajeitava as suas botas de cowboy. Philippa é simplesmente terrível — inteligente e descontraída, com um excelente senso de humor irônico. Ela se parece um pouquinho com a Jennifer Connelly, só que mais jovem e mais alta. Naquela tarde ela estava usando calça jeans da Citizens, um suéter preto de manga comprida e quatro colares diferentes. — Eu tenho ficado enfiada no meu quarto preparando o meu *college applications*⁹. — Ela revirou os olhos. — Eu não sei como eles esperam que a gente tenha todas as "experiências memoráveis", se a gente precisa ficar enfiado o dia todo escrevendo ensaios. E por falar nisso, nós três vamos a uma festa no Marquis hoje à noite e vai rolar um show das Pussycat Dolls. Vocês querem vir com a gente?

— Foi mal. — eu apontei para a minha mochila estufada. — Eu sei que já é quase fim de semana, mas tenho muito dever de casa para fazer. — Eu não quis trazer à tona o meu novo "toque de recolher".

⁹ Pedido de admissão para entrar numa universidade, que consiste na reunião de registros acadêmicos, cartas de recomendação, ensaios pessoais etc. (N.T.)

— Saquei. Eu estou quase deixando de ir. — Philippa prendeu uma mecha do seu cabelo castanho-claro atrás da orelha. A última vez em que eu a vi, ela havia tingido o cabelo num estranho tom borgonha. Fiquei feliz que ela tenha deixado a cor natural de novo.

— Como está o Mickey? — perguntei. O seu namorado, Mickey Pardo, é um dos melhores amigos do meu irmão, mas eu não o vejo faz algum tempo. Na verdade, é raro vê-lo por aí, já que sempre está fazendo alguma coisa maluca.

— Ah, ele está bem — ela disse, sorvendo o seu Bellini. Ela pegou um camarão com gengibre com os pauzinhos. — Relativamente ileso. Vocês ouviram falar do último acidente que ele sofreu?

Eu peguei um sashimi. — Não!

Ela engoliu. Eu podia jurar que ela estava tentando não rir. — Ele bateu com a Vespa... na traseira de um caminhão de sorvete.

— Fala sério!

— É verdade. Ele queria um picolé de chocolate e viu o caminhão de sorvete logo na frente, então acelerou em direção a ele. Só que o caminhão parou no sinal vermelho, e o Mickey bateu na traseira. — Ela balançou a cabeça. — Às vezes, eu não faço a menor ideia do que fazer com esse cara. Por sorte, ele e a Vespa sobreviveram. Com alguns arranhões. Chega de falar da minha vida amorosa. — Ela se virou para Judith. — Como está a sua vida amorosa? Andou conhecendo alguém especial?

Judith ruborizou. — Não, não mesmo.

— Ah, fala sério. Eu aposto que conheceu.

Meredith olhou para ela rapidamente e então começou a ficar vermelha também.

— Tem um jogo de futebol nesse fim de semana para o qual não vamos — disse Meredith.

— Por quê? — Liesel perguntou. — Os caras mais gatos sempre estão no time de futebol. Você devia ir com certeza!

— Eu não sei... — disse Judith. Mas ela e Meredith olharam para mim como se essa decisão fosse totalmente responsabilidade minha.

Capítulo 14

DIVERSÃO AO SOL

Aquela sexta-feira estava tão excepcionalmente quente e linda que, durante o nosso tempo livre, Meredith, Judith e eu — junto com praticamente todo mundo do Stuyvesant — decidimos ir para o terraço e nos sentarmos ao sol. Eu adoro o terraço. Com todas aquelas cadeiras de ferro e mesas com tampo de vidro, é o lugar ideal para sair com os amigos, comer sanduíches de *hummus* e, é claro, olhar as pessoas. Tem uma borda alta bonita em volta, então você não sente como se fosse cair, e é distante o bastante da rua, por isso não é barulhento. Além do mais, você praticamente consegue ver toda a Lower Manhattan daqui de cima.

No caminho até as escadas do sétimo andar, nós três passamos por uma multidão de animadoras de torcida que estavam descendo, todas vestindo uniformes vermelhos e azuis e dando gritos de gargalhadas. Logo atrás delas estava um garoto vestindo uma roupa de futebol feita de fita adesiva vermelha e azul. Assim que entramos no terraço, eu vi que uns caras tinham montado uma mesa de jogo. Eles tinham estetoscópios e cadernos do laboratório, e estavam atijando e provocando um jogador de futebol sentado numa cadeira dobrável na frente deles. Além deles, na mesa também havia uma tabela da feira de ciência. Estava escrito em letras gigantes: JOGAR FUTEBOL AUMENTA A FREQUÊNCIA CARDÍACA?

— Isso está totalmente fora de controle — eu disse. — A escola toda está contaminada por essa coisa de futebol.

— Bem, o primeiro jogo é amanhã — Judith salientou. Seguimos para uma área vazia do terraço, e ela estendeu a toalha de piquenique que pegou no seu armário. — Vai ser bem legal.

— Talvez a gente deva ir conferir. Você sabe, em razão do espírito esportivo — Meredith disse. — Quer dizer, do nosso antigo time de *softball*; eu nunca fui a nenhum grande jogo. Acho que pode ser divertido.

— Eu sempre gostei de futebol — disse Judith. — Se eu não conseguir entrar em Harvard, com certeza eu vou para uma faculdade da divisão atlética.

— Eu vou no jogo com vocês, gente — eu disse a elas. — Mas nada de briga por causa de vocês-sabem-quem.

Judith balançou a cabeça inocentemente. — Você mal consegue ver os jogadores no campo.

— Além disso, eles parecem todos iguais quando estão de uniformes — concordou Meredith.

— Tá bem — eu disse. — Acho que pode ser legal. Mas sério mesmo, nada de fazer cena.

Meredith e Judith pareciam satisfeitas — talvez satisfeitas até demais — mas elas só trocaram um olhar rápido e desconfiado enquanto nos sentávamos para estudar um pouquinho antes da nossa aula do final do dia. Eu decidi que talvez isso não fosse um desastre total. Afinal de contas, como elas vão superar o Adam se ficarem confinadas durante todo o final de semana? Sair para assistir ao jogo de futebol poderia ajudar. Eu estava folheando o meu livro de biologia, olhando as fotos de sapos bebês e sonhando acordada com o Bogie, quando as minhas duas amigas, de repente, suspiraram.

— O quê? — perguntei, assustada. Mas deve ter sido óbvio. O sol estava batendo nos meus olhos, mas ainda assim eu pude ver para quem elas estavam olhando. Surpresa, surpresa, era o Adam — mas eu nunca o vi tão bem assim. Acho que ele e alguns dos seus amigos tinham acabado de vir da piscina que fica no térreo, porque eles estavam usando sungas e chinelos, sentados naquelas grandes toalhas de praia multicoloridas que os fazia parecer que pertenciam ao *Coney Island* ou coisa assim. Adam estava sorrindo, sacudindo a água dos cabelos encaracolados. Eu nunca tinha reparado que ele era bronzeado, mas era. Ele era praticamente dourado.

Por um segundo, eu estava tão atônita quanto elas. Então revirei os olhos. Eu estava dando muito crédito a esse cara. Quem pega um bronzeado na escola? E ainda mais no final de outubro? Só mesmo um arrogante cabeça-oca. As minhas amigas estavam ansiando por um jogadorzinho idiota que não pode perder a chance de tirar a camisa — ele tinha um belo abdome, claro, mas isso não é motivo para ser vaidoso.

— Oh, meu Deus — Judith suspirou, evidentemente hipnotizada pela sensualidade do Adam. Ela sorriu docemente, inclinando-se na frente da Meredith, e piscou os olhos na direção dele.

— Judith! Qual é! Regra NDA! Você prometeu — Meredith a empurrou da sua frente, então se inclinou bloqueando a amiga. Ela jogou o cabelo, tentando atrair o Adam de um jeito apaixonado, lançando um olhar profundo.

Eu sacudi os braços como se estivesse parando o tráfego.

— Epa, epa, epa. Qual é. Vocês duas passaram da linha. Esqueçam logo esse cara.

Mas no minuto em que as palavras saíram da minha boca, Adam olhou em nossa direção. Seus olhos passaram de leve por Meredith e Judith, e aí pararam em mim. Ele sorriu, e foi um sorriso gentil e amigável que me deixou sem palavras por um momento. Então ele deu um pulo e em dois passos, lá estava ele, bem na nossa frente.

— Oi, Flan — ele disse, em pé, feito uma torre ao lado da nossa toalha. Sua sombra cobriu os nossos livros. — ai, gente.

— Oi — Meredith e Judith sussurram ao mesmo tempo, de olhos arregalados. Desajeitadamente fiquei de pé. — E aí?

— Eu estava mesmo me perguntando... você tem que entregar hoje algum relatório do laboratório sobre o Bogie? — Ele cheirava a cloro.

— Não, eu acho que não.

— Legal. Porque eu não tive tempo de digitar as minhas anotações ontem à noite.

— Não, não se preocupe com isso. — Passei a mão no meu cabelo. De perto, o Adam se parecia menos com um salva-vidas de novela e mais com uma criatura mitológica do Sol. Quando ele sorriu de novo, seus dentes brilhavam de tão brancos.

— Bem, obrigado — disse. — Ele cumprimentou a Meredith e a Judith. — Vejo vocês depois, gente.

— Até mais — Meredith e Judith sussurram ao mesmo tempo. Assim que ele começou a andar de volta, as duas olharam para mim e suas bocas estavam formando um "O" de surpresa.

Peguei meu celular e fingi que estava verificando algo. Tinha uma mensagem de texto do Bennett perguntando se a Feb tinha feito alguma maluquice ontem à noite. Fechei o celular de novo. — O que foi aquilo tudo?

— Ele *sorriu para você* — disse Meredith. — Adam McGregor sorriu para você. E então ele olhou para você de um jeito sensível como se conhecesse a sua alma.

— Ah, Meredith, ele não fez isso! — Eu me levantei e toquei no meu rosto, que estava um pouco vermelho.

— Bem, ele te deu uma boa olhada, isso com certeza — Judith ficou me olhando acusadoramente. — Por que você não disse que eram amigos?

— Ele não estava me dando uma olhada, Judith. E não somos amigos. Somos parceiros de laboratório. — Eu bati no meu livro como se fosse uma prova do que eu estava falando. — De biologia.

— Ele é seu parceiro de laboratório — as duas falaram ao mesmo tempo.

Eu bati na minha testa. — Olha, eu não queria falar porque vocês iam ficar superdescontroladas. Agora, parem com isso, tá bem? Vocês prometeram. E ficar me espreitando por causa desse cara faz com que vocês quebrem a regra "Nada de Adam".

— Claro. E vocês têm a custódia de um girino, né? — Judith resmungou.

— Judith, estamos dividindo um microscópio, não um Martini no Carlyle — Eu disse; colocando um ponto final na conversa.

Meredith deixou escapar um suspiro apaixonado, e as duas voltaram a fazer seus deveres de casa. Coloquei o livro de biologia de lado —já havia gasto tempo demais pensando no girino Bogie e, sim, no Adam — e peguei o meu livro de inglês. Eu folhee até a história que deveria ser lida, mas antes que passasse da primeira página, Meredith fez uma pergunta um pouco casual demais. — Então, o Adam falou quais livros ele gosta de ler? Só por curiosidade.

— Meredith... — eu fiz um alerta a ela.

— Eu só estava me perguntando, só isso. — ela disse na defensiva. — Quer dizer, para referências futuras, quero saber se sou boa em julgar o que um cara gosta. Ele me deu a impressão de que tinha um coração de poeta, então só estava me perguntando se estou certa.

Revirei os olhos. Coração de poeta? Ela precisava parar de alugar todos os filmes de drama.

— Escuta, ele não fica derramando o coração para mim. Até porque a gente só estuda esse sapo, tá bem? E ele não fica fazendo haicais sobre a forma dos pés do sapo ou sobre os flocos de comida com que a gente o alimenta.

Meredith olhou de volta para a sua planilha de economia de um jeito tão triste que eu quase disse a ela quanto o Adam gostava de Hemingway e de filmes antigos. Mas isso seria encorajar ainda mais a sua obsessão por ele.

— Enquanto estamos falando do Adam — é só para registrar que não fui eu quem toquei nesse assunto — Judith acrescentou afiadamente à Meredith, que tinha aberto a boca só para protestar — eu só fico me perguntando se vocês dois alguma vez já falaram de mim.

Dessa vez eu me recusei a desviar os olhos do meu livro. — Não, Judith, nunca falamos.

— Agora, fala sério. Eu não vou ficar enchendo com esse assunto. Só quero saber o que ele falou de mim. Para eu ter paz de espírito. — Ela enfiou um lápis atrás da orelha. — Eu aprecio a sua honestidade.

— Tá certo. Sinceramente, a gente nunca fala de você. Nenhuma vez. Você pode apostar que não vamos falar em nada que não seja verde nem viscoso.

Judith estava cabisbaixa. — Ele nunca perguntou sobre mim? Ele sabe que somos amigas? Porque quando ele falou comigo sobre o clima naquele dia, parecia que ele queria mesmo...

Eu balancei minha cabeça enfaticamente. É sempre tão estranho conversar sobre os caras com a Meredith e a Judith. Elas sempre têm essas paixões elaboradas nas suas imaginações, e então elas acabam se confundindo quando, na vida real, o cara em questão não dá nenhuma pista do que está acontecendo. O Adam não só nunca me perguntou sobre a Judith, como acho difícil que se dê conta de que tiveram uma conversa significativa. Isso parecia ser uma coisa muito dura para se dizer, então resolvi mudar de assunto. Eu me levantei e olhei para a rua abaixo. Um monte de lojas e prédios com apartamentos tinham vassouras de palha e Jack O'Lanterns colocados nas entradas. Uma pessoa usou a criatividade e colocou uma bruxa de papel machê equilibrada numa vassoura na grade de uma saída de incêndio.

— Eu não acredito que já é quase Halloween — eu disse. — Vocês vão ao desfile de Halloween?

Felizmente para mim, Meredith mordeu a isca. — Ah, com certeza. Minha mãe e minha avó me levam todos os anos desde que era criança. Elas pegam muitas ideias dos modelos dos figurinos.

— A gente devia ir todas juntas esse ano — sugeri. — Judith? Você topa?

Judith baixou sua calculadora. Ela ainda parecia irritada, mas tentou corresponder ao entusiasmo da Meredith. — Claro. Vai ser... divertido.

Assim que as duas começaram a falar sobre os tipos de fantasias que devíamos usar — meia arrastão e esfumaçar os olhos pareciam fazer parte do conjunto —, eu me deixei lançar um último olhar furtivo para o Adam. Ele estava bebendo um Gatorade direto da garrafa, e o seu cabelo já estava quase seco debaixo do sol. Tentei dizer para mim mesma que estava mantendo a Meredith e a Judith longe dele para o bem delas próprias, mas era difícil não me sentir hipócrita. Quem eu era para impor a regra "Nada de Adam", quando eu mesma estava começando a sentir uma queda pelo cara?

Capítulo 15

CUPCAKES, FANTASIAS E CYNTHIA ROWLEY

Na iluminada manhã de sábado, fui ao shopping com a SBB. Desde que ela começou a morar ao lado da minha casa, virou meio que uma tradição para a gente. No início, ela precisava de coisas para a casa — como toalhas, tapete para o banheiro, lençóis — porque ela considerava que todas as coisas do seu antigo apartamento estavam contaminadas com energia negativa e alérgenos, entre outras coisas, que provocavam pesadelos e a faziam acordar gritando no meio da noite. Recentemente, ela tem precisado de roupas para sessões de fotos, novos óculos de sol e um porta-comprimidos para carregar todos os seus medicamentos antiansiedade, os quais parou de tomar faz uma semana porque disse que "não podia beber". Naquela manhã, porém, fomos ao shopping comprar a coisa mais legal do mundo: fantasias de Halloween.

Imaginei que íamos em algum lugar como o *Halloween Adventure* ou o *Abracadabra Superstore*, mas a Sara-Beth Benny tinha outros planos.

—Tenho certeza de que esses lugares são super, superlegais, Flan, mas eles vendem vômito falso e almofadas de peido. E aqueles *saddle shoes* como os que a Gwen Stefani costumava usar quando estava no No Doubt. — SBB estremeceu com a lembrança.

— Então aonde nós vamos? — perguntei.

— Vamos tentar primeiro na Ina — eles têm as melhores roupas *vintage*. Não seria bárbaro se eu fosse uma rainha zumbi dos anos setenta? — Sara-Beth Benny checou o seu BlackBerry. — Ah, meu Deus, isso é horrível, horrível, horrível! — Ela começou a apertar os pequenos botões freneticamente enquanto andávamos pela Perry Street.

— O que foi? — perguntei.

— É terrível demais para colocar em palavras! — De alguma forma, isso não impediu Sara-Beth de digitar rapidamente no seu minúsculo teclado. — A minha nova decoradora, Yvette St. Lucien, não está conseguindo achar as cortinas de seda que eu queria. Ela está procurando em todo canto de Paris!

— *Paris?* — perguntei enquanto virávamos na Bleecker. Dei uma olhada na loja de acessórios Marc Jacobs — tinha um chaveiro de elefante lindo na vitrine — e na fila de pessoas do lado de fora do Magnolia que esperavam para comer *cupcakes*.

— É claro. Você sabe, eu não tinha me dado conta disso até dois dias atrás, mas você sabia que, se quiser matéria de alta qualidade, precisa ir buscar você mesma na Europa. Yvette explicou a coisa toda para mim, então é claro que eu a coloquei no avião seguinte.

Mas agora parecia que foi tudo uma grande perda de tempo. Sara-Beth deu uma olhada na sua telinha. — Ah, espera, ela me mandou uma mensagem. Espera... espera... Ela conseguiu encontrar! — Ela fechou seu BlackBerry e levou a mão até a testa, como se fosse desmaiar. — Que alívio! Eu realmente não queria esperar outra semana enquanto ela perambulava por toda a Veneza.

— Por que você quer tanto essas cortinas? — Passamos por uma árvore desfolhada que tinha lindas abóboras pequenininhas com carinhas sorridentes pintadas penduradas.

— Bem, pessoalmente, nunca vi essas cortinas, porque elas só existem em butikues altamente exclusivas do outro lado do oceano, mas a Yvette me disse que elas são as melhores, do mesmo tipo daquelas que estavam penduradas em Versalhes, quando a Sofia Coppola filmou *Maria Antonieta*. E você deve confiar no bom gosto de uma francesa — quer dizer, é uma coisa que já está no sangue deles.

— Yvette é francesa?

— Acho que é. Ou franco-canadense. — Ela pontuou a questão com um aceno das mãos. Então agarrou meu braço e me puxou para trás dela enquanto seguia por um caminho mais curto até a Cynthia Rowley.

— E a Ina? — eu disse sobressaltada. — Mas Sara-Beth saiu correndo até um vestido vermelho de seda e gola alta que estava pendurado na parede dos fundos.

— Isso não é medonho? — ela estremeceu. — Imagine isso com salto agulha. Isso deve ter vindo das profundezas do inferno.

— Posso ajudá-la? — uma vendedora perguntou, saindo rapidamente de trás do balcão. Seu cabelo estava alvoroçado como se tivesse sido atingido por um furacão de *hairspray*. Ela usava uma sombra tão escura nos olhos, que bem poderia ser um daqueles arqui-inimigos das histórias em quadrinhos favoritas do Bennett. Depois de olhar para ela, eu estava pronta para me mandar dali. Mas a Sara-Beth já tinha desviado a atenção para outra arara de roupas.

— Obrigada, só estamos dando uma olhadinha — eu disse timidamente e fui me esquivando até onde Sara-Beth estava parada, dando uma conferida num vestido tubinho preto e branco com babados multicoloridos no meio.

— Isso é uma coisa saída do meu pesadelo com o casulo. — Ela pegou o cabide e mediu o vestido em si. — É totalmente esquizofrênico! Uma roupa de palhaço psicótico.

— Parece que vocês, mocinhas, estão procurando algo específico — disse a vendedora, nos seguindo pela loja. Ela estava de braços cruzados, e eu reparei que o top que ela usava tinha sido feito na mesma confecção do vestido, que agora, tinha levado a Sara-Beth às lágrimas de tanto rir.

— Estamos procurando fantasias para o Halloween — Sara-Beth exclamou. — E parece que você tem uma loja cheia. Ooh! — Ela agarrou uma saia plissada perto da arara de roupas e começou a balançá-la, fazendo barulho de fantasma.

— Eu acho que não temos nada desse tipo — a vendedora disse, tocando as enormes contas coloridas do seu colar.

— Você deve estar brincando! Esse lugar é muito doido! — Sara-Beth notou algo a mais que ela queria ver — provavelmente um vestido curtinho metálico que mais parecia uma roupa chifrim de astronauta —, mas a vendedora passou na sua frente antes que ela pudesse pegar a roupa.

— Talvez você deva tentar outro estabelecimento. — A garota sorriu, com uma expressão agradável e condescendente. — Tem uma Duane Reade no final da rua. Se você se apressar, talvez eles ainda tenham alguns acessórios da personagem *Dora, a aventureira*.

— Como assim? Você faz ideia de quem eu sou? — Para alguém que estava sempre se escondendo dos *paparazzi*, Sara-Beth fazia essa pergunta várias vezes. Ela se endireitou, pendurando a saia branca no braço. Mas a vendedora ou não sabia quem ela era ou não se importava. Ela deu uma olhada rápida de cima a baixo para Sara-Beth.

— Na verdade — ela disse — eu vou ficar com isso de volta. Você não precisa de uma fantasia. Você pode simplesmente se vestir de marrom-claro e ir de palito de dentes.

Sara-Beth irrompeu em lágrimas. — Você é uma mulher horrorosa! Como ousa zombar do meu metabolismo! Vamos, Flan, vamos sair daqui!

A vendedora deu um sorrisinho. Olhei para ela com desprezo enquanto seguia a Sara-Beth para fora da loja.

— Como ela pôde falar comigo daquele jeito? — ela perguntou, enfurecida pela rua. Tentando contê-la, quase tropecei num pequeno cachorro da raça Dachshund. — A culpa não é minha se tenho ossos pequenos!

— Ela foi muito desagradável — concordei. Sara-Beth tinha sido espalhafatosa e meio indelicada, mas o palito de dentes foi uma observação totalmente inapropriada.

— Eu como! Eu como o tempo todo! — Sara-Beth olhou para mim com raiva, me desafiando a discordar dela. — Qual é, Flan, vamos comer um *cupcake* agora mesmo!

Então nós duas seguimos pela rua até a Magnolia Bakery. Eu podia sentir o cheiro do açúcar a meio quarteirão de distância. Magnolia Bakery é uma padaria muito linda que fica aberta até bem tarde; mais de uma vez eu fiquei lá até as onze e quinze da noite esperando na fila com a February por um *icebox cake* e dois cafés. É claro que isso foi antes de ela ter se tornado uma total psicopata ditadora na minha vida pessoal. De qualquer modo, Magnolia Bakery é famosa por seus *cupcakes*, que são doces e macios do jeito que você imagina que devam ser. Eles são tão populares que existe um limite de uma dúzia por pessoa. Nós pegamos do balcão dois *cupcakes* com cobertura rosa-clara e pagamos.

Enquanto virávamos a esquina da West Eleventh Street, Sara-Beth ainda parecia chateada com o comentário sobre o palito de dentes, então passei a falar de várias coisas que eu podia me lembrar para que ela não pensasse mais naquilo. Comecei descrevendo o Bogie, o girino, e como ele era bonitinho com aqueles olhos esbugalhados e um rabinho esquisito, o jeito como ele bateu o nariz na lateral do jarro quando quis dizer um olá, e como eu achava que ele já estava começando a reconhecer o Adam e eu. Isso me fez falar sobre o Adam e como ele era bom com animais, e como até mesmo o Bennett achava que ele era um cara legal — o que era ótimo, mas também meio estranho. Antes de conhecê-lo, eu ficava reclamando do fato de Meredith e Judith estarem tão obcecadas por ele, o que estava destruindo a amizade delas.

— Quer dizer, elas ficam competindo uma com a outra — elas estavam até com ciúmes de mim, só porque o Adam e eu dissemos oi um para o outro no terraço. É totalmente sem noção. Verdade, não vale a pena acabar com uma amizade por causa de um cara. Mesmo que ele seja lindo... e gente boa... e atlético... e, tá certo, divertido, e generoso, e bom com os animais — ainda assim não existe a menor chance de correr atrás de alguém como ele se isso for estragar a minha relação com a Meredith e a Judith. Mesmo que ele goste de ler e assistir a filmes antigos...

Eu parei de falar porque a Sara-Beth Benny havia parado de andar. Por um segundo, eu pensei que ela tinha visto um *paparazzi* e nós íamos ter que correr e nos esconder atrás de um carro estacionado ou coisa assim. Mas em vez disso ela só ficou me olhando. Ela deu uma mordida no seu *cupcake*, mas deixou o resto que havia sobrado cair dramaticamente na rua.

— Oh. Meu. Deus — ela disse.

— O quê? — Eu terminei de comer o meu *cupcake* e limpei os meus lábios.

— Flan, por que você não me contou? — Sara-Beth agarrou o meu braço. Seus dedos se enterraram na minha pele.

— Por que eu não disse o que para você?

— Que você está *apaixonada* pelo Adam!

— O quê? Nada disso! — protestei.

— É tão óbvio! Não posso acreditar que eu ainda não tinha reparado nisso. — Sara-Beth jogou os braços ao meu redor de um jeito exuberante. — Eu sinto muito! Eu sou a primeira a admitir que posso estar sendo um pouquinho egoísta. Eu estava tão enrolada com esse negócio da decoração...

Eu balancei a cabeça e tentei rir da situação. Meu coração estava tão acelerado que pensei que ia explodir. — Escuta, Sara-Beth, eu não estou apaixonada pelo Adam. Isso não faz o menor sentido. Eu tenho um namorado maravilhoso, lembra? E a Meredith e a Judith...

— Flan, você é tão boba. — Sara-Beth segurou as minhas mãos. — Amor é para não fazer mesmo nenhum sentido! É só loucura, loucura, loucura. É por isso que se chama amor. — Ela me deu o braço e começou a me puxar pela rua. — Agora eu acho que você devia escolher uma fantasia histórica. Você podia... Ah, qual é o nome dela, da mulher do rei Arthur?

— Guinevere — eu disse. Eu não podia deixar de sorrir, imaginando o tipo de roupa bizarra com a qual a SBB ia querer que eu me vestisse.

— Isso aí, é ela! — Ela sorriu sonhadoramente. — E o Adam pode ser o seu cavaleiro de armadura brilhante. Ou você pode ser aquela outra, aquela moça russa pobre que se jogou nos trilhos do trem por amor. Eu conheço um maquiador maravilhoso que pode fazer parecer que a sua cabeça foi decepada e depois recolocada. É só uma questão de usar sangue falso, cola e parafusos... a menos que você queira ser a peregrina de *A letra escarlata*!

Eu ri. — Eu não sei se quero usar fivelas nos sapatos a noite toda.

— Ah, e tem aqueles gorros horrorosos também. Bem pensado, Flan — a gente precisa deixar você bonita. Mas, de qualquer jeito, isso vai ser muito divertido.

Enquanto Sara-Beth tagarelava, mordi o lábio e fiquei olhando para a vitrine de uma loja enquanto andávamos. Até mesmo as óticas tinham enfeites de temas do Halloween. Eu estava feliz pela SBB estar errada sobre o Adam e eu, porque se eu tivesse uma queda por ele, o feriado ia ser um desastre total. Assim como o resto do ano escolar, provavelmente.

Sara-Beth e eu andamos por todo lugar à procura de vestidos. Depois de quatro horas procurando, ela finalmente achou um vestido preto e maluco, estilo Renascença, num lugar punk horrível, chamado *Trash and Vaudeville*, no East Village. E mesmo estando cobertos de tatuagens e *piercings*, os vendedores eram mil vezes mais simpáticos do que aquela moça no Cynthia Rowley. Eles sugeriram alguns lugares para fazer ajustes no vestido para diminuí-la o suficiente, e ainda tiraram a foto dela para pendurar na parede antes de sairmos da loja.

Sara-Beth ia se encontrar com a Philippa e a Liesel no Rase Bar, perto do Gramercy Park, para tomar uns drinks, e eu tinha que voltar para casa para me arrumar para o jogo de futebol, então, por volta das seis horas, nos separamos. Mas enquanto subia as escadas da minha casa, eu ainda estava pensando no que conversamos. Eu tinha tentado achar graça daquilo, mas estava começando a me aborrecer. Será que eu gostava do Adam?

Como amigo, claro. Sim, ele era charmoso e definitivamente bonito, mas tinha o Bennett, com seu ótimo senso de humor e com seus gostos alternativos, que era perfeito para mim. Com certeza eu estava curiosa sobre qual fantasia o Adam escolheu para o Halloween, mas era com o Bennett que eu queria sair junto no Halloween... certo?

Capítulo 16

ENTRANDO NO CLIMA

Meredith, Judith e eu íamos nos encontrar no estádio à noite. Eu mandei um e-mail para o Bennett e ele disse que me apanharia em casa por volta das sete horas. Quando abri a porta, ele estava vestindo uma camiseta em que estava escrito ME BEIJA, SOU IRLANDÊS.

— Ei, Bennett — eu disse, agarrando o Noodles antes que ele fugisse de casa. — Você quer entrar um pouquinho?

— Não, é melhor a gente ir. Você já está pronta?

— Claro. — Dei uma olhada para o espelho do corredor e conferi o meu visual de cima a baixo. Eu ainda não tinha uma fantasia de Halloween, mas tinha comprado algumas roupas novas. Enquanto perambulávamos pelo SoHo, Sara-Beth insistiu para que fôssemos ao Betsey Johnson, e eu comprei um lindo vestido novo, bordado com pequenas rosas amarelas. Também comprei esse suéter amarelo felpudo de uma loja de roupas *vintage* incrível que fica só a alguns quarteirões da minha casa. Em princípio, achei que o meu visual não ia ficar parecendo muito arrumado para ir a um jogo de futebol se eu calçasse tênis, mas então decidi que podia sim usar os meus saltos altos. Eu já estava toda arrumada, mas aí, felizmente, o bom-senso falou mais alto no último minuto, e eu me troquei e coloquei um jeans e uma camiseta justa do Stuy, mas decidi ficar com as minhas sandálias de tiras... por via das dúvidas. Dei de ombros, vestida com um cardigã azul e peguei a minha bolsa. — E aí?

— Nada demais. — Ele reparou na minha camiseta. — Ei, isso é legal. No espírito da escola.

— Pois é, totalmente. — Revirei os meus olhos. Julgando pela maneira como ele reagiu ao *pep rally*, imaginei que ele estivesse sendo sarcástico. — Espero que você não se importe de eu estar levando você a esse jogo. Sei que esporte não é o seu assunto favorito.

— Você não está me arrastando. Na verdade, depois da conversa com o Adam no outro dia, eu me mudei essa semana para a coluna de esportes. Meu primeiro artigo será sobre o jogo de hoje à noite.

— Uau. — Eu olhei surpresa para ele, que estava mesmo falando sério. Nós chegamos à estação do metrô da Fourteenth Street e descemos pelos degraus molhados — por algum motivo, as estações do metrô estão sempre molhadas e com goteiras mesmo que não esteja chovendo. Bennett usou o seu cartão do metrô para que eu pudesse passar pela catraca, e nós andamos até a plataforma e ficamos esperando pelo trem.

— Pois é, você sabe, o Adam é bem legal. Trocamos alguns e-mails, e talvez eu vá ao apartamento dele ainda essa semana para sair com ele e com o irmão dele. Eles têm um Wii¹⁰. — Nós paramos de andar e o Bennett se apoiou numa viga de aço que tinha a pintura amarela descascando. Ele parecia muito pensativo. — Eu acho que ele é mais inteligente do que eu imaginava que um jogador de futebol pudesse ser. Gente boa também. — O trem surgiu na estação num estrondo, e Bennett falou mais

¹⁰ Videogame produzido pela Nintendo. (N.T.)

alto por causa do barulho. — Eu fiz algumas pesquisas para o meu artigo e a quantidade de estratégias envolvida nos jogos é realmente fascinante.

Quando chegamos ao estádio, parecia o *pep rally* só que mil vezes maior. O lugar estava lotado de pessoas, havia carrinhos de cachorro-quente, nachos e refrigerantes soterrados no meio de tantos adolescentes. As paredes e o chão eram de concreto, e cartazes pintados a mão estavam colados por toda a parte. Uma tabuleta com a frase VAI, PEGLEGS! estava pendurada em um quiosque que alguns alunos empreendedores do Stuy montaram para vender tapa-olhos, braceletes e chapéus de malha com fotos do Pegleg Pete bordados. Quando chegou a nossa vez na fila, o Bennett comprou um bracelete para mim.

— Você é tão fofo, Bennett. Você não precisa fazer isso — eu disse, deslizando o bracelete no meu braço. Ele deu um beijo no topo da minha cabeça.

— Fica bonito em você.

Deixamos a multidão nos empurrar para dentro do estádio. Eu espremia os olhos, olhando ao redor à procura de Meredith e Judith, então dei uma olhada no campo de futebol. As líderes de torcida estavam dando piruetas e formando pirâmides humanas e soletrando VITÓRIA, e atrás delas, um cara usando uma cabeça de pirata feita de espuma estava dançando. A banda tinha sido montada no campo, e eles estavam tocando "Louie Louie" no volume máximo. Os músicos estavam tão embalados que eles balançavam seus saxofones e tubas no ritmo da música. A multidão já estava bastante agitada, e mesmo eu sendo muito mais acostumada com balé e musicais da Broadway do que com jogos, era impossível não entrar no espírito da coisa. As pessoas estavam fazendo a onda, e nos levantamos e nos sentamos duas vezes antes mesmo de sabermos se estávamos nos lugares certos. Estávamos sentados razoavelmente perto, mas o campo de futebol era mais distante do que eu imaginava, e comecei a me perguntar se o Adam ia conseguir nos ver de tão longe antes de me dar conta do que estava fazendo e espantar aquele pensamento da minha cabeça.

— Elas estão lá — disse Bennett, apontando para a multidão que estava enchendo o estádio. Eu quase comecei a rir; o jeito como elas estavam vestidas definitivamente me fez ficar feliz por eu ter trocado de roupa. Meredith estava num vestido decotado bordado com florzinhas, com sapatos brancos de salto alto e rosas de tecido no cabelo. Judith estava usando uma saia balonê listrada e uma blusa preta de manga comprida decotada que ela tinha comprado dias antes na Bebe. O delineador preto destacava seus olhos castanhos. Elas duas nos localizaram e subiram correndo pelas arquibancadas, acotovelando-se uma a outra, para ver quem ia chegar primeiro.

— Ei, perfeito esse lugar — disse Judith, esticando as suas pernas sobre as arquibancadas à sua frente; sendo assim, ninguém poderia bloquear a sua visão em relação ao zagueiro. Ela passou a mão delicadamente nos cabelos, inspecionado o campo, então rapidamente tirou um pó compacto da bolsa e retocou a maquiagem.

— Como vocês dois estão? — Meredith perguntou, se inclinando na frente da Judith para nos ver. Judith a afastou.

— Vocês duas estão muito bonitas — eu disse. — Qual é a ocasião?

— Você não está sabendo da festa que vai rolar depois? — Judith passou um pouco de batom e fechou o espelho. — Todo mundo vai estar lá. — Ela me olhou expressivamente. — Todo mundo.

— Eu não — disse Bennett.

— Ah, não? Mesmo? — perguntei.

— Pois é, infelizmente o senhor Neil, nosso professor-orientador, quer dar uma olhada em todos os artigos antes de eles serem publicados na segunda-feira. Então vou ter que mandar por e-mail para ele hoje à noite. — Bennett reparou a minha expressão de desapontamento. — Ei, não se preocupe. Vocês vão se divertir sem mim. Vai ter um monte de gente legal lá. Você sabe, como o Adam, por exemplo.

Meredith, Judith e eu ficamos num silêncio profundo embaraçoso.

— Olha lá. O Eric e o Jules. — Bennett se levantou e acenou para os amigos. Eles subiram as escadas e chegaram até nós. Jules estava segurando uma bandeja de nachos; Eric estava perfeitamente alinhado num suéter marrom de gola rolê e calça bege. Quando o conhecemos, Judith tinha achado o Eric o cara mais bonito do ensino médio, mas agora ela mal olhava para a direção dele. Isso me deixava meio triste; por que Meredith e Judith estavam com essa fixação pelo Adam quando havia caras perfeitamente legais bem aqui na frente delas?

— E aí, tudo bem? — Bennett perguntou a eles. — Eu não sabia que vocês iam vir.

— Não sei se a gente vai ficar — Jules explicou. — Eu tenho passe da imprensa para tirar fotos para o jornal da escola, mas quando cheguei aqui eles disseram que tem um time de profissionais trabalhando nisso. O que eu acho muito bom — particularmente eu não queria ficar lá embaixo no campo sem um capacete. Oi, Meredith.

— Ah, oi, Jules. — Meredith desviou a atenção do campo de futebol por alguns segundos para dar um sorrisinho para ele. Os olhos dele ficaram fixos nos dela por um momento, e depois ele pigarreou e falou novamente.

— Eu estava querendo falar com você. Eu li aquele livro de poesia *beat* que você recomendou. Realmente interessante.

— Verdade? — Ela olhou para ele, surpresa, e por um segundo eu jurei que ela estava gostando dele de novo. Mas, então, aquilo desapareceu e seus olhos se desviaram em direção ao campo de futebol, onde as líderes de torcida estavam lançando umas as outras no ar. — Estou pensando em escrever algumas poesias — ela falou distraidamente. — Eu tenho uma ligeira impressão de quem possa me inspirar.

Eric parecia entediado e um tanto irritado pelo fato de Judith o estar ignorando também. — Quer saber? Vamos sair daqui — ele disse para o Jules. Para o resto de nós, ele disse: — Futebol é superestimado.

Eles dois desceram os grandes degraus de concreto, passando pela horda de pessoas que ainda inundavam o estádio. Jules parou uma vez para olhar para Meredith, mas ela estava muito ocupada olhando o Adam para reparar.

De nós quatro, Judith era a única que já tinha assistido a um jogo inteiro de futebol, então ela tinha que explicar o jogo, passo a passo, pelos primeiros vinte minutos. Não tenho certeza se isso ajudou muito, embora boa parte de suas frases ficassem pela metade quando ela vislumbrava o Adam lá embaixo no campo fazendo alguma coisa atlética ou tipo heroica. Como zagueiro, ele era o centro dos ataques: fazendo passes, correndo velozmente, até mesmo sofrendo faltas, fazendo com que nós três suspirássemos e pulássemos.

— Vocês estão mesmo entrando no espírito — observou Bennett, registrando rapidamente alguma coisa no seu caderno do Capitão América. — Talvez todos nós sejamos fãs de esportes até o final da estação.

Bennett estava certo: eu não imaginei que me importaria muito com isso, mas praticamente durante todo o tempo eu estava na beirada do meu assento. Durante metade do tempo, eu me dei conta de que a minha garganta estava doendo de tanto torcer pelo jogo, então quando a Meredith foi até um carrinho de comida, eu dei a ela dinheiro para comprar uma Coca para mim. Assim que ela deixou o seu lugar, um cara vestindo uma camiseta do Space Camp e com óculos escuros se aproximou e ficou sem jeito no corredor, olhando para nós.

— Ei, Judy — ele chamou num tom de voz estranho e anasalado.

Judith olhou para mim com uma cara de "oh-meu-Deus", mas eu só encolhi os ombros. Eu não tinha ideia de quem ele era. Ela se virou novamente para ele com um sorriso forçado.

— Oi, Kelvin — ela disse de volta.

— Se importa se eu me sentar aí até a sua amiga voltar? — Ele tomou o caminho entre os assentos e se sentou ao meu lado, então acenou para nós. — Eiii. — Quando ele sorriu, eu pude ver que ele tinha elásticos verdes em seu aparelho.

— Oi — eu disse.

— Flan, esse é o Kelvin, meu parceiro de laboratório da aula de biologia — Judith disse com um desespero de "tira esse cara de perto de mim" em seus olhos.

— Vocês estão fazendo aquele trabalho para estudar a vida dos anfíbios juntos? — perguntei educadamente.

— Sim. É, estamos fazendo. — Kelvin esfregou suas mãos. — Não vejo a hora de fazer a dissecação.

— Dissecação? O quê? — Olhei ansiosa para o Bennett. Ele encolheu os ombros.

— É, a dissecação. Quando você tira a pele do sapo e classifica todas as fibras nervosas com tachinhas. He he.

— Ele arquejou e mexeu os dedos, delirando. — Eu venho praticando num programa de imagem digital no meu computador, e alguns modelos que eu tenho praticado são bons pra caramba. Sabia que tem um tipo de sapo que parece ter joias nas costas?

— Eu não vou dissecar o meu girino! — Pensei no meu pequeno Bogie, nadando tão confiante em seu jarro. Talvez eu estivesse doida, mas podia jurar que o Bogie estava começando a me amar e a depender de mim. Seus pequenos lábios de sapo parecem estar sempre curvados em um adorável sorriso todas as vezes que eu o pego nas prateleiras. Então, quando a aula termina e eu vou colocá-lo de volta, ele parece me olhar ardentemente, como se quisesse que eu o levasse para casa. Como eles acham que eu posso tratá-lo como se fosse uma autópsia alienígena? — Bennett, quando você fez biologia, eles te mandaram fazer isso?

— Eu não sei. Eu fiz aula de botânica em vez de biologia. Cortar o caule das rosas não era tão horrível assim. — Então ele desviou os olhos do seu caderno e viu que eu estava muito aborrecida. — Flan, eu aposto que você pode falar com o professor sobre isso. Se você estiver realmente se sentindo desconfortável com isso, talvez outra pessoa possa fazer a incisão. Tipo o Adam — ele é o seu parceiro de laboratório, então...

— Eu não quero que nenhum de nós dois mate o sapo! Por que não deixar a pobre criatura apenas viver a vida dela? — Eu estava quase pronta para chorar. — Não quero fazer isso! Não consigo!

— Eu acho que a gente precisa fazer, Flan — disse Judith. — Faz parte da prova final.

Bennett jogou os braços ao meu redor. — Não se preocupe, Flan — ele sussurrou, acariciando as minhas costas. — Tenho certeza que a gente vai conseguir pensar em alguma coisa.

Eu queria acreditar nele, mas tudo o que eu conseguia pensar era que, quando abri o jarro do Bogie para alimentá-lo na sexta-feira, ele havia se aproximado com as suas patinhas e tocado o meu dedo.

Quando Meredith voltou, o esquisito do Kelvin finalmente já tinha saído do lugar dela, e não demorou para que o jogo começasse de novo. Foi por pouco. Já no final nosso time foi de 13 para 17. Parecia mesmo que a gente ia perder. Eu sempre achei engraçado quando os amigos do Patch gritavam para a TV durante um jogo de futebol, mas pela primeira vez nesta noite, eu realmente entendi. Junto do resto do estádio, Meredith, Judith e eu estávamos de pé, gritando a todo pulmão, e eu podia sentir o meu coração batendo, como se fosse eu quem estivesse correndo de um lado para o outro no campo Astroturf. Por um momento, o resultado do jogo parecia a coisa mais importante do mundo. Mas aí uma coisa engraçada aconteceu. O nosso treinador pediu um intervalo, e enquanto os jogadores se amontoavam na lateral do campo para se exercitar, Adam parou por um minuto para tirar seu capacete. Quando ele olhou de

novo, foi direto para mim. E mesmo ele estando lá embaixo no campo, eu juro que os nossos olhares se cruzaram.

No início do tempo seguinte, Adam estava com a bola nas mãos na linha de quarenta jardas, com apenas doze segundos marcando no relógio e todo o outro time estava na linha de defesa bem na frente dele. Ele olhou para a esquerda, depois para a direita, e eu pensei que ele estivesse tomando uma decisão. Mas enquanto um *linebacker*¹¹ grandalhão foi na direção dele, Adam saltou graciosamente para o lado. Nesse exato momento, ele jogou abola. O passe desenhou um arco sobre o campo como se fosse um gigantesco arco-íris, e todo o estádio ficou em silêncio. Ficamos todos petrificados com a bola. Eu olhei para o Adam e podia jurar que ele estava sorrindo enquanto observava o seu passe. Na área final, um receptor parecia quase surpreso ao pular e agarrar a bola contra o seu peito e cair no chão.

Nas arquibancadas, todo mundo gritava de um jeito insano: *TOUCH-DOWN!* Meredith, Judith e eu gritamos e comemoramos. Então olhamos lá embaixo, para o campo. Adam estava segurando seu capacete numa mão, apontando para nós. Meredith e Judith praticamente desmaiaram. Eu fiquei com o rosto ruborizado. E ficou ainda mais vermelho quando eu olhei para cima e vi a expressão confusa no rosto do Bennett.

¹¹ Uma das posições do jogo de futebol americano. (N.E.)

Capítulo 17

ESTRANHOS NA NOITE

— Acho melhor eu ir andando — disse o Bennett, pegando as suas coisas. — Vou levar uma hora e meia para escrever esse artigo. Dê os meus parabéns ao Adam, tá bem?

— Tem certeza de que não quer rachar um táxi com a gente?

— Não, eu vou pegar o metrô. — Bennett me deu um beijo no rosto. — Divirta-se na festa. Te ligo amanhã.

Eu dei um abraço bem apertado nele. — Boa sorte com o texto.

Meredith, Judith e eu nos esprememos no meio da multidão de alunos que celebravam e pegamos um táxi até o Crockett's, o clube aonde eles iam depois da festa. Crockett's é um *lounge underground* superlegal que fica no Upper West Side e que pertencia a um antigo aluno do Stuy. Meio que me lembra um desses clubes clandestinos dos anos vinte: fica no porão e tem sofás antigos e lâmpadas com franjas, e em algumas noites uma banda de jazz vem e toca num pequeno palco nos fundos.

Hoje à noite, porém, não tinha música ao vivo, e mesmo que tivesse, não conseguiríamos ouvir por causa do barulho da multidão. Praticamente todo mundo da escola estava lá: teve uma hora em que eu pensei ter visto um dos assistentes do professor de matemática tomando um martini de romã. Os jogadores de futebol chegaram pouco menos de uma hora depois de nós — eu acho que eles tinham tomado banho e trocado de roupa — e quando entraram pela porta, tive que tampar os meus ouvidos porque a multidão gritava como se ainda estivessem no estádio.

À frente do bando de jogadores, Adam deu um sorriso despreocupado, e eu pensei que Meredith e Judith fossem desmaiar. Ele estava mesmo muito bonito — tinha vestido uma camisa branca limpa e calça cáqui. Exceto por uma pequena atadura no cotovelo, você jamais diria que nas últimas horas ele trombou com um jogador da defesa pesando toneladas. Uma semana atrás eu teria zombado do fato de todo mundo parabenizá-lo, como se ele fosse o rei da multidão ou coisa assim, mas agora eu estava torcendo descontroladamente como todos os outros.

No início, estava tudo ótimo. O hip-hop no último volume vinha dos alto-falantes, e algumas pessoas começaram a dançar no bar. Eu reconheci vários rostos e disse oi para alguns garotos da minha turma, o que me fez sentir parte de toda a comunidade do Stuy. Mas as coisas começaram a ir por água abaixo quando decidimos pedir umas bebidas — um Red Bull para mim e Cocas para Meredith e Judith — e nos sentamos numa mesa vazia ao lado de uma das janelas.

— O jogo foi muito divertido! Estou feliz que a gente tenha decidido ir! — Meredith exclamou, mastigando uma pedra de gelo.

Judith jogou seu cabelo para trás. — Bem, vocês tiveram sorte por eu estar lá, porque eu era a única que realmente entendia o que estava acontecendo.

Meredith apertou os olhos: — Eu realmente curti me conectar com a poesia do jogo, o que é muito mais importante do que regras idiotas.

— Certo. — Judith riu condescendente, apontando para o canudo vermelho da bebida da Meredith para enfatizar. — Porque se você entender a poesia de um triângulo, você vai passar no teste de geometria.

— Você está com inveja porque eu senti o jogo num nível diferente de você. — Meredith colocou a mão sobre o coração. — Eu tive mais uma reação visceral com tudo aquilo.

Judith bufou. — Sem querer ofender, mas eu acho que você está sendo pretensiosa. Quer dizer, futebol não tem a ver com poesia ou aquarelas. É sobre quem vence e quem perde.

— Eu não estou nem aí para quem vence ou perde. — Meredith vasculhou sua bolsa e pegou um brilho labial ChapStick sabor melancia. — Estou interessada em quem tem mais paixão.

Eu terminei o meu Red Bull num gole e disse em voz alta: — Quer saber, eu acho que estou pronta para ir embora. Querem dar o fora?

Meredith e Judith concordaram imediatamente. Eu acho que a elevação da tensão estava começando a deixá-las assustadas também. Mas, de certa maneira, era estranho: apesar de toda a obsessão em torno do Adam, nenhuma delas parecia estar triste em ir embora sem se despedirem do Adam. Era quase como se ele fosse apenas um ator gato que nós tínhamos visto. Realmente não passou pela cabeça delas tentar sair com ele, como se ele fosse uma pessoa normal.

Eu estava tão ansiosa para sair do clube que não percebi que tinha deixado a minha bolsa na mesa até o momento em que estávamos do lado de fora.

— Vão vocês sem mim — eu disse. Meredith e Judith moravam apenas a alguns quarteirões de distância, então não íamos dividir um táxi ou coisa assim. — Vejo vocês segunda-feira na escola.

— Tem certeza, Flan? — Judith perguntou. — A gente pode te ajudar a procurar a bolsa.

— Não, tudo bem. Deve estar embaixo da nossa mesa ou em algum lugar ao redor. — Eu acenei um adeus e entrei no clube.

Do lado de dentro do Crockett's, segui pela multidão, caminhando de lado e passando por colegas de turma que obviamente pediram bebidas um pouco mais fortes do que o meu Red Bull. Nos poucos minutos que eu havia deixado a minha mesa, ela foi tomada de um monte de copos de vidro vazios, saleiros e fatias de limão, mas eu não vi a minha bolsa em lugar nenhum. Tentando não entrar em pânico, me ajoelhei e comecei a procurar embaixo da mesa.

— Tem alguma coisa interessante aí embaixo? — perguntou uma voz acima de mim.

Assustada, me virei.

Era Adam. Rapidamente fiquei de pé e esfreguei as mãos no meu jeans.

— Eu estava te procurando. Você já está indo embora? — ele disse, se apoiando na parede e sorrindo para mim de um jeito como se estivesse flertando.

— Estou tentando. — Tentei parecer o mais não flertando possível. — Mas não estou conseguindo achar a minha bolsa.

— Tem um jeito mais fácil de procurar, sabia? — Adam passou as mãos de leve em mim e sem fazer esforço suspendeu a mesa do chão, com o cuidado para não deixar cair os copos de vidro que balançavam sobre ela. Evidentemente, logo vi a minha bolsa — estava caída entre a perna da cadeira e a parede — e me abaixei para pegá-la.

— Obrigada! — Conferi para ver se nada tinha caído de dentro.

— Fico feliz em ajudar. — Adam baixou a mesa enquanto duas garotas rindo passaram por nós e se enfiaram no banheiro. — E aí, gostou do jogo?

— Demais! O time fez um ótimo trabalho. Especialmente você. — Não era flerte dizer a verdade, né? Apenas por precaução, acrescentei: — O Bennett me pediu para te dar os parabéns também. Ele ficou chateado por não vir à festa.

— Bem, pelo menos vocês foram ao jogo. Eu sabia que você ia gostar de futebol!

— É... — Mordi o meu lábio, e de repente comecei a me dar conta da situação quando uns garotos se afastaram um pouco de nós dois. Além disso, Meredith e Judith

iriam enlouquecer se soubessem que eu estava conversando com o Adam depois de ter sugerido que fôssemos embora. — Bem, eu preciso mesmo ir para casa. Minha irmã está numa viagem maluca ultimamente, e eu não estou num humor muito bom para ouvir sermão.

Adam acenou a cabeça positivamente. — Vou com você até lá fora.

Comecei a protestar, mas ele agarrou a minha mão e me guiou pela multidão até a porta. Apesar da nossa conversa ter sido completamente inocente, eu me senti envergonhada e até um pouco culpada; claro que o clube inteiro deveria estar apontando e cochichando sobre como a garota loira que estava de mãos dadas com o Adam era uma péssima amiga e namorada. Mas quando tomei coragem para olhar em volta, percebi que todo mundo estava dançando e celebrando demais para reparar em nós.

Larguei a mão do Adam no instante em que pisei do lado de fora e cruzei os braços na frente do meu peito. Adam me acompanhou até a esquina da Eighty-third com a Amsterdam, então cutucou o meu pé com o dele. — Impressionante como você conseguiu ficar a noite toda com isso. Seus pés não estão frios?

Eu olhei para as minhas sandálias de tiras, e então olhei para ele com uma cara daquelas. — Ei, não sou eu quem fica com roupa de praia no terraço em pleno outubro. — Embora eu admita que sandálias de salto alto da Chloé era estar muito bem-vestida para um jogo de futebol.

Adam suspendeu as mãos se rendendo. — Entendido. Mas não me culpe se você não conseguir sentir os dedos na aula de biologia na segunda-feira.

— Meus dedos estão bem, obrigada. — Contorci os meus dedos (os quais eu havia pintado de vermelho metálico devido à ocasião) e dei um tapinha no braço dele. Ok, então talvez *inocente* não tenha sido a palavra certa para descrever a nossa conversa — afinal de contas, por que duas pessoas estariam falando sobre dedos do pé no meio da rua à noite se alguma coisa não estivesse rolando? Se eu estivesse sendo honesta comigo, diria que estávamos flertando e apenas, bem, apenas aceitaria isso. Mas coloquei de lado aquela realidade e decidi fortalecer a minha determinação em listar todas as razões da regra "Nada de Adam".

Eu só me fixei na razão número um (Bennett) quando o Adam deu um passo na minha direção. Ele estava tão perto que eu podia sentir sua loção pós-barba e ver um fiozinho perto do colarinho da camisa de abotoar. E foi isso. Todos os pensamentos com Bennett, Meredith e Judith escaparam da minha mente, e eu fechei os olhos para beijá-lo. Mas assim que ouvi um carro frear atrás de mim, me dei conta com certo constrangimento de que o Adam tinha dado um passo na minha direção para ir ao meio-fio e não para me beijar, mas para acenar para um táxi que passava.

— Hum, obrigada — murmurei, rezando para que ele não tivesse reparado que eu tinha feito uma pose de quem ia ser beijada.

Meu coração batia violentamente; desajeitada, entrei no banco de trás do táxi e descansei minha cabeça no couro rachado do assento. Com uma mão na porta aberta do táxi, Adam se debruçou sobre mim e então ele disse ao taxista que eu ia para o centro. Antes de ele se colocar de pé, aqueles olhos verdes como o mar se encontraram com os meus. Em um rápido movimento, ele esfregou seus lábios nos meus e sussurrou: — Estou muito feliz que você tenha vindo — antes de bater a porta.

Enquanto o táxi seguia para encontrar um mar de sinais vermelhos ao longo da avenida, eu permanecia com um único pensamento: Uau. *Estou encrocada*.

— Para onde você vai exatamente? — perguntou o taxista.

— Me dá um instante — eu disse. — Não tenho certeza.

Capítulo 18

CHÁ E SIMPATIA

Depois do que aconteceu, eu mal conseguia pensar direito, então quando o táxi chegou à Perry Street, eu fiz a única coisa que parecia fazer sentido: corri até a casa da Sara-Beth Benny e toquei a campainha. Ouvi as primeiras notas do "Frere Jacques" badalar dentro da casa antes de ela abrir a porta.

— Oh, meu Deus, Flan, estou tão feliz em te ver! — ela exclamou, me puxando pelo braço para entrar na casa. _ Rápido! Os *paparazzi* ficam de olho aqui o tempo todo!

Eu pisquei os olhos, olhando ao redor. Novamente, sua casa estava irreconhecível. Todos os vestígios de uma desastrosa casa de ópio haviam desaparecido. Por outro lado, eu senti como se tivesse acidentalmente entrado num daqueles setores do Metropolitan Museum que exibem como os europeus decoravam as suas casas em 1700. Só faltavam aqueles cordões de veludo para evitar que os visitantes tocassem em alguma coisa. Um papel de parede florido em tom pastel cobria as paredes, e delicadas cadeiras que pareciam terem vindo direto de Versalhes estavam no canto da sala. Numa antiga mesinha de canto havia um monte de pequenas cerâmicas com figuras pintadas: um casal valsando, uma mulher vendendo flores, um pequeno mímico de rosto branco segurando um bandolim. Um espelho com uma moldurada dourada estava pendurado na parede, e um imenso quadro estilo impressionista pintado com a imagem da Sara-Beth Benny estava pendurado entre duas janelas. Na pintura ela usava uma peruca empoada e sorria timidamente atrás de um fã pintado estrategicamente.

A verdadeira Sara-Beth, porém, saltava entre todas aquelas antiguidades na sua nova sala de estar, parecendo que tinha escapado das asas da arte moderna. Ela estava vestindo pijamas com estampas da Marilyn Monroe feitas pelo Andy Warhol espalhadas por todo o pijama num tom fluorescente maluco e, debaixo dos seus olhos, havia listras azuis brilhantes de algum hidratante.

— O que você acha? — ela perguntou, se jogando num sofá rosa pink de cetim posicionado debaixo da janela. Parecia muito desconfortável, com um estofamento exagerado e botões pregados nele. — Não é tão... rococó?

— Rococó? — repeti, me sentando num pequeno divã esquisito com os pés em forma de garras. — Acho que sim.

— Eu acho que está divino — disse Sara-Beth, balançando em vão as brilhantes cortinas de seda penduradas na janela atrás dela. Eram de um poderoso tom azul, mas eu não tinha certeza se tinha valido uma viagem à Europa. — Yvette é pura inspiração. Ontem, ela encontrou para mim uma prateleira de lareira de cerejeira vinda de um estado no norte da Espanha!

— Mas você não tem lareira — eu salientei. Olhando ao redor da casa entulhada, fiquei me perguntando onde ela ia colocar uma prateleira de lareira.

— Bem, ainda não. Ah, ainda não te contei a novidade! — Sara-Beth se endireitou, batendo as mãos uma na outra. — Você se lembra daquele diretor incrível, o Ric Roderickson? Bem, ele está pensando em filmar a adaptação de um livro chamado *Justine* no sul da França — um filme de época, você sabe, filme de arte — e talvez tenha uma participação nele para mim! Várias participações, na verdade. É

claro, se eu for à Europa, vou ter que mandar caminhões e caminhões na minha frente, e é claro que você me ajudaria a embalar tudo, não é? Na verdade, você poderia vir comigo e a gente poderia ir a antiquários e procurar por todo tipo de bugiganga para colocar em cima da minha prateleira de lareira! — SBB parou por um instante e olhou para mim com aqueles olhos azuis elétricos. — Flanny, o que está acontecendo? Você parece... bem, não muito parecida com o que a Flan costuma ser!

A essa altura, irrompi em lágrimas e contei toda a história — como a Judith e a Meredith ainda estavam brigando, como a Feb e o Patch estavam me enlouquecendo, como eu me importava com o Bennett, mas não conseguia deixar de pensar no Adam, que tinha me beijado.

— E a questão é — concluí, ainda choramingando — eu simplesmente não sei o que fazer. Eu sei que as pessoas vão ficar magoadas não importa o que eu faça, e eu não quero ser o tipo de pessoa que magoa os amigos... — Eu engasguei, segurando contra o meu peito um tipo de almofada de cetim rígido.

— Ah, Flanny — SBB finalmente disse. — Vou fazer um pouco de chá para você.

Ela desapareceu na cozinha, e depois de uns dez minutos por lá, voltou com um antigo jogo de chá de prata. No lugar de biscoitos tradicionais, ela colocou um pacote desses estranhos biscoitos japoneses de flocos de arroz que ela estava sempre comendo.

— Agora, beba isso. Vai se sentir melhor — ela disse, me servindo uma xícara. Agradecidamente peguei a xícara das mãos dela. Na xícara de prata estavam desenhados um pequeno homem e uma pequena mulher vestidos alegremente em trajes de pastor de ovelhas.

— Mas o que você acha que eu devo fazer? — O chá era de framboesa e limão, o meu favorito.

— Eu acho que depende de quem você gosta mais — disse Sara-Beth, colocando um travesseiro bordado atrás da cabeça.

— Mas eu não sei. Quer dizer, o Bennett é ótimo. Ele é uma graça, divertido, ele é mesmo muito, muito legal. Ele é o tipo de namorado que eu sempre quis ter. Eu tenho mais coisas em comum com ele do que tenho com... qualquer outro cara. Bem, exceto a obsessão dele por quadrinhos.

— Mas...?

— Mas... eu não sei. Sou como a Meredith e a Judith, eu acho. Simplesmente estou com uma queda idiota pelo Adam. — Comecei a descer para o tapete. A decoradora da Sara-Beth deve ter conseguido isso de alguma antiga família real ou coisa do tipo, porque era tecido com fios de ouro e todo padronizado com um brasão de armas. — Acho que devo simplesmente esquecer que essa noite existiu.

Sara-Beth franziu os lábios. — Mesmo? Porque, sinceramente, Flan, quando você chegou, estava radiante.

— Eu estava?

— Agora, não me deixe dizer o que você deve fazer. Mas a minha filosofia pessoal é se você encontrar alguma coisa que queira, pegue! — Ela gesticulou ferozmente segurando a xícara, esparramando chá de framboesa sobre o carpete.

— Mas e aquilo que você disse antes? Se duas amigas querem a mesma coisa, como um cara ou um papel num filme, elas não deviam concordar em não ir atrás disso?

Sara-Beth sacudiu a mão desconsiderando. — Ah, Flan, isso nunca funciona. É absolutamente impossível.

— Espera aí. Você e a Ashleigh-Ann Martin não mantiveram a promessa de parar de fazer testes pelos mesmo papéis? Eu entendi que isso havia salvo a amizade de vocês.

Sara-Beth caiu na gargalhada. — Salvo a nossa amizade?

— Claro.

— Flanny, Flanny, Flanny — eu não falo com aquele lixo de Las Vegas há anos.

— O quê? Mas eu pensei...

Ela jogou a almofada bordada no chão e abraçou a si mesma, balançando-se para frente e para trás enquanto ria. — Ah, às vezes, você é tão fofa! — Ela prendeu a respiração e me olhou direto nos olhos. — Flan, a razão de eu ser um sucesso e a Ashleigh-Ann Martin estar fazendo comerciais de facas às duas da manhã é — bem, existem várias razões, na verdade, e digamos que spray de bronzamento não fica legal em ninguém. Mas outra razão é que eu sabia o que queria e eu não ia deixar ninguém ficar no meu caminho. E porque o meu agente me obrigou a — quer dizer, insistiu, embora eu toque a minha própria vida, você sabe disso — fazer o teste de *Paris in the Springtime*, mesmo havendo uma chance bem pequenininha da Ashleigh-Ann pensar que eu ia quebrar a minha promessa.

— Bem, eu acho que vou ter que pensar sobre isso — eu disse me levantando. — Obrigada, SBB. Eu te ligo amanhã.

— *Au revoir!* — disse Sara-Beth enquanto eu saía.

Peguei as minhas chaves enquanto seguia para a porta da minha casa, ainda pensando sobre tudo o que tinha feito de errado. Conversar com a Sara-Beth ajudou — ela sempre sabia como me animar —, mas eu ainda me sentia mal pelo que tinha acontecido. Que tipo de amiga eu era? Eu não podia confiar mais em mim nem mesmo nos meus sentimentos.

Era quase uma da manhã e imaginei que se não fizesse barulho eu podia ir bem de mansinho para o meu quarto sem que o Patch ou a Feb me ouvissem — caso eles estivessem em casa. Mas quando as dobradiças da porta rangeram, Feb e Patch estavam de pé do lado de dentro. E eles não pareciam felizes em me ver.

Capítulo 19

UM FINAL PERFEITO PARA UMA NOITE PERFEITA

— Você está passando dos limites — disse Feb, cruzando os braços.

Eu deixei a porta bater atrás de mim. Depois da minha noite turbulenta, isso é exatamente o que eu não precisava, especialmente vindo dos meus irmãos. Milhões de vezes no passado, eu cheguei de manhã depois de uma noite e encontrei a casa completamente deserta; Patch chegaria uma hora depois, se jogaria no sofá e cairia no sono enquanto assistia a um DVD dos *Sopranos*, e Feb provavelmente nem voltaria para casa. Eu nunca tinha reclamado apesar disso — eu ficava feliz de eles curtirem as suas próprias vidas. Agora eles estavam com raiva porque eu fiquei na rua até depois da meia-noite?

— Onde você estava? — Feb perguntou. — Estávamos morrendo de preocupação.

— Não é da sua conta — eu disse a ela, pegando o Noodles. Olhei para o Patch, mas ele só estava encarando o chão. — Se vocês estavam tão preocupados, por que simplesmente não ligaram para o meu celular?

— Nós ligamos. Eu deixei dois recados na sua secretária.

— Ah. Deve ter tocado quando eu deixei a minha bolsa na boate. — Droga, droga, droga. Por que eu não ficava com a minha boca fechada? Noodles estava se contorcendo e choramingando nos meus braços. Eu o coloquei no chão, e ele saiu correndo em alta velocidade.

— Depois de eu falar para você não ir mais a boates? — Feb parecia um pouco magoada, mas ela rapidamente voltou a ficar raivosa. — Não acredito em como você é irresponsável!

— Eu? Irresponsável? Em que planeta você vive? Patch, diz para ela que ela pirou!

Patch estava verificando as suas unhas e murmurou: — Não sei não, Flan. Acho que você deve dar ouvidos à sua irmã.

Sem falar, olhei para ele por um instante, e então passei por eles correndo, subi as escadas para o meu quarto, bati a porta e liguei a TV. Aumentei o volume para que a Feb pudesse ouvir lá debaixo, antes de novamente desligá-la e me sentar na minha mesa. Liguei meu laptop e abri o bate-papo, mas nenhum dos meus amigos estava online. Eu estava indo conferir os meus e-mails quando ouvi alguém batendo na porta.

— Flan? — Era o Patch. Olhei para ele. Ele entrou e se sentou num pufe de camurça rosa que eu tinha fazia anos. Patch não era um cara pequeno, e ele parecia muito desconfortável sentado ali. Era difícil ficar zangada com ele, mas eu ainda estava furiosa.

— O que foi? — perguntei. — Veio aqui confiscar o meu controle remoto?

Ele parecia sem jeito. — Não, nada disso.

— Então...?

— Eu só acho que você deve escutar a Feb, Flan. Quer dizer... — O pufe estava sendo esmagado embaixo dele enquanto ele lutava para achar as palavras corretas. — Olha, é só que ela nunca se importou tanto com ninguém antes. Você dá a

ela um propósito. A gente precisa apoiá-la, mesmo se agora parece que ela está estragando a sua vida. Você entende o que eu quero dizer?

— Não, Patch, eu não entendo. — De repente eu só queria que ele sáísse do meu quarto. Eu me lembro de quando estava na quinta série, durante a minha fase de gostar de elefantes, e ele voltou de uma de uma aventura de uma semana e me deu um elefantinho de prata de olhos preciosos com um suporte onde eu podia colocar os meus anéis. E eu perguntei onde ele tinha comprado e ele não conseguia se lembrar. Mas esse Patch estava muito distante. — Isso não faz o menor sentido. A minha vida não é um projeto da Feb. *É a minha vida*. — Eu me virei novamente para o meu computador. — Me faz um favor, tá certo? Me deixe em paz. Eu não quero mais falar disso.

— Está certo. — Eu o ouvi se levantar e ir embora, mas não me virei até ouvir a porta se fechar atrás dele. Era tão estranho — Patch é tão descontraído e agradável que eu nunca fiquei brava com ele antes, mas agora eu estava quase tão furiosa com ele quanto estava com Feb. Como ele pode simplesmente ficar sentado e deixá-la fazer isso comigo?

Cliquei na caixa de entrada do meu e-mail. Eu tinha uma tonelada de coisas: alguns spams, mas a maioria era e-mail de verdade, para variar. Cliquei primeiro num do Bennett.

Assunto: Abominável namô, péssimo escritor.

Querida Flan,

Desculpa por eu ter partido logo depois do jogo essa noite — levei uma eternidade escrevendo aquela porcaria de artigo.

Enfim, queria ter ficado mais tempo com você, mas espero que você tenha se divertido na festa com as Diths.

Enquanto eu escrevia, também escutava essa nova banda, The Spectacles. Gostei dessa música e achei que talvez você também gostasse.

_B.

Ele terminou a mensagem com um link para a página da banda no MySpace. Cliquei nela, me sentindo culpada como na ocasião em que quebrei o vaso de vidro favorito da minha mãe e pus a culpa na minha antiga amiga Olivia. Bennett era tão doce, tão inteligente, tão sensível. O que afinal estava errado comigo? Eu queria nunca ter ido àquela festa.

A música era algum tipo de rock com ruídos no fundo — eu preferia Leland Brinker's rock acústico, mas, mesmo assim, eu ouvi, e por fim eu entendi o motivo de ele ter gostado tanto. Havia uma certa melancolia no jeito como a bateria soou no final. Fechando a janela do navegador, pensei no Bennett, no seu sorriso lindo e no seu ótimo senso de humor. Lembrei de estar de mãos dadas com ele no jogo de futebol e comecei a me sentir mais confusa do que nunca.

Havia também um e-mail da Meredith e um da Judith. Me preparando para o que podia vir, primeiro eu abri o da Judith.

Assunto: Estou tão apaixonadaaaaa.

Oi flan, a meredith me encheu a paciência por todo o caminho de volta pra casa mas a questão é que eu sei o que o adam significa pra mim!!! você provavelmente nem reparou mas ele ficava olhando direto na nossa direção antes de marcar aquele *touchdown* e eu acho

que isso quer dizer que ele está apaixonado por mim
então eu vou com certeza atrás dele... eu sei que eu
disse que eu não iria, mas isso é como romeu e julieta e
como as coisas teriam sido para eles se eles não tivessem
começado a sair??? E a meredith diz que eu não leio.
lol¹². Enfim, espero que você esteja ao meu lado pq eu
sei que ela vai fazer com que vc sinta pena dela quando
o adam e eu formos os reis do baile! lol. a questão é que
eu não quero magoar ninguém mas não é culpa minha
a gente pertencer um ao outro. me liga!!! bj, j
ps kelvin me mandou um e-mail. Isso não é
horrível?

Suspirei e abri o e-mail enviado pela Meredith.

Assunto: flutuando num sonho

Ah, Flan! Quando eu cheguei em casa, eu estava
tão inspirada! Escrevi oito poemas, fiz uma colagem e
comecei a tricotar um suéter para o Adam. (Espero que
ele goste da cor laranja!) Como você pode notar, estou
apaixonada! Não tem mais como negar! Por que viver
uma vida sacrificando a si mesma quando the birthday
of my life is come, my love is come to me¹³? Assim que
eu terminar o suéter, vou dizer a ele como eu me sinto!
Ou talvez eu deva escrever uma carta para ele?

Meredith

Eu me levantei, fechei as cortinas e vesti o meu pijama de algodão favorito com
pinguins desenhados. Então dobrei a minha camiseta do Stuy e peguei sobre a minha
cama meu novo vestido Betsey Johnson e o pendurei no meu armário. Mas antes de
fechar a porta, fiquei parada lá olhando para o armário. Quando eu pensei no jeito
como tratei as minhas amigas — e o Bennett —, senti como se não merecesse vestir
algo tão lindo outra vez. Calcei as minhas pantufas e me consolei pensando que ao
menos o dia havia terminado. Mas quando eu novamente me sentei para desligar o
computador, tinha uma nova mensagem de um e-mail que eu não reconheci.

Assunto: bom te ver hj à noite.

espero que não se importe de eu te mandar um
e-mail, mas achei ele no site do dever de casa de
biologia, então pensei em passar para dizer um olá.
e também para dizer que essa imagem tá me matando
de rir e pensei que você quisesse dar uma olhada.
talvez esse rapazinho aí fosse um dos amigos do Bogie
que voltou para o pântano!
adam.

¹² "laugh out loud" (rir alto). Trata-se de uma maneira comum de expressar, em linguagem de internet, que algo é engraçado. (N.T.)

¹³ Trecho do poema *My love is come to me*, da inglesa Christina Rossetti. (N.T.)

Por um segundo, comecei a me sentir terrível de novo — esse lance com o Adam simplesmente não ia embora. Então eu abri a imagem e imediatamente caí na gargalhada. Era uma salamandra roxa equilibrando um caracol na cabeça como se fosse um chapeuzinho. O que tomava tudo adorável era a expressão no rosto da salamandra — era quase como se ela estivesse sorrindo. Cliquei em responder e digitei alguma coisa sobre como aquilo era fofo, mas quando fui apertar em enviar, me dei conta do que estava fazendo e cancelei a mensagem.

Alguns dias atrás, o Adam mal aparecia na minha tela de radar — ele era apenas mais um atleta de quem eu tinha que desviar quando seguia para a aula. Mas agora ele tinha se tomado esse bizarro personagem que estava causando na Meredith e na Judith esses devaneios românticos exagerados, e até mesmo em mim. Ele era como uma dessas musiquinhas chatas que tocam toda hora no rádio e te fazem querer morrer, mas você não consegue tirar da cabeça. Você se pega cantarolando essas músicas nos momentos mais improváveis, como, por exemplo, quando você está na fila de uma *delicatessen*, sem mais nem menos, se dá conta de que é a sua vez na fila, mas você ainda não sabe o que quer porque estava cantarolando baixinho *Hips Don't Lie*, da Shakira, o tempo todo. E agora ele tinha me beijado.

Dei mais uma olhada na salamandra, fechei meu computador e apaguei as luzes. Nada mais de paquerar o Adam, eu disse firmemente para mim mesma enquanto me encolhia embaixo das cobertas. Descansei minha cabeça no travesseiro macio e fiquei pensando no dia incrível que eu tive. Meu professor de biologia ia me fazer matar o Bogie, minhas amigas estavam brigando por um cara, minha irmã tinha perdido a cabeça e eu basicamente traí o meu namorado com alguém que eu mal conhecia. Eu sei que as coisas estavam fora do controle, já que a Sara-Beth Benny era a pessoa mais lúcida da minha vida. Se as coisas continuassem desse jeito, eu ia ter que me mudar para dentro de um casulo — garotos, amigas ou irmãos não seriam permitidos.

Capítulo 20

A GRANDE FUGA

Na manhã seguinte, acordei, bocejei, me espreguicei e calcei os meus chinelos antes que me desse conta de que eu estava "de castigo". Imaginei que pudesse fazer umas dessas três coisas: ficar sentada no meu quarto o dia todo, ter uma grande discussão com a Feb ou sair de fininho sem que ninguém me visse. Não havia a menor chance de eu escolher a opção número um, mas outra briga também não me parecia nada legal. Minha garganta ainda estava doendo por ter gritado com ela e no jogo, na noite passada. Sendo assim, calcei os meus tênis prateados, Tretons, e escolhi a opção número três.

Alguns anos atrás, em um raro momento de preocupação dos meus pais, meu pai comprou um monte de escadas de náilon, para que, no caso de uma emergência, nós pudéssemos descer pela janela. Eu ainda tinha a minha guardada nos fundos do meu guarda-roupa, debaixo de um monte de bichinhos de pelúcia e cachecóis de plumas com os quais eu não brincava fazia anos. Eu a puxei para fora, prendi-a nas extremidades do trilho de metal do muro da minha varanda e desci por ela até chegar ao quintal. Eu estava um pouco nervosa, especialmente porque tinha que passar em frente à janela da cozinha no primeiro andar, mas ninguém estava olhando e eu consegui descer numa boa até o quintal. A partir daí, foi só uma questão de subir pelo muro que fica entre o quintal da SBB e o meu, o que levou só uns dois segundos. Assim que pulei o muro, senti um grande prazer — até eu afundar os meus tênis num lamaçal.

— Eca! — tentei tirar a sujeira da barra da minha calça. Apesar de todo o caos da decoração no interior da sua casa, SBB ainda não tinha se incomodado com a jardinagem do seu quintal. Deixando pegadas de lama enquanto andava, subi as escadas da porta dos fundos e bati.

Tive que esperar quase quinze minutos antes que a Sara-Beth finalmente parasse de ficar se esgueirando e espreitando as janelas e abrisse a porta.

— Ah, graças a Deus é você — ela sussurrou, me deixando entrar. Imediatamente fechou a porta e a trancou. — Fiquei com medo de terem mandando alguém disfarçado de Flan me perseguir!

— Desculpa se eu te assustei — eu disse, tirando os meus tênis sujos. — Eu teria entrado pela porta da frente, se não estivesse de castigo.

Reparei da segunda vez em que olhei, enquanto a Sara-Beth me levava pela cozinha e pela sala de jantar em direção à frente da casa, que os tapetes, a mobília e até mesmo as famosas cortinas de seda tinham desaparecido. Verifiquei as horas no meu relógio — eu não tinha estado numa França estilo rococó somente algumas horas atrás? Percebendo a minha reação, Sara-Beth explicou: — Ah, era tudo muito fora de moda. Agora, me conta o que está acontecendo?

— Não tem muita coisa para contar. — Eu me sentei no chão, agora despido. — A Feb está agindo como a mãe superprotetora que eu nunca tive — ou está querendo agir. É mesmo muito chato.

— Eu odeio parecer um disco arranhado, mas vou dizer de novo: se emancipe. Agora, o meu advogado...

— Eu não acho que posso me emancipar da minha irmã. — Bocejei. — Embora essa ideia soe melhor do que nunca.

— Só me avisa se mudar de ideia. — Sara-Beth desapareceu no corredor por um minuto e voltou segurando o seu celular. — Você está com fome? Eles levaram a geladeira com o resto da mobília, mas a gente pode pedir.

— Levaram a geladeira? Por quê?

— Bem, na verdade era uma geladeira antiga que veio de Portugal e mal funcionava. Eu não consegui nem achar a tomada! Total perda de dinheiro — Ah, nem me fala da Yvette. — Sara-Beth discou. — Alô? É do *Tavern on the Green*? Aqui é a Sara-Beth Benny. Queria saber se vocês fazem entregas. O quê?! Vocês não sabem quem eu sou?

Meia hora depois, estávamos sentadas no chão comendo rabanada francesa e bebendo suco de laranja fresco.

— Decorar esse lugar tem sido um pesadelo — ela se queixou, partindo sua rabanada num pedacinho quadrado. — Eu quero desistir. Esses decoradores incompetentes só sabem tirar vantagem de mim.

— Eu acho que você precisa descobrir o que quer exatamente, sabe? — falei com a boca cheia de rabanada. Estava um pouco encharcada. — É como se todo mundo estivesse obrigando você a gostar de uma coisa que eles gostam. Mas a casa é sua.

— Uau! É isso mesmo, Flan. Quando eu estava crescendo também era assim. Me diziam o que vestir, o que dizer, onde me posicionar — era como se eu fosse algum tipo de marionete.

— Bem, você estava atuando numa série de TV — salientei. — Tinha um roteiro. E um diretor.

— Isso não é desculpa! — Sara-Beth franziu o cenho enquanto tomava um gole do seu suco de laranja. Depois, ela voltou ao normal. — Flan, eu tenho uma ideia.

— Qual?

— É quase Halloween. Eu deveria decorar esse lugar como uma casa mal-assombrada! Só até eu decidir como realmente quero que fique esse lugar, você sabe. E a gente pode agitar uma festa à fantasia e isso ia te afastar dos seus problemas e — Ah, é uma ideia perfeita!

Acenei devagar com a cabeça. Eu não tinha certeza se merecia uma festa depois da maneira como agi, mas Meredith e Judith adoram Halloween. Talvez fosse um jeito legal de conciliarmos a nossa amizade. Nós podíamos nos vestir juntas antecipadamente e até mesmo pernoitar na minha casa.

— Então, quem a gente deve convidar? — perguntei, bastante animada com a ideia.

— As melhores pessoas, é claro! Podemos convidar a February e o seu irmão, é claro, então eles não podem implicar de você vir. E ah, Haley Joel, estou devendo um convite para ele vir aqui — a gente pode chamar também a Ashleigh-Ann Martin! Ia ser um novo começo para a gente! — Sara-Beth riu animada, então voltou a ficar séria. — Mas todo mundo tem que usar fantasia. Sem exceções. — Seus olhos arregalaram. — Uma vez eu fui a única a usar uma fantasia numa festa de Beverly Hills e nunca superei a humilhação.

— Por quê? O que você estava vestindo?

— Deixa para lá. — Sara-Beth espantou o semblante franzido e bateu palmas de tanta agitação. — Flan, essa vai ser a melhor festa de todos os tempos. Eu mal posso esperar!

— Eu também — eu disse. Mas em algum lugar no fundo da minha mente, eu ainda estava preocupada. A última festa a que fui tinha sido um desastre — e se alguma coisa ainda pior acontecesse dessa vez? Mas eu queria tanto esquecer. Afinal de contas, eu adoro o Halloween...

Capítulo 21

POR ACASO ALGUÉM SABIA QUE AS MENINAS PIRATAS USAVAM SAIAS TÃO CURTAS?

Eu ainda não queria papo com o Patch e a Feb, então, depois que saí da casa da SBB, liguei para a Meredith e a Judith e as chamei para sair e tomar um café. Hesitei por um segundo, me sentindo culpada, daí liguei para o Bennett também.

— Ei, e aí? — ele perguntou. — Fiquei preocupado de você estar chateada comigo ou coisa assim.

— Por que eu estaria chateada com você? — Ótimo, eu estava falando com o Bennett só por uns três segundos e me sentia ainda pior comigo mesma. Comecei a andar na direção do Bean Garden. — Você é perfeito.

— Mas eu saí tão cedo ontem à noite, e você não me escreveu de volta. Você sabe, sobre aquela banda.

— Ah é, The Spectacles. Sinto muito. — Parei para olhar o meu reflexo na vitrina de uma loja da MAC. Fiquei me perguntando quanto tempo levaria para ele descobrir a péssima namorada que eu era. — Eu meio que... estava distraída ontem à noite. Tive uma briga com a Feb.

— Ela ainda está nessa de dona de casa desesperada?

Suspirei. — Ela está mais para uma *mãe serial*. — Voltei a andar. — Ei, você já tem algum plano para o Halloween? Porque a Sara-Beth vai dar uma festa à fantasia.

— Puxa, bem que eu gostaria de ir, mas prometi ao meu primo que vou levar ele para pedir doces.

— Mesmo? Isso é tão fofo. Mas você não pode ir depois?

— Bem, hum, eu acho que os meus pais vão me deixar de babá. — A voz do Bennett soou meio engraçada. Apertei os meus olhos. Ele estava mentindo para mim?

— Quantos anos o seu primo tem?

— Hum... oito? — Parecia que ele tinha feito uma pergunta.

Humm. — Ah, que legal. — Eu estava em frente ao Bean Garden agora. — Escuta, eu vou tomar um café com a Judith e a Meredith. Vem encontrar a gente.

— Não, não vai dar. Estou justamente organizando a minha coleção de revistas em quadrinhos por ordem alfabética de ilustrador, e se eu deixar elas espalhadas pelo chão da sala, minha mãe vai me matar. — Eu ouvi o farfalhar de páginas ao fundo. — Ei, a propósito, como foi a festa ontem à noite? Você deu os meus parabéns ao Adam?

Meu rosto ficou ruborizado e eu tossi para disfarçar a pausa deselegante. — É... não. Quer dizer, eu mal consegui falar com ele.

Meredith e Judith chegaram uns quinze minutos depois, parecendo que tinham brigado durante todo o caminho desde o metrô. Eu queria fazer uma surpresa a elas com a novidade sobre a festa, mas a SBB já tinha enviado um *Evite*¹⁴.

— Essa festa vai ser o evento do semestre — Judith declarou com uma satisfação óbvia. Um pensamento terrível passou pela minha cabeça.

— O que você quer dizer com "o evento do semestre"? — perguntei.

— Simplesmente porque a SBB dá as melhores festas — Judith esclareceu de um jeito pouco convincente.

¹⁴ Website de planejamento social, envio e gerenciamento de convites online. (N.T.)

Meredith riu alto por um segundo demorado. — Vamos ao shopping comprar as fantasias! Agora mesmo! — Ela estava usando um monte de colares de contas que eu nunca tinha visto antes. Fiquei me questionando se eles não faziam parte da sua explosão criativa da noite passada, mas não ousei perguntar.

Nós três seguimos até a Screaming Mimi's na Lafayette Street, uma lojinha que vende fantasias *vintage*, e começamos a vasculhar as araras de roupas. Eu estava procurando mais uma coisa clássica como um antigo vestido de melindrosa bordado com pedrinhas, vestidos armados ou um terno de cowgirl de camurça dos anos quarenta, mas a Meredith e a Judith foram direto para as coisas mais fascinantes da loja: um macacão de látex colado no corpo, um vestido branco, estilo *mod*, combinando com botas muito altas e justas, um top amarelo dos anos cinquenta estilo Daisy Dukes. Mas quando nenhum desses vestiu muito bem, elas insistiram que devíamos ir a uma loja mais "moderna". Então, coloquei de volta na prateleira uma antiga máscara do Mardi Gras que eu estava segurando e nos mandamos para dentro de um táxi e fomos um pouco mais em sentido contrário ao centro, para o Ricky's NYC, uma grande loja de fantasias.

Esse lugar tinha uma enorme variação de fantasias sexy do tipo coelhinha, policial, enfermeira. Meredith e Judith saíram correndo pela loja feito doidas, esquivando-se de criancinhas com espadas de plásticos, pais exaustos com bolsas penduradas nos ombros, e prateleiras e mais prateleiras de fantasias coloridas embrulhadas em embalagens plásticas quadradas. Enquanto a Meredith estava no provador experimentando um conjunto de joaninha muito revelador, Judith se esgueirou atrás de mim e bateu no meu ombro.

— Flan — ela sussurrou. — estou tão animada com essa festa. Sabe por quê?

Na verdade, eu não queria saber, mas parecia que eu não tinha muita chance.

— Por quê?

— Porque eu vou convidar o Adam! Quando eu estava dando um Google no nome dele ontem à noite, achei o e-mail dele, e vou mandar o convite assim que chegar em casa. — Ela jogou o cabelo. — Mas antes eu preciso achar uma fantasia incrível. Não faz sentido convidá-lo se eu não for a mais gostosa da festa!

Senti um peso no peito. — Judith, por favor, por favor, não faça isso — implorei. — Você prometeu que o deixaria em paz. Você se lembra da sua promessa?

Judith pegou um uniforme decotado de aeromoça e o pendurou no braço, ponderando o que eu disse. — Escuta, se eu não fizer isso, Meredith vai fazer. Você viu o jeito que ela estava toda sorridente mais cedo.

— Como você pode dizer uma coisa dessas da sua melhor amiga? Quer dizer, você não confia nela?

Foi então que a Meredith pulou para fora do provador, vestindo um *collant* vermelho e preto, meia arrastão e sapatos de salto alto vermelhos revestidos de verniz. E uma tiara vermelha e preta com antenas e de purpurina presa à cabeça. Ela fez uma pose. — Então... como estou?

Judith me olhou como se quisesse dizer: *Viu, eu te falei!* Suspirei e me dei conta de que ela provavelmente tinha razão, mas eu não queria estar envolvida nisso ou tomar nenhum partido. Sendo assim, decidi olhar de volta para ela como se eu não fizesse ideia do que ela queria dizer.

Judith encontrou uma fantasia para rivalizar com a Meredith num nível escandaloso: uma roupa de pirata com uma bandana listrada e um facão. Suas botas de couro de salto alto iam quase até o joelho, mas a saia preta, desfiada na bainha, era muito curta. Levei bastante tempo para encontrar uma fantasia, mas quando encontrei fiquei feliz por ter gasto aquele tempo. Era um lindo vestido azul de princesa, meio parecido com o da Cinderela, com as mangas afofadas e com essa costura prateada delicada na saia. Embora fosse um pouquinho caro, eu sabia no instante em que o vi que precisava tê-lo. Decidi usá-lo com as minhas sandálias transparentes de salto alto da Lucite que eu tinha comprado para uma festa na sétima série, só para completar o meu visual de Cinderela. Eu estava mesmo muito animada. É assim que

eu adoro o Halloween: é como se fosse a minha última chance de me vestir desse jeito enquanto ainda sou jovem. Era evidente que a Meredith e a Judith acharam a minha fantasia meio sem graça, mas não disseram nada. Tive a sensação de que elas ficaram bastante aliviadas de que eu não ia ofuscar os seus brilhos vestindo alguma coisa ainda mais reveladora do que elas, embora eu não achasse que isso fosse possível. Depois de pagarmos, as sacolas delas eram tão pequenas que pareciam que tinham ido comprar lenços — de fato, acho que foi isso o que elas compraram.

Quando saímos, Judith repentinamente se deu conta de que tinha deixado seu grampo de cabelo no provador e voltou correndo para buscá-lo. Assim que ela sumiu das nossas vistas, Meredith se inclinou sobre mim e, olhando para os lados, certificou-se de que ninguém estava nos observando e sussurrou: — Flan, espero que você não fique com raiva de mim, mas eu quero te perguntar uma coisa.

Suspirei. — Manda.

— Você ficaria com raiva de mim se eu convidasse o Adam para a festa? Eu ia fazer isso antes — mas aí achei que era melhor falar com você primeiro. Por favor, por favor, diga que não vai ficar com raiva. — Ela me olhou com os seus grandes olhos pálidos e eu me peguei balançando a cabeça. Depois do que tinha acontecido entre mim e o Adam, como eu podia julgá-la por querer vê-lo de novo? Eu era a maior violadora da regra "Nada de Adam" — e elas nem sabiam disso.

— É claro que não — disse a ela. — Eu jamais odiaria você por uma coisa dessas. Mas você acha que é a melhor ideia? É à Judith que você deve perguntar, não a mim.

— Ela nunca vai entender, mas é uma coisa que eu preciso fazer. — O olhar de Meredith estava distante e sonhador. — Eu só acho que é a coisa certa.

Para mim, entretanto, tudo estava simplesmente errado. Judith voltou e nós três seguimos pela rua. Enquanto eu carregava o meu novo vestido dentro da sacola, não podia deixar de desejar que alguma coisa — qualquer coisa — mantivesse o Adam longe dessa festa, porque seria impossível tanto Meredith quanto Judith se controlarem perto dele. Não que eu as culpasse, pois autocontrole perto do Adam não era exatamente uma coisa que eu possuía.

Capítulo 22

ADIVINHA QUEM VEM PARA A FESTA?

Eu ainda tinha esperança de que Judith e Meredith fossem tímidas demais para convidar Adam para a festa. Uma vez, quando ela estava apaixonada por Jules, Meredith literalmente pulou para dentro do armário do zelador quando o viu vindo pelo corredor na sua direção, porque ela tinha certeza de que havia alguma coisa agarrada nos seus dentes. Judith gosta de exalar confiança, mas se ela se sentasse ao lado do Eric (ou outra pessoa da sua lista "Os dez caras mais gatos do Stuy") numa reunião da escola, ela passaria o tempo todo olhando para frente ou rabiscando furiosamente em seu caderno.

Mas quando cheguei à aula de biologia na segunda-feira, a primeira coisa que o Adam disse com aquele seu simpático sorriso foi: — Meredith e Judith me enviaram um convite para a festa de Halloween da sua amiga. Sem dúvida que eu vou.

Droga, droga, droga. — Ah... isso é, hum, tão legal. — Eu pisquei uma vez e tentei rapidamente disfarçar a revolução de sentimentos de medo (como será que isso vai acabar?), culpa (por que eu queria que ele me beijasse?) e — está bem, vou admitir — entusiasmo (eu realmente preciso fazer um exame de cabeça). Esperava que Adam não achasse que eu dei o meu e-mail para Meredith e Judith, mas eu não sabia como exatamente esclarecer a situação sem deixá-la ainda pior. Tirei a minha mochila e me sentei na cadeira desejando que o sangue parasse de correr em direção ao meu rosto. Só de vê-lo novamente, depois de tudo que tinha acontecido, me deixava muito confusa.

— Então, como foi que você conheceu a Sara-Beth Benny? — ele perguntou.

Existe uma longa história por trás da primeira vez que a Sara-Beth e eu saímos juntas, mas parecia que era melhor gastar o mínimo de tempo possível falando com o Adam, porque toda vez que eu falava com ele era como se eu gostasse ainda mais dele, o que só podia levar a coisas ruins e complicadas. Fiquei olhando o Adam conferir a tabela periódica presa na parede oposta e disse simplesmente: — Somos vizinhas de porta.

— Uau, Isso é demais. Sabe, tem muita porcaria sobre ela nos tabloides, mas ela é mesmo uma atriz talentosa. Eu a vi naquela refilmagem do *Breathless* e ela estava mesmo muito impressionante. E parecia ser um papel difícil — ela teve que praticamente falar sem parar durante as duas horas de filme.

— Bem, essa é a Sara-Beth que você conhece. — Eu disse com um sorrisinho, desejando poder dizer a ele que cerca de duas horas mais de um monólogo interminável da SBB tinha acabado no chão da sala de corte. Eu sabia que era a coisa certa a fazer, mas eu me sentia culpada por estar sendo tão fria com ele. Porque a verdade era que eu gostava da ideia de ele ter assistido *Breathless*, e achar que a SBB era uma boa atriz. Muita gente não conhecia o seu material artístico, e achavam que ela era só uma garota festeira por estar sempre na capa da *US Weekly*. E não era culpa do Adam se a Meredith e a Judith estavam apaixonadas por ele. Além do mais, eu não queria que ele se sentisse esquisito por causa Do BEIJO. Eu não tinha contado para ele que o Bennett era o meu namorado, e de fato não estava doida para que ele me beijasse. Eu estava furiosa comigo mesma por desejá-lo.

Adam me olhou firmemente com urna pergunta em seus suaves olhos verdes, evidentemente confusos pela minha incapacidade de respondê-lo. — Enfim, legal que vocês sejam amigas.

— Ela é uma boa amiga — eu disse, tirando o meu caderno do laboratório de dentro da bolsa. — Ok. Então, vamos começar daqui.

Adam e eu passamos os primeiros minutos da aula em silêncio, anotando nossas observações sobre o Bogie — o quanto ele havia crescido, se ele estava começando a desenvolver braços e o quanto as suas patas traseiras tinham se desenvolvido.

Depois de cinco minutos transcorridos em silêncio: — Desculpa se parece que estou de mau humor hoje — eu disse, polvilhando uma pouco de ração para sapos na superfície da água. — No fim de semana descobri o que vai acontecer com o Bogie, e acho que isso ainda está me chateando.

Uma suave linha de preocupação surgiu entre as suas sobrancelhas. — Como assim?

— A gente vai ter que dissecar ele quando encerrar a disciplina.

— Fala sério! — Adam olhou para o sapo com uma preocupação significativa. — Isso é totalmente ridículo. Não posso acreditar.

Fiquei olhando desapontada para o Bogie. Ele estava ficando cada dia mais bonitinho: seus olhos eram grandes, doces e molhados; e ele já estava começando a espreitar acima da superfície da água com uma carinha totalmente adorável, como se quisesse escalar para fora para ficar perto da gente. Suas nadadeiras estavam se transformando em patinhas de sapo — espalmadas e sugadoras, mas também muito humanas. Olhando para ele, lembrei dos sapos da lagoa da nossa casa de verão em Greenwich, Connecticut. Quando eu era pequena, costumava sair bem cedinho pela manhã com uma tigela de granola e comia enquanto observava os sapos sentados em suas almofadas de lírios. Eu acreditava que o seu coaxar alto era o jeito de eles cantarem uns para os outros. Eu sabia que não havia nenhuma maneira de machucar o Bogie, mesmo que para isso eu fosse reprovada.

— O que a gente vai fazer? — Adam enfiou a mão na jarra para dar um tapinha na testa do Bogie com o seu dedo mindinho.

— Eu não sei. A gente podia fazer uma petição e entregar ao diretor, pedindo para libertá-los.

— É, mas para onde eles vão? — Ele olhou os edifícios altos pela janela, — Bem, a gente não vive exatamente no meio da natureza.

Mordi o meu lábio. — Bom, a gente precisa fazer alguma coisa!

— Ei, não se preocupe. Vamos bolar um plano. — Adam apertou o meu ombro, me confortando. Era uma coisa amigável de se fazer, mas era a primeira vez que ele me tocava desde O BEIJO. Meu coração disparou; fiquei olhando para o meu caderno, sem saber ao certo o que responder.

— Então, o que você vai vestir? — eu gaguejei, mudando de assunto.

— Para o Halloween? Eu ainda não tinha pensado nisso. Acho que não tinha me dado conta de que eu ia usar uma fantasia.

— Bem, se não estiver usando fantasia, a SBB não vai deixar entrar. — Imediatamente desejei não ter dito nada. Provavelmente seria melhor para todo mundo se ele fosse barrado na porta.

— Sério?

Balancei a cabeça, tentando desfazer alguns estragos. — Ah, provavelmente não. A Sara-Beth sempre faz ameaças malucas que ela nunca cumpre. Atrizes são sempre dramáticas, você sabe.

— Bem, isso é legal. Minha fantasia sempre foi meio de vilão. — Ele sorriu, e seus olhos verdes reluziram. Eu me estapeei por achá-lo tão bonito. — Quando era pequeno, eu me vesti de pirata por uns cinco anos, e isso foi muito antes de o Johnny Depp fazer aquele filme irado.

Pensei na fantasia de pirata da Judith e senti uma pontada de inveja. Talvez ele a ache mais bonita do que eu achei. Então senti como se a minha testa estivesse sendo esmagada, de tanto que era o meu desgosto. O que tinha de errado comigo? Era como se o Adam fosse o meu namorado — ele não devia nem mesmo ser uma azaração. Eu já não tinha falado milhares de vezes para mim mesma que eu ia parar de flertar com esse cara? — Mas deve ser divertido para você estar numa equipe chamada os Peglegs¹⁵.

— Fala sério! Talvez eu só coloque a minha camisa e o meu capacete e "finja" ser um jogador de futebol. — A aula estava quase terminando; Adam começou a atarrachar a tampa do jarro do Bogie. — O que você vai usar?

— Você só precisa sentar e esperar. — Fechei meu caderno e cliquei na minha caneta. — Minhas amigas acham que é besteira minha, mas eu gosto.

— Mal posso esperar. — O jeito como ele falou fez os meus joelhos tremerem um pouco. Seria possível ele ir a essa festa só por minha causa? Espero que não — mas, ao mesmo tempo, esse pensamento me deixou um pouco tonta. Assim que o sinal tocou, Adam pegou a sua mochila e a jogou sobre o ombro. Reparei que o pequeno curativo no seu cotovelo ainda estava lá. — Te vejo depois, Flan.

— Até mais. — Ele seguiu em passos largos pelo corredor, mas eu estava demorando para deixar a sala. Eu precisava de um minuto para pensar.

Adam era errado para mim de várias maneiras. Eu sabia que me apaixonar por ele só deixaria a minha vida uma bagunça — mas por algum motivo, quando eu olhava em seus olhos... Bem, ele era tão confiante e seguro de si mesmo, como se soubesse exatamente quem ele era e o que queria. Eu desejei ser mais assim. E quando eu estava com ele, tinha esse monte de sensações onde tudo parecia ser tão... fácil. Mas se eu ficasse com o Adam, certamente ninguém ia falar comigo pelo resto do ensino médio. Então espantei todo o pensamento sobre ele — o máximo possível.

¹⁵ Pernas de pau. (N.T.)

Capítulo 23

ELA É UMA LUNÁTICA VORAZ

Eu realmente não queria começar uma enorme discussão com a Feb, então em vez de ir direto para a casa da SBB depois da aula, fui para casa para deixar os meus livros e dizer a ela aonde estava indo. Quando entrei em casa, eu a encontrei sentada à mesa da cozinha, vestindo um antigo roupão de chenile da nossa mãe, bebendo café e escrevendo uma longa lista de afazeres. Uma pilha de documentos jurídicos escrito CONFIDENCIAL estava sobre a mesa, ao seu lado.

— Flan, reparei que você não arrumou a sua cama hoje de manhã — ela falou de estalo enquanto eu passava em direção à geladeira. — Eu quero que essa casa fique em ordem.

— Você arrumou a sua cama hoje de manhã? Ou alguma vez quando estava na escola? — perguntei, afastando para o lado alguns potes com sobras e pegando o suco de pêssago com manga.

— O que isso importa... — ela murmurou, digitando numa calculadora. Revirei os meus olhos. — Ei, eu ouvi isso.

— Dá um tempo, tá, Feb? — Me sentei numa cadeira em frente a ela. — Eu quero a minha irmã de volta.

— E eu quero que você aprenda a ter alguma responsabilidade. A vida não é uma sucessão de festas, Flan. É difícil e... e tem muitas outras coisas também.

Suspirei e desejei que a Sara-Beth não tivesse convidado a Feb para a festa de Halloween. Ela provavelmente passaria a noite toda tentando fazer com que as pessoas limpassem o que sujassem e as convencendo a se inscreverem nas provas preparatórias e sabe Deus o que mais.

— Escuta, eu vou dar uma chegadinha na casa da SBB — eu disse, colocando o meu copo de suco na pia. — Vou chegar em casa a tempo para o jantar, tá?

— Claro que não! Você não vai a lugar nenhum até eu ver o seu dever de casa pronto.

— Eu vou fazer o meu dever de casa lá!

— Você vai fazer o seu dever de casa lá em cima, no seu quarto, onde você pode se concentrar.

— Você só pode estar brincando. — Eu bati o pé.

— Aprender a ter responsabilidade é uma coisa boa! — disse Feb. — Um dia você vai me agradecer por isso!

— Eu duvido muito!

Suspirei, exausta por causa de tanta troca de farpas. Afinal, o que tinha acontecido com aquela garota que nunca saía de casa sem o seu celular? Que nunca disse a palavra *dever de casa* sem revirar os olhos? Que tinha uma vida social tão agitada que esquecia de voltar para casa durante semanas a fio? Que me ensinou como dançar no meio do Central Park? Eu estava quase chorando quando bati a porta. Meus pais estão numa viagem transcontinental, minha irmã era uma alienígena e o Patch estava dando apoio a ela contra mim. Bem, só porque a Feb havia decidido de repente que era "responsável", não significava que eu tinha que aceitar. Peguei a

escada de cordas no meu guarda-roupas e desci pela janela até o quintal para visitar a Sara-Beth Benny.

Quando cheguei à casa da Sara-Beth, a porta dos fundos estava aberta, escorada por uma caixa de ferramentas. Meia dúzia de homens agitados, vestindo macacões, pintavam as paredes e os tetos enquanto vários outros instalavam novos armários na cozinha. Era meio inacreditável o que eles estavam fazendo — o lugar parecia alguma coisa saída de um filme de terror. Os novos armários tinham grandes talhos e dentes, como se o assassino do *Massacre da Serra Elétrica* tivesse se mudado para Manhattan e tomado antipatia à decoração. As paredes agora estavam escuras, num tom de cinza esfumado, e o acabamento era num tom abóbora. As paredes que já haviam secado tinham delicadas teias de aranhas sobre elas, e o pintor cuidadosamente pingava gotas vermelha no piso. Levei um minuto para entender o que ele estava fazendo, mas aí vi a Sara-Beth Benny deitada no chão, com os braços estendidos para os lados, como se ela tivesse caído do teto. Alguém tinha desenhado com giz branco, o contorno do seu corpo, como nas cenas de crime, e o "sangue" respingado em volta eram do seu corpo curvado.

— Flan, que bom ver você! — Sara-Beth sorriu para mim deitada no chão em sua posição de morta. Ela estava usando um top preto rendado e um colar amarrado no pescoço com uma pequena aranha encantada. — O que você acha? Não é espetacular?

— É incrível! — E eu falava sério: havia algo particularmente estranho nisso e como combinava bem com a casa. Ou talvez combinasse apenas com a Sara-Beth...

— Você já conheceu a minha nova decoradora? Lenore? Lenore! — Sara-Beth chamou. Uma mulher com longos cabelos negros e usando uma esvoaçante saia bordô de veludo surgiu. Ela estava com um espartilho tão apertado que parecia esmagar suas costelas, e seus braços eram tão esqueléticos quanto os de Sara-Beth.

— Acabei de falar com o taxidermista no telefone. — Lenore bateu as mãos e sorriu com grande prazer. — Ele disse que os corvos e os gatos pretos devem ficar prontos amanhã de manhã. E se você quiser um coelho com duas cabeças, ele tem um no estoque.

— Ah, com certeza. Mas deve ser todo branco com grandes olhos vermelhos brilhantes! Não é maravilhoso, Flan? — Sara-Beth perguntou; seus olhos brilhavam. Os animais vão ser lindos. Ele já ganhou todo tipo de prêmio.

— Isso é... ótimo — eu disse, me questionando que tipo de prêmio um taxidermista pode ganhar.

— Agora, se vocês me dão licença, eu ainda tenho que ligar para o Evolutions, para saber sobre a entrega dos esqueletos. — Lenore sorriu agradavelmente para mim. Seus dentes caninos eram excepcionais. — Prazer em conhecê-la.

Estou tão empolgada com essa festa — disse SBB, levantando-se cuidadosamente para evitar borrar o contorno desenhado no chão. — Você já escolheu a sua fantasia?

— Na verdade, já. Eu serei uma princesa — eu disse. _ Você acha bobo?

— De jeito nenhum! Ah, você sempre aparece com as ideias mais fofas. Na verdade... — Sara-Beth estalou os dedos. — Eu já volto.

Ela me deixou lá parada desajeitadamente com o operário enquanto desaparecia escada acima. Olhei ao redor, à procura de um lugar para sentar, mas me lembrei que ela tinha se livrado de toda a mobília. Felizmente, Sara-Beth é tão rápida quanto pequena, e ela logo apareceu.

— Alguém me deu isso faz uma eternidade. Usei num comercial de cereais em que eu interpretava uma princesa que não comia nada, a não ser Double Fluff Rice Sugar Puff Flakes — ela explicou, segurando uma caixa. — Eu ainda lembro da minha fala: — Mas, papai, eu não quero comer nada a não ser o meu Double Fluff Rice Sugar Puff Flakes! — Ela riu. — Acredite em mim: uma vez que os atores entram no personagem, eles estão sempre lá, dentro de nós. Eu não faço ideia de quantas

vozes estou ouvindo na minha cabeça agorinha mesmo! Mas, enfim, você pode ficar com isso, porque vai acabar parando no lixo.

Abri a caixa e tive um sobressalto. Dentro da caixa havia a tiara de prata mais linda e elaborada que eu já tinha visto. Tinha pedrinhas nela e um tipo delicado de filigrana que a faziam brilhar debaixo da luz. Eu a peguei de dentro da caixa e coloquei na cabeça. Coube perfeitamente.

— Você está maravilhosa! — Sara-Beth bateu palmas. — Eu não sei como vou dormir essa noite. Estou tão animada. Dá para acreditar que o Halloween é amanhã?

Coloquei a tiara de volta na caixa. — Se eu tiver permissão para vir — eu disse melancolicamente. — Você já mandou o *Evite* para a Feb e o Patch?

— Ah, não! Esqueci! — Sara-Beth pegou o seu BlackBerry e começou a apertar os botões freneticamente. Eu o puxei das suas mãos.

— Espera! Estou feliz que não tenha mandado. Feb está agindo como uma mãe controladora. Prefiro que ela não venha à festa e fique me vigiando e julgando tudo o que eu fizer.

Afastei a imagem de Feb me perseguindo na festa com uma espátula e pegando o BlackBerry de volta. — Eu vou dizer a ela que venho assistir a uns filmes, e quando ela se der conta do que está acontecendo, será tarde demais para fazer alguma coisa.

— Está certo — Sara-Beth concordou, inspecionando uma nova teia de aranha na parede. — Os seus amigos virão mesmo?

— Bem, o Bennett não vai poder, mas a Meredith e a Judith virão. E, infelizmente, elas convidaram o Adam.

— Infelizmente? Flan, você é tão bobinha! — Sara-Beth pisou na ponta dos pés pelo "sangue" respingado. — Eu não vejo a hora de conhecê-lo. Por que você não quer que ele venha?

— Eu não sei, é meio confuso. — abracei a caixa com a tiara e olhei para os meus sapatos. — A Meredith e a Judith vão ficar se alfinetando... acho que na verdade eu não queria gostar tanto dele.

— Ah, inocente amor. — Sara-Beth suspirou, ajeitando a aranha encantada do seu colar. Eu não quis me dar o trabalho de lembrá-la que ela era apenas três anos mais velha que eu. — Talvez, já que você vai estar vestida de princesa com a minha *liiin-da* tiara, ele pode se vestir de príncipe e montar num cavalo, como a Liesel fez nos seus doces dezesseis anos, e então ele vai te arrebatara e te beijar à meia-noite — oh, meu Deus, você consegue imaginar uma coisa mais romântica? E, então, seria como um conto de fadas...

SBB ficou divagando durante muito tempo sobre o surgimento do meu romance de conto de fadas com o Adam, mas por mais que eu tentasse, não conseguia parar de pensar na parte do beijo à meia-noite.

Capítulo 24

ESQUELETOS DANÇANDO ME DIVERTEM, MAS UM BAÇO ME FAZ ROLAR DE RIR

No dia seguinte em o Halloween, e durante todo o dia na escola foi uma grande celebração. Era como se a loucura do Halloween tivesse tomado o lugar da febre de futebol: todos os professores estavam dando barras de Snickers e saquinhos de Skittles, e uma líder de torcida muito animada distribuía biscoitos em forma de pirata que você podia colorir, do tipo vendido nos jogos dos Mets. Lá pela metade do dia, todo mundo já tinha ingerido muito açúcar e estava muito entusiasmado para fazer qualquer trabalho de verdade. Mesmo sendo meio bobo e exagerado, era legal também, porque toda aquela decoração de papel crepom laranja e os excêntricos professores de matemática usando chapéus do tipo Harry Potter, com os alto-falantes dos iPods tocando "The Monster Mash" pelos corredores, quase me fizeram esquecer como eu estava preocupada com a festa de hoje à noite.

Depois da escola, Judith e Meredith vieram comigo para o meu bairro para vestirmos as nossas fantasias e ver o desfile de Halloween. Fiquei feliz quando entramos em casa e nem havia sinal da Feb — teria sido embaraçoso se ela desse um sermão nas minhas amigas por casa das suas fantasias curtas demais ou fizesse outra coisa igualmente terrível. Brincamos um pouco com o Noodles — ele sempre faz essa coisinha incrivelmente fofa, quando se coloca de pé sobre as patas traseiras e tenta lamber as minhas amigas direto na boca — e aí fizemos um lanche com aquilo que conseguimos achar, que era *homus*, palitos de cenoura, queijo e pão sírio. Enquanto eu mastigava ruidosamente um pedaço de cheddar Wisconsin ligeiramente duro, me peguei desejando que, se eu tivesse de me adaptar à rotina de mãe psicótica da Feb, ela teria que ao menos estender a fase de fazedora de biscoitos.

Após terminarmos de comer, fomos para o meu quarto para nos vestirmos e fazer a nossa maquiagem. Embora a sua fantasia de joaninha não fosse a mais criativa, Meredith teve o cuidado de fazer algo realmente artístico em sua maquiagem — ela colocou uma sombra vermelha de glitter que deu a ela um incrível ar diabólico, e fez pontinhos pretos nas duas bochechas. Ela me ajudou a fazer a minha maquiagem também, mas Judith não deixava Meredith chegar perto dela com o lápis de olho marrom — obviamente porque ela pensava que a Meredith estivesse planejando sabotá-la com um bigode falso ou coisa do tipo, o que me deixou um pouquinho paranoica.

— Tá bem, eu assumo que tenho as minhas dúvidas — Judith me disse assim que me viu fantasiada. — Mas você está linda. Onde você arrumou essa tiara?

— Num concurso de beleza. — As duas me olharam surpresas. — Brincadeirinha. Sara-Beth me deu.

Eu dei uma última olhada no espelho. Talvez eu não estivesse usando um vestido sexy de pirata ou um collant de joaninha como as minhas amigas, mas acho que eu estava muito bem. Me senti triste pelo fato de o Bennett não me ver fantasiada e, logo em seguida, senti culpa, pois acho que o Adam vai me achar bonita.

— O que foi? — Meredith perguntou, inclinando a cabeça para o meu reflexo no espelho.

Balancei minha cabeça rapidamente. — Nada. Vamos nessa. — Calcei os meus sapatos Lucite transparentes e peguei minha bolsa, e nós três saímos correndo

para assistir ao desfile. Ainda faltava uma hora para começar, mas queríamos pegar um bom lugar, e algumas pessoas acamparam por lá com horas de antecedência.

O desfile de Halloween é a coisa mais fantástica que eu já vi em Manhattan. Transformava o meu bairro num completo zoológico todos os anos — literalmente apareciam duas mil pessoas para assisti-lo —, mas eu não me importava, porque era como se fosse o Mardi Gras, o *Macy's Thanksgiving Day parade*, com uma performance artística da comissão de frente que me deixava boquiaberta. Todo ano começa com as marionetes, aquelas enormes esculturas que vão sendo agitadas pelas ruas, à frente dos carros alegóricos e de outras coisas. Geralmente as marionetes de esqueletos vão primeiro, e eu também já vi marionetes da Estátua da Liberdade, de robôs, macacos e do Godzilla. Eles costumavam provocar pesadelos em mim quando eu era criança — alguns deles se movem de um jeito tão realista que parecem estar vivos — ou mortos — mas agora estou tão acostumada a vê-los que não consigo passar o Halloween sem eles.

Também vale a pena ir ao desfile ver todo mundo fantasiado. Todo mundo tem o direito de se divertir no desfile de Halloween, e várias pessoas do meu bairro realmente se empenham em se fantasiar para a ocasião. Eu nunca fiz isso, mas diversas vezes vi o Patch e os seus amigos marchando vestidos de gladiador, ninjas ou qualquer outra coisa que eles pensem ser legal naquele ano. Mas outras pessoas se vestem com estranhas fantasias. Muitas pessoas vão aos pares — ketchup e mostarda, um policial e um Donut; uma vez eu vi três pessoas vestidas de papel, pedra e tesoura, e achei muito bonitinho. E eu nunca vou me esquecer de um ano em que vi um cara grandalhão vestido como a Cruella de Vil perseguindo umas vinte pessoas vestidas de dálmatas ao virar a esquina da Perry Street.

Enfim, o desfile geralmente é um arraso e esse ano não foi diferente. Meredith, Judith e eu ficamos paradas lá na calçada por uma hora mais ou menos, rindo, aplaudindo e gritando para todas as coisas incríveis que passavam, e eu nunca me cansava daquilo, nem mesmo quando uma criança deixava cair o sorvete bem em cima dos meus sapatos e começava a gritar a plenos pulmões e a sua mãe (que estaria vestida como uma abóbora) distribuía cotoveladas na multidão para pegar a criança. Nem me importava com o cara a dois passos de distância tocando uma música sem melodia no acordeão, porque o seu casaco sobretudo de papel alumínio era mesmo legal.

Depois de um tempo, decidimos que era hora de irmos para a festa — meus sapatos Lucite eram lindos, mas não confortáveis o suficiente para ficar parada ali, e Meredith e Judith pareciam muito ansiosas para chegar logo na Sara-Beth antes de uma certa pessoa. Tentamos avançar pela multidão em direção a Perry Street, mas era praticamente impossível com todos aqueles falsos irmãos siameses e Medusas nos esmagando por todos os lados. Judith e eu nos perdemos de Meredith por um segundo, e quase entramos em pânico, mas nós a vislumbramos a alguns metros de distância, aguentando firme ao lado de um poste de iluminação enquanto os sete anões e um monte de madrastras más estavam ao seu redor. Depois de uma eternidade, finalmente nós três conseguimos sair da multidão e sacudimos de cima de nós o pó que a Fada Sininho havia jogado, caminhamos de volta ao meu bairro em direção à festa.

— O desfile foi mesmo muito lindo — eu disse. — Foi tão incrível como eles conseguiram lançar doces para multidão pelos canhões do navio do Capitão Gancho.

— Adorei aquele barco com as pessoas vestidas de partes do corpo. — Meredith riu. — Eu nunca tinha visto uma vesícula biliar antes, mas aposto que é exatamente daquele jeito.

— Eca — aquele barco era tão tosco. E tenho quase certeza de que estava um pouco errado. — Judith lança um presunçoso olhar de soslaio para Meredith, como se ela realmente quisesse dizer *Mas tudo bem, porque uma bizarra como você nunca roubaria o meu namorado*. Então ela falou com doçura: — Meredith, eu acho que a sua maquiagem está um pouco borrada. Você se parece menos com a "dona

joaninha" e mais com um "inseto derretido". Você deveria retocar o delineador de olhos.

— Oh-meu-Deus! — Meredith levou as mãos até o rosto e saiu correndo até uma farmácia na esquina seguinte. Judith e eu esperamos por ela do lado de fora, observando uma bruxa e um pássaro vermelho peludo passarem.

— Eu achei a maquiagem dela legal — eu disse para a Judith, tentando manter a conversa neutra. Eu estava preocupada de ela trazer o Adam à tona, e eu não podia suportar ouvir falar dele naquele momento. Eu me sentia tão nervosa por causa dessa noite: uma parte de mim se sentia mal só em pensar em vê-lo de novo; a outra parte estava preocupada a respeito das minhas amigas o virem; e a última parte de mim — a pior parte — estava praticamente explodindo de excitação.

— Enfim. Eu só queria uma chance de poder falar com você a sós. — Judith olhou para um lado e para o outro furtivamente, e então sussurrou. — Tenho certeza de que vou beijar o Adam hoje à noite. Meus pais sempre me dizem que você pode conseguir tudo o que determinar na sua mente, e é verdade. Eu tenho pensado muito sobre isso e não vou aceitar um não como resposta.

— Ah, Judith, só... não vá fazer nada que depois você se arrependa. — Meu coração se contorcia no peito; por que isso tinha que acontecer?

Ela riu e jogou os cabelos. — Acredite em mim, eu não vou.

— Tudo certo — Meredith cantarolou enquanto pulava na nossa direção com uma pequena sacola de plástico. — O *glitter* dos meus cílios estava saindo um pouco. E eu achei esse *gloss* vermelho incrível — não é perfeito? — Ela jogou o batom na bolsa e nós seguimos em direção a Perry Street.

Judith andava à nossa frente como se quisesse ser a primeira a chegar na sala para escolher um lugar para o PSAT¹⁶, enquanto Meredith e eu caminhávamos atrás, sem pressa. Meredith estava ocupada se deliciando com cada nova imagem e som, e eu estava tendo problemas para me manter animada, porque os meus saltos Lucite estavam absolutamente matando os meus pés. Embora eu estivesse usando o meu vestido de Cinderela, me senti desconfiada como se fosse uma das irmãs feias da Cinderela — aparentemente meu número tinha aumentado desde que comprei esses sapatos, há dois anos.

— O Halloween não é demais? — perguntou a Meredith, admirando algumas abóboras usando óculos escuros na vitrine de uma ótica. — Acho que é o meu feriado favorito.

— É, é legal, eu acho — eu disse com cautela, sabendo aonde essa conversa podia chegar.

— E está fazendo uma noite tão bonita! — Meredith aspirou o ar. — Eu sinto... correntes de energia, energia muita boa. — Ela sorriu alegremente e baixou a voz. — Vai rolar com o Adam essa noite, eu simplesmente sei disso. Eu sinto como se tivesse de ser.

Olhei para os meus pés que estavam começando a criar bolhas. — Bem, fico contente que esteja tão feliz. Mas você tem certeza de que é isso mesmo o que quer? Isso vai gerar maiores consequências — consequências do tipo *a melhor amiga* — se alguma coisa acontecer.

Meredith respirou fundo. — Só espero que ele apareça. Então tudo vai ser perfeito. Vai levar um tempinho, mas a Judith vai acabar entendendo. Além disso, eu sei que você vai continuar sendo minha amiga, não importa o que aconteça.

Mordi o lábio e não disse nada. Se o Adam fosse à festa, não parecia que as coisas seriam perfeitas para nenhuma de nós. Embora aquela terrível parte em mim queira ver o Adam hoje à noite e pela primeira vez eu realmente desejei que ele não aparecesse. Porque assim que entramos na casa da Sara-Beth, tive um pressentimento — tão forte quanto aqueles que Meredith e Judith tinham em relação a ficarem com o Adam — de que hoje seria a noite em que algo terrível ia acontecer, talvez até mesmo irreversível, para a nossa amizade.

¹⁶ Prova aplicada, nos EUA, a estudantes do colegial (*high school*). (N.T.)

Capítulo 25

NÃO É UMA FESTA ATÉ TODA A ESCOLA SE ESPATIFAR

Quando entramos na recém-decorada casa assombrada da Sara-Beth Benny, a festa já tinha definitivamente começado. Era como se todo o desfile do Halloween tivesse migrado para sua sala de estar. Jack Sparrow e o Zodiak estavam discutindo entre si do outro lado do caldeirão cheio de ponche; a Noiva do filme *Kill Bill* estava batendo no Frankenstein; o Homem-Aranha comia um biscoito em forma de cabo de vassoura. "Thriller" tocava no último volume e arrebatava as caixas de som camufladas de morcegos negros e peludos no canto da sala, e nos espaços onde não havia um amontoado de corpos, pude ver que a nova mobília da SBB tinha chegado: espalhados pela sala, havia um sofá encardido da era vitoriana, uma cadeira elétrica (desligada, eu esperava), e um banco feito de algo que parecia um caixão sobre pernas de pau.

Eu não conseguia acreditar na quantidade de gente que apareceu. Achei que a Sara-Beth tinha convidado urnas vinte pessoas no máximo. Mas agora sua casa estava recheada de monstros e super-heróis e eu mal conseguia chegar do outro lado da casa. A maioria das pessoas parecia ser do Stuyvesant — quantas pessoas a Judith e a Meredith haviam convidado? — mas com todas aquelas fantasias elaboradas eu não podia ter certeza. Numa coisa eu reparei, embora fosse incomum a quantidade de Kermit, o sapo, vagando ao redor: todos eles usavam trajes de tecido felpudo que os faziam parecer criancinhas com pijama de macacão e grandes máscaras de plástico, como cabeças de mascotes, que cobriam todo o rosto. Eles estavam bonitinhos, claro, mas havia urna enorme quantidade deles.

— Estou procurando a Sara-Beth — gritei para Meredith e Judith mais alto do que a música, então eu me enfiei na multidão. A questão era que eu precisava ficar um tempinho longe delas. Vê-las olhar para toda a sala em busca do Adam me deixou nervosa e com sentimento de culpa — e com um pouco de vertigem também.

Logo que me afastei de Judith e Meredith, vi a Liesel — a Rainha do Gelo em pessoa. Sério mesmo. Ela estava usando um vestido azul poderoso da Carolina Herrera, com glitter branco ao redor dos olhos, e pauzinhos de plástico parecendo tiras de gelo espalhados em seus cabelos penteados para cima.

— Querida, você está linda! — Ela jogou os braços ao meu redor e trocamos beijinhos no ar. — Há quanto tempo você está aqui?

— Acabei de chegar. Eu achei que você estaria no Museu de Arte Moderna hoje à noite. Você não tem uma festa de gala beneficente ou coisa assim?

Liesel acenou desprezando. — Eles que se virem sem mim. Quando descobri isso aqui, eu sabia que não podia perder. A última vez que a Sara-Beth deu uma festa, acordei na manhã seguinte com um novo projeto de relações públicas e com o número do Ashton Kutcher no meu celular! — Ela olhou acima dos meus ombros. — Apesar de a multidão que está aqui hoje parecer bem mais jovem dessa vez...

— Bem, acho melhor encontrar a Sara-Beth. Você a viu por aí?

— Ela está lá em cima. Tchauzinho! Beijinhos!

Acenando para a Liesel, esbarrei em dois sapos Kermit, um Batman, uma Hermione e em algumas garotas usando vestidos de plástico-bolha enquanto eu subia

as escadas. Ela estava numa saleta na parte de cima, com uma tigela de macarrão frio.

— Saca só esses cérebros! — Ela gritou com um olhar estranho de Oompa-Loompa. — Não são nojentos? Mas são mesmo espaguete frios. Toque neles! Espaguete frio! — Então ela olhou para mim e suspirou em delírio, quase deixando cair os cérebros de espaguetes no chão ensanguentado. — Flan, você está linda!

— Obrigada. Você também. — Eu não tinha certeza do que a Sara-Beth estava vestida; ela usava um vestido preto, justo, de renda, e uma espécie de saia vermelho-escuro que tinha comprado comigo no começo daquela semana, mas ela não tinha feito nada para que sua fantasia se tornasse mais específica. Ela podia estar vestida de vampira, de rainha dos mortos-vivos, ou como ela mesma na cerimônia de alguma premiação. Até que ela empurrou a tigela de macarrão para mim e agarrou seu chapéu preto e pontudo que estava em cima de uma cadeira, e aí descobri que supostamente ela era uma bruxa. — Este lugar está lotado — eu disse, olhando ao redor. — Não imaginava que você ia convidar tanta gente.

— Ah, eu não convidei. Mas as notícias sobre essas coisas se espalham como vírus! — Sara-Beth balançou a cabeça. — Não que eu culpe alguém. Se eu fosse convidada para uma festa como essa, eu ia dizer a todo mundo também.

— Os convites saíram do controle? — Dei uma olhada ao redor, balançando a cabeça. Não me admirava que todo o Stuyvesant parecia estar ali. — Isso é horrível!

— Minha única preocupação são os *paparazzi*, é claro, mas eles nunca vão me reconhecer vestida desse jeito! — Ela enfiou a mão na tigela de espaguete que eu estava segurando e se virou ao redor com um prazer horrorizado. — Eca! Isso é tão estranho. Você pode segurar por um instante? As pessoas adoram isso! Espaguete frio!

— Eu acho que você realmente deveria passá-lo pela sala escura — expliquei. — Quando as pessoas não conseguem saber o que é isso, elas acham que são cérebros. — Sara-Beth me ignorou.

— Agora — ela disse, colocando seu braço em volta do meu — você vai me mostrar quem é esse personagem Adam. Eu preciso ver quem é o garoto que está deixando a minha doce Flan tão encrencada!

— Eu acho que ele ainda não chegou — eu disse, colocando a tigela de macarrão em cima de uma gaiola de aço pela qual passamos. Dentro dela havia uma enorme cobra me encarando, imóvel. Decidi acreditar que era de enchimento.

Enquanto descíamos as escadas, passamos por um cara que eu reconheci vagamente da minha aula de álgebra. Ele estava vestindo calça jeans e camiseta.

— Ah, não, você não! — Sara-Beth parou nas escadas e sacudiu o dedo para ele. — Sem fantasia, sem festa.

O rapaz olhou timidamente da Sara-Beth para mim e para ela novamente, pensando que ela pudesse estar brincando. Ela não estava.

— Eu ia mesmo arranjar uma — ele explicou — mas hoje à tarde não tive tempo de conseguir.

— Sem desculpas! Vá direto para o porão. O Thorn vai cuidar de você lá. — Então ela puxou um pequeno celular, digitou um número e disse: — Thorn? Um cara tamanho médio está descendo agora.

— Thorn? — O rapaz engoliu em seco. Sara-Beth olhou impiedosa para ele, com seus braços esqueléticos cruzados, e ele desceu as escadas.

— É bom mesmo que ele vá para o porão — ela disse. — Se eu o vir de novo daquele jeito, vou mandar o Thorn aqui em cima para pegar ele.

— Você falava sério mesmo sobre essa coisa da fantasia? — eu salientei. — O que tem no porão?

— Várias coisas de tortura medieval. Mas a maioria das coisas é apenas para exibição. Eu mandei aquele garoto lá para pegar uma fantasia. Um amigo da Lenore que trabalha no Halloween Adventure nos vendeu fantasias do sapo Kermit que eles tinham em excesso — eu adoro esse Kermit e não sei porque as crianças não querem

mais se vestir como ele _ então eu decidi que quem viesse com roupas normais, então *puf*, se transformaria num sapo! Eu só achei que eles fossem mandar umas doze, no máximo, mas temos pelo menos umas cinquenta. E é uma boa a gente ter isso tudo. — Bob Esponja e o Frodo Bolseiro saíram do caminho enquanto a SBB continuava a descer as escadas. — Eu não vejo qual é o problema nisso — as pessoas me disseram o que fazer pelos primeiros doze anos da minha vida e eu sempre aceitei numa boa.

Eu preferi ignorar aquilo. — E aí, quem apareceu até agora?

— A maioria calouros, ao que parece. Hum, vários medianos. — Sara-Beth viu uma garota vestida como um esqueleto. Irada, ela bateu em seu ombro. — Você tem algum problema comigo? — perguntou. — Você está tentando dizer alguma coisa a respeito do meu peso?

Todo mundo na escada parou de conversar e olhou para a garota, que, totalmente confusa, esfregou o aplicador em forma de osso de seu cotovelo.

— Não? — ela disse esperançosamente. — Eu acho que você é legal.

— Tá bem, só estou conferindo — Sara-Beth disse, novamente animada. Ela pegou o meu braço e seguimos para a sala de estar. — Então, Flan, quando você vir o Adam, eu quero que você me diga, tá bem?

— Claro. Mas não fala mais dele agora.

— Por que n... ah, saquei.

Meredith e Judith estavam paradas não muito longe da gente, ao lado do jarro de ponche. Pelo jeito como elas olhavam a multidão, eu podia dizer que nenhuma das duas ainda tinha visto o Adam. Elas ficaram meio contentes quando viram a Sara-Beth Benny.

— Sara-Beth! — Judith correu para ela e elas trocaram beijinhos no ar. Meredith ficou atrás, bebendo seu ponche.

— Ele já chegou? — Ela me perguntou em voz baixa. Mas a Sara-Beth tem ouvidos de águia e aparentemente entendeu, porque ela rodopiou, toda dramática.

— Você quer dizer o misterioso zagueiro de quem tenho ouvido comentários? — ela disse. — Porque eu estava justamente imaginando que ninguém ainda me disse como ele se parece!

— Seu rosto é tão sensível — Meredith arrulhou. — Seus olhos brilham como estrelas na noite!

— Ele é alto e bonito. Como um artista de cinema — disse Judith, franzindo a testa para a amiga.

— Ele parece um tipo especial — Meredith retorquiu. — Nos tempos antigos, ele montaria cavalos e cruzaria os pântanos.

— Você não sabe nem o que é um pântano — Judith revidou. — Escuta, ele é um gostoso. É mesmo muito gostoso.

— Muitos caras são gostosos. O Adam tem um olhar penetrante e a elegância de um imortal.

Sara-Beth Benny parecia superconfusa. Então eu me intrometi: — Ele tem um curativo no cotovelo. Ele arranhou durante o jogo de futebol.

— Ah! — ela exclamou. — Eu me lembro dele. Ele também não tinha uma fantasia. E ele não é um imortal ou um astro de cinema, só um sapo.

Meredith e Judith se entreolharam.

— Eu tenho que ir ao banheiro — disse Judith.

— Eu preciso conferir a sua incrível casa nova — disse Meredith.

E elas seguiram em direções contrárias, procurando por sapos. Sara-Beth suspendeu uma sobancelha.

— Eu te avisei — eu disse. — Elas estão totalmente doidas.

Ela balançou a cabeça e eu reparei pela primeira vez nos brincos que estava usando. Eram pequenos dentes de ouro.

— Eu preciso dizer, Flan — ela falou, colocando seu braço de passarinho ao redor da minha cintura —, você tem saído com algumas pessoas muito estranhas.

Capítulo 26

VOCÊ TEM QUE BEIJAR MUITOS SAPOS ATÉ ENCONTRAR O SEU PRÍNCIPE

Sara-Beth anunciou que tinha que se misturar com os seus outros convidados. Eu me sentiria mal salientando que ela, de fato, não conhecia a maioria deles, então deixei ela ir, e alguns minutos depois eu estava totalmente sozinha, desajeitadamente de pé no meio da sala de estar, tentando evitar contato visual com qualquer um dos Kermits. Era mesmo decepcionante a festa não ser pequena e íntima como a SBB e eu tínhamos planejado. Parecia ser um ótimo plano na ocasião. E eu desejei que o Bennett estivesse livre para vir. Para mim, era muito mais difícil vir o Adam quando o Bennett não estava ao meu lado, e isso fazia com que eu me desse conta do cara incrível que ele era. Embora fosse complicado ficar ao lado deles com todos os segredos que eu estava guardando, me senti um pouquinho sozinha desde que Meredith e Judith tinham me abandonado, e não podia ir falar com mais ninguém, porque não conseguia reconhecer ninguém da minha turma por estarem todos fantasiados.

Depois de um momento me sentindo mal comigo mesma, fui até a mesa de bebidas, me inclinei sobre uma bandeja cheia de maçãs caramelizadas, decoradas para se parecerem com o Jack-O'-Lanterns, e enchi um copo com uma concha de ponche. Mas um cara horripilante, vestido como um daqueles macacos alados de *O Mágico de Oz*, ficou me encarando, então desejei subir novamente as escadas, torcendo para encontrar algum lugar sossegado numa sala dos fundos apenas para me sentar e pensar numas coisas.

Logo depois de ter se mudado, Sara-Beth converteu o quarto de dormir no final do corredor num imenso *closet*, com duas cômodas e algumas araras de roupas que deslizavam de uma ponta a outra da parede. Eu entrei e fechei a porta ao passar. Era meio confortável ficar lá, com todos aqueles vestidos Prada, Versace e Chloé farfalhando ao redor de mim, e a parede de sapatos organizada por cores, como um daqueles espectros de arco-íris das aulas de ciências. Eu me sentei na janela mais próxima à porta e fiquei olhando para o jardim. O decorador da Sara-Beth tinha pendurado um monte de lanternas de papel em formato de caveiras, e um grande grupo da minha turma da escola estava lá com suas fantasias, rindo, se misturando e se divertindo. Pareciam tão lúdicos e amigáveis em suas capas de super-heróis, máscaras de borrachas e togas de lençol que eu quase quis descer até lá e me juntar a eles. Mas fazer novos amigos não ia resolver o meu problema com os meus amigos atuais. Suspirei, e o vidro embaçou um pouco, então escrevi as minhas iniciais no vapor como eu costumava fazer quando era pequena: F.F.

A porta rangeu ao abrir, mostrando parte do corredor e uma silhueta contra a luz. Eu me sentei e tentei parecer animada. Não queria que um estranho pensasse que eu estava me lastimando porque ninguém tinha falado comigo. Mas quando o sujeito veio em direção ao quarto, eu me dei conta de que não era um estranho. Era o Adam.

— Ei — ele disse, suspendendo a sua máscara de sapo Kermit. — Eu estava procurando por você faz um tempão. O que você está fazendo escondida aqui?

Eu estava evitando esse exato momento durante toda a noite, e no minuto em que me encontro nessa situação, meu coração começou a bater acelerado. E eu sabia

que, apesar de todos os problemas que ele estava causando a mim e às minhas amigas, ele era a única pessoa que eu realmente queria ver.

— Ah, você sabe... está muito cheio — gaguejei, me sentindo tímida e meio envergonhada de ser pega no super *closet* da SBB.

Ele entrou na sala, carregando a máscara do sapo Kermit debaixo do braço como um capacete de futebol. Estava engraçado no traje verde felpudo, como se estivesse andando por aí de pijama ou coisa do tipo, e apesar de toda a culpa e nervosismo que eu estava sentindo, dei uma risadinha.

— O quê? — ele perguntou, sentando-se no banco da janela, ao meu lado.

— Você está ridículo nessa fantasia.

— Isso? — Adam apontou para o seu conjunto verde felpudo e disse numa imitação de voz muita séria: — Isso não é uma fantasia. Eu acho que é a hora de você saber — eu sou o verdadeiro pai do Bogie.

Eu ri de novo, e dessa vez foi para valer.

— Escuta, eu estava esperando para falar com você — ele me disse. — Em algum lugar mais privado do que a sala de aula de biologia. Porque você nunca disse nada sobre o que aconteceu naquela noite depois do jogo. Quer dizer, eu te mandei um e-mail, mas você nunca respondeu de volta... — A voz dele sumiu.

Eu não tinha falado nada porque não sabia o que dizer. E eu continuava sem saber.

— Eu queria poder dizer que te beijei só por impulso, mas existe muito mais do que isso — ele prosseguiu. — É uma coisa que eu venho querendo fazer há muito tempo. Eu sei que a gente se conhece faz pouco tempo, mas tem umas coisas em você...

— Mas Adam... — Minha voz saiu como um rangido, e eu pigarreei. — Adam, eu tenho namorado. Você sabe disso.

— Eu sei. É isso que toma tudo tão difícil. Quer dizer, quando vi vocês na escada, eu achava que vocês só eram amigos, mas... — Ele olhou para baixo. — O Bennett é um cara tão legal. Ele é esperto e divertido e realmente... verdadeiro. Eu posso ver por que você gosta tanto dele. Nós trocamos alguns e-mails — e ele mencionou que vocês estavam namorando — e até agora, com tudo o que ele fez e disse, parece mesmo ser um cara direito. Eu fico pensando que se o tivesse conhecido em outra circunstância, a gente com certeza teria sido amigos. — Adam aproximou o seu rosto do meu. — Mas do jeito como as coisas estão agora, eu não consigo falar com ele sem sentir ciúmes. E é por sua causa.

Era engraçado: olhando para o Adam à distância, assim como no campo de futebol ou do outro lado da sala de uma grande festa da escola, ele parecia tão confiante e inquebrantável. Mas falando desse jeito, ele parecia tão... eu sei lá, acho que vulnerável. Quando ele estava partindo o coração dos outros era mais fácil não pensar que o coração dele também podia se partir. Então, acho que é por isso que quando ele se inclinou para me beijar, eu não o impedi.

No instante em que começou a acontecer, eu sabia que era errado. Eu só havia beijado dois caras antes do Adam — Bennett e o meu primeiro namorado, Jonathan — então eu sabia como me sentiria durante o beijo: segura e feliz. Embora o Adam beijassem bem, e fosse totalmente adorável, na verdade eu não me senti assim. Em vez disso, senti culpa, nervoso e preocupação de alguém nos vir. E isso atrapalhou todo o prazer do beijo.

Eu o afastei e olhei atrás dele, para o corredor, e o que tornou tudo ainda pior foi que, no minuto em que fiz isso, vi a Judith dando em cima de outro sapo verde desengonçado, pegando-o pela mão e se colocando na ponta dos pés para suspender a sua máscara de sapo até passar pelos lábios para dar uma boa olhada nele. Eu olhei ao longe, pela janela, e lá estava a Meredith, parada num canto do jardim, numa intensa conversa com um sapo. Olhei de novo para o Adam, que estava me observando, aparentando estar confuso e magoado.

— O que foi? — ele perguntou.

Respirei fundo. — Adam, eu gosto mesmo de você, *gosto*. Mas eu não posso fazer isso.

— Mas Flan...

— Como eu disse, eu tenho namorado... e... e isso não me parece uma coisa certa. — Eu me levantei. — Tenho que ir.

— Flan? Flan, espera! — Mas eu já tinha atravessado a porta e pego o corredor a toda velocidade.

Capítulo 27

NÃO É FÁCIL SER VERDE

Quando cheguei ao corredor, Judith e o seu sapo tinham desaparecido. Eu empurrei um monte de garotos vestidos como animais da selva e passei batida por eles descendo as escadas. Mesmo com todo o barulho da festa, eu ainda podia ouvir o Adam me chamar, mas eu o ignorei e corri para longe, me segurando firme no corrimão que estava enfeitado com luzes de árvore de natal de cor sangrenta.

Eu não via a SBB e não conseguia imaginar aonde ir ou o que fazer. Pensei que talvez pudesse escalar o muro dos fundos do jardim que dava para o meu quintal, ou pelo menos me sentar lá fora por algum tempo e tomar ar fresco. Mas eu tinha certeza de uma coisa, de que não podia pensar direito numa sala cheia de gritos e risadas e caras vestidos como o Gandalf, xerifes de cidadezinhas ou como o diretor careca do Stuy, o senhor Skille. Eu estava no meio da sala, seguindo para a cozinha, quando de repente senti uma mão no meu ombro. Eu me virei. Era um Kermit.

— Escuta, Adam — sussurrei. — Estou falando sério! A gente não pode continuar fazendo isso. — Eu tirei a sua mão do meu ombro. — Alguém pode ver a gente.

O Kermit continuou parado lá por um longo tempo, como se ele fosse um tipo de boneco-estátua. Então ele se aproximou e tirei a sua máscara de sapo.

Engasguei. Não era o Adam. Era o Bennett e ele tinha um olhar terrível no rosto, como se eu o tivesse traído totalmente. Totalmente.

Foi aí que senti uma pontada aguda no meu estômago. Eu estava tão preocupada com o fato de Meredith e Judith estarem brigando, e se eu gostava mais do Adam do que do Bennett, que eu nunca me dei conta do quanto ele ficaria magoado se soubesse que eu sentia algo pelo Adam.

Minha boca continuava aberta e eu estava tão chocada que não conseguia pensar direito. Eu só queria que ele apagasse aquele olhar terrível e magoado. Mas a primeira coisa que consegui dizer foi: — Eu achei que você não ia vir!

Bennett desviou o olhar para longe. Seus olhos já estavam começando a ficar meio marejados.

— É claro — ele resmungou.

— Não, espera, Bennett, não é nada disso que parece. Quer dizer... — Era difícil achar as palavras certas com ele me encarando daquele jeito como se eu tivesse rasgado todas as suas revistas em quadrinho do *Lanterna Verde*.

— Eu não acredito que você está me enganando. E com o Adam! — ele disse rispidamente. — Deus, eu tenho cara de idiota? Na verdade eu achei que estava ficando amigo dele. E você... Eu não posso... — Sua voz se partiu e ele se virou afastando-se de mim.

— Bennett! Bennett! — Tentei agarrar o seu braço, mas ele se enfiou no meio da multidão.

Meus colegas de turma dançavam animados ao meu redor. Era evidente que eles estavam tendo o grande momento de suas vidas, mas eu fiquei parada sem me mexer com um sentimento oco e dolorido se apoderando do meu corpo. Minha garganta estava apertada, e eu estava com medo de começar a chorar ali mesmo no meio da sala-fantasma da SBB. O que foi que eu fiz? Alguém esbarrou em mim,

derramando ponche no meu lindo vestido e senti que essa noite não tinha como piorar... até que me virei e vi Meredith e Judith paradas lá, me fuzilando com os olhos. Eu nunca podia imaginar que uma garota-pirata e uma dona joaninha poderiam ser fantasias tão assustadoras, mas, assim que elas me viram, vieram na minha direção como se tivessem saído de um horripilante filme de terror.

— Há quanto tempo vocês estão aí? — engasguei.

— Tempo suficiente — vociferou Judith.

— Eu não acredito em você, Flan. — Meredith balançou a cabeça, desacreditada. — Toda aquela conversa sobre salvar a nossa amizade e que os caras não valem a pena, e esse tempo todo você ... quer dizer, você inventou essa regra de "Nada de Adam" só para ficar com ele para você? Quem podia imaginar que você seria o tipo de pessoa que faria uma coisa dessas?

— Não, espera! — gritei, agarrando o braço da Judith. — Escuta, isso tudo é um grande mal-entendido. Eu posso explicar.

Judith empurrou a minha mão com raiva. — Estamos por aqui com as suas explicações, Flan!

— É — Meredith acrescentou. — Que tipo de amiga rouba os caras desse jeito?

— Eu não estava roubando ele! — disse suplicando, desesperada para fazer com que elas compreendessem. — Eu juro, ele só me beijou e eu não sabia o que fazer.

— Ah, tá bom! — Judith colocou as mãos nos quadris da sua saia preta de pirata. — Ele simplesmente te beijou assim sem mais nem menos! Porque ele sempre faz isso por aí. Conta outra!

— É — Meredith concordou. — Se fosse tão fácil conseguir fazer com que ele te beijassem, então eu ... , então as pessoas iam fazer isso o tempo todo.

— Ele gosta de mim. — Por que cada palavra que saía da minha boca só tornava as coisas ainda mais complicadas?

— Bem, eu não sei o que você tem de tão especial — disse Judith. — Você nem está usando uma fantasia sexy. Vamos nessa, Meredith. — Ela agarrou o braço da sua amiga e as duas deram o fora. Ela se virou pela última vez e disse: — É, Cinderela? Vê se cresce, Flan.

Depois disso, comecei a me sentir miserável, desejando ter uma fada madrinha para balançar a sua varinha e fazer com que tudo voltasse a ser como antes.

Capítulo 28

PERDIDA E ACHADA E PERDIDA DE NOVO

Eu fui procurar o Bennett torcendo para que ele ainda não tivesse ido embora da festa. Estava preocupada que ele saísse andando pelas ruas de Nova York vestido em sua fantasia de sapo, emprestada e sem valor. Esse pensamento fez o meu coração se partir. Dei uma volta pela festa assim mesmo, com a esperança de vislumbrar um Kermit abatido para que eu pudesse ao menos ir falar com ele. Entrei na cozinha, onde um monte de caras corpulentos estava fazendo uma competição para ver quem bebia mais Bloody Mary, então saí para o quintal, onde encontrei Philippa e Mickey. Philippa estava numa espreguiçadeira, usando um vestido preto de gola alta, uma capa de veludo preta e batom vermelho. Ela tinha uma aparência sofisticada e um pouco entediada. Mickey, por outro lado, vestia um jeans rasgado e estava todo agitado, balançando a cabeça como um cachorro molhado. Aparentemente ele tinha caído dentro de um tonel de maçãs que deixou a sua camisa completamente encharcada.

— Ei, Flan — Philippa me chamou da sua espreguiçadeira, acenando para mim com o seu drinque.

— Tá se divertindo, Flan? — Um Mickey de olhos arregalados disse com um largo sorriso. Um pedaço vermelho de casca de maçã estava preso no seu dente da frente e seus cabelos negros estavam pegajosos e molhados. Parecia a única parte dele que tinha sido lavada em muitos dias. Eu não conseguia me decidir se ele supostamente estava fantasiado de Kurt Cobain, de lenhador ou simplesmente de uma pilha de roupa suja. — Por onde você tem andado? Eu não tenho visto nem você nem o Patch desde que a Feb perdeu o senso de humor.

— Nem me fale nisso — eu disse. Eu estava tentando me manter numa boa, mas acho que aparentava estar aborrecida, porque a Philippa virou a cabeça para mim, toda preocupada.

— Ei, Flan, está tudo bem? — ela perguntou.

— Bem, eu só estou procurando o meu namorado, o Bennett. — Assim que eu disse a palavra *namorado*, me dei conta de que isso podia não ser mais verdade. — Ele passou por aqui? Ele está vestido de Kermit.

— Eu não o vi — disse Philippa. — Mickey?

— Espera aí só um minuto, é o meu celular. — Depois de tatear algum tempo, Mickey encontrou seu telefone no bolso da calça. — Ei, é o seu irmão! — Ele abriu o celular. — Patch, você ressuscitou dos mortos!

— Eu acho que o Mickey não o viu — Philippa apenas moveu os lábios, sem emitir som.

Eu acenei positivamente com a cabeça e me mandei dali antes que o Mickey resolvesse me colocar no telefone com o Patch. A última coisa que eu queria nesse momento era falar com a minha família maluca.

Entreí na casa para conferir a cozinha novamente e estava quase desistindo de procurá-lo, quando de repente eu vi o Bennett passando pela porta que leva ao porão da casa da SBB. Ele havia tirado sua fantasia de Kermit e estava usando um tipo de

roupa verde rasgada com um V estampado na frente e calçando *moon boots*. Corri até ele.

— Bennet, escuta, me perdoa — eu arfava. — Sei que isso parece errado, mas me dá uma chance para eu me explicar, por favor?

— Me deixa em paz, Flan. Eu vou para casa — ele murmurou.

— Mas Bennett, eu só quero explicar!

— Eu não quero ouvir. Tá na cara o que aconteceu. Eu não preciso saber os detalhes. — Ele se afastou de mim e começou a seguir pelo corredor. Eu o alcancei novamente quando ele correu em direção a um grupo formado por ex-presidentes dos Estados Unidos.

— Bem, pelo menos me diga o que aconteceu com a sua roupa? E por que você não está tomando conta do seu primo? — perguntei, me espremendo ao passar por Abraham Lincoln.

— Eu nunca fui tomar conta do meu primo, — ele disparou. — Eu só queria te fazer uma surpresa.

— Uma surpresa? — repeti perplexa.

— Você estava chateada por causa da dissecação do seu sapo e eu queria te ajudar. — Ele vociferou uma risada cortante. — Então eu estive toda a noite no Stuyvesant com o meu irmão resgatando os sapos da sua sala de biologia para levá-los todos para uma reserva natural onde ele trabalha nos fins de semana.

— Oh-meu-Deus. Eu não acredito que você fez isso. — Eu queria chegar até ele e abraçá-lo, mas ele estava me olhando com tanto desprezo que deixei meus braços arriados ao longo do meu corpo.

— É, parecia importante para você. Depois disso eu vesti essa fantasia de Buck Rogers, se lembra, aquele herói do espaço que era engraçado, daquele filme que a gente assistiu na sua casa? Não, é claro que você não se lembra. Você provavelmente estava sonhando acordada com lances de futebol ou seja lá o que fosse.

— Eu não estava! — protestei. Embora eu tivesse ficado desligada a maior parte do tempo durante o filme. Quando eu disse ao Bennett que adorava filmes dos anos 40, ele aparentemente pensou que significava que eu gostava de sujeitos que falavam como nos anúncios de rádio e se vestiam como abandonados da nave *Enterprise*, quando o que eu realmente gostava era de intensos romances e de antigos vestidos de baile da Chanel. Bennett tornou o filme ainda mais entediante por ficar toda hora apertando o pause para falar como isso ou aquilo era diferente da "inovadora" série de revista em quadrinhos, os quatro primeiros livros que ele tinha encontrado em microfilme na biblioteca. Eu tentei pensar em alguma coisa que provasse que eu tinha prestado atenção. — Tem uma garota astronauta no filme que usa um capacete de piloto, não tem?

Ele prosseguiu como se não tivesse me escutado. — Mas quando eu atravessei o desfile para chegar aqui, acabei sendo arrastado por uma onda de pessoas vestidas de gorilas raivosos, e... — Ele olhou para a sua fantasia arruinada.

— Ah, Bennet — eu disse.

— Quando cheguei, tive de ir até o porão atrás de um cara chamado Thorn, e isso foi a coisa mais estranha que já vi na minha vida: todas essas correntes enferrujadas e algemas de ferro estavam penduradas na parede das escadas. Lá embaixo, esse cara usando um tipo de roupa *viking* de couro me enfiou dentro dessa fantasia. — Seus olhos brilharam enfurecidos. — O resto você já sabe.

Eu deixei escapar: — Bennett, eu sei que você está chateado, e você tem toda razão para estar assim, mas se a gente pelo menos conversasse sobre isso...

— Chateado? Ah, isso é que é abrandar a situação. Flan, essa foi a pior noite da minha vida. Eu acho que vou exercitar o meu "direito de estar chateado" em algum lugar bem longe de você. — E, com isso, ele saiu correndo da festa e a porta bateu com força quando ele passou.

Capítulo 29

UM NOVO ACORDO

Eu estava na sala de convidados que fica no andar de cima, sentada num antigo sofá com almofadas feitas de remendos de veludo preto, quando a Sara-Beth Benny surgiu na sala. Ela podia não ser uma fada madrinha, mas não havia ninguém no mundo que eu quisesse ver além dela.

— Querida, fiquei sabendo — ela disse, arremessando seus braços esquelético ao meu redor. Ela se sentou no sofá. — Eu podia matar aquele garoto; ele arruinou a festa. É claro que ninguém reparou nisso, mas eu não acredito que alguém pudesse falar com você daquele jeito.

— Mas eu mereci. — suspirei. — Eu sou uma pessoa horrível, Sara-Beth. Eu estraguei tudo esta noite.

— Não diga essas coisas! — Ela parecia impressionada. — Flan, isso é apenas uma questão de estar no lugar errado na hora errada. Nenhum júri no mundo iria te condenar por isso. Depois de eu ter estado em tantas cenas de tribunal, eu sei disso.

— Eu não estou dizendo que mereço ir para a cadeia. — Assoei meu nariz num guardanapo preto que a Sara-Beth Benny me entregou e que estava empilhado com outros, presos por uma aranha roxa. — Mas eu sou uma péssima amiga e uma namorada pior ainda.

Sara-Beth balançou a cabeça. — Todo mundo comete erros, Flan. Pense em quantas vezes eu redecorei esse lugar com estilos totalmente horríveis! Teve o pesadelo Marroquino, a vida no casulo, a mobília inflável dos anos sessenta, o estilo francês.

Eu pisquei e algumas lágrimas caíram. — Mobília inflável? Eu não me lembro disso.

— Ah, você não deve ter estado aqui naquele dia. — Ela suspirou. — Mas de qualquer forma, o meu ponto de vista é, se as pessoas não podem cometer erros e mudar o jeito de pensar, neste exato momento, a gente estaria sentada em almofadas, cercadas por elefantes de bronze, e para ser sincera não é isso o que eu quero para minha vida. Agora escuta. — Ela envolveu a minha mão entre as dela. — Tudo o que eu quero nesse mundo é que você relaxe e curta isso aqui. Por favor, por favor, por favor, não deixe que esta festa seja a festa em que a minha melhor amiga teve um colapso nervoso! Afinal, eu já dei muitas festas como esta.

Acenei positivamente com a cabeça. — Desculpa, Sara-Beth.

— Você não tem motivos para se desculpar comigo! Eu só quero te ver sorrindo.

Eu dei um sorrisinho e Sara-Beth bateu palmas. Ela é muito engraçada: ela encheu a sua casa de teias de aranhas, gatinhos empalhados e mobília Vitoriana apodrecendo, mas tinha uma grande sensibilidade quando vinha me animar.

— Tá bem — eu disse a ela, secando os meus olhos. — Eu vou falar com a Meredith e com a Judith. Pelo menos, eu acho que vou me sentir bem melhor se elas não ficarem com raiva de mim.

— Obaaaa! E eu sei exatamente onde elas estão.

Para a festa, a decoradora da Sara-Beth tinha pendurado cortinas pretas pesadas sobre as janelas do quarto de hóspede; a única luz do quarto vinha de furinhos no tecido da cortina em formato de uma estranha constelação — um polvo, um óvni, um crânio. Um monte de garotos estava sentado no chão, ao lado da cama, enfiando as mãos em tigelas cheias de alimentos feitos para provocarem uma sensação desagradável e horripilante. Quando Sara-Beth e eu entramos no cômodo, todos eles gemeram e cobriram os seus olhos da luz que vinha do corredor.

— Eca! Uvas sem cascas — Sara-Beth gritou, mergulhando a mão numa tigela que estava perto dela. — Elas são tão pegajosas e nojentas! Não parecem globos oculares ou coisa do tipo?

Assim que os meus olhos se adaptaram à escuridão, reparei em Meredith e Judith encostadas na carcaça empalhada de um lobo sorridente. Elas estavam olhando para mim. Entre elas estava o prato de espaguete que eu havia abandonado na jaula da serpente no início da noite.

— Ei — eu disse, me sentindo estranha e tímida. — Vocês se importam se eu me sentar aqui?

Elas continuavam me olhando de cara feia, mas não disseram não, então eu me sentei ao lado delas no tapete azul peludo de monstro.

— Gente, eu quero mesmo falar com vocês — eu disse em voz baixa.

— Damascos secos! — Sara-Beth estava gritando. — Estão todos murchos!

— Em algum lugar sossegado — acrescentei.

— Quem disse que a gente quer conversar com você? — Judith ainda estava rude, mas não da mesma maneira que estava algum tempo antes. Decidi tomar isso como um bom sinal.

— Eu não sei se vocês querem ou não falar comigo, mas eu realmente quero falar com vocês. Vamos lá, por favor? — Eu estava implorando a elas com o meu olhar, o que não foi muito difícil de fazer — eu não sabia o que fazer se elas não quisessem me ouvir. — Por favor? Vocês podem voltar a me odiar assim que eu terminar, eu prometo.

Meredith e Judith trocaram olhares entre si. Meredith encolheu os ombros. Judith suspirou.

— Ok, ok — ela murmurou. Nós três nos levantamos e deixamos o quarto.

Do lado de fora, no corredor, Judith cruzou os braços. — Então, o que você tem a dizer?

Mordi meu lábio. De repente me ocorreu que mesmo tendo arrastado as duas aqui para fora, eu ainda não fazia ideia do que dizer.

— Vocês têm toda, toda razão de estarem bravas comigo. Até mesmo furiosas. — Respirei fundo. — Eu mesma estou furiosa comigo. Mas eu não suporto a ideia de perder a amizade de vocês por causa disso. Vocês duas significam mais para mim do que qualquer garoto. — Meredith e Judith trocaram olhares duvidosos entre si.

— Se isso é mesmo verdade, por que você beijou ele? — Meredith perguntou acusatoriamente. — Você não fez a gente prometer que não ia atrás dele só para você poder ir?

Balancei a cabeça. — Eu sei que vocês não têm nenhum motivo para acreditar em mim, mas eu juro que não. Eu nem sonhava que gostava dele. Em princípio eu achava que ele era só mais um atleta arrogante, e achei que vocês estivessem malucas por deixarem um sujeito como ele atrapalhar a amizade de vocês. Aí, eu comecei a conhecer ele um pouco melhor — na aula de biologia, essas coisas — e comecei a perceber por que vocês duas gostavam dele. Eu não disse nada porque achei que pudesse manter esse sentimento guardado lá no fundo. Sinceramente eu nunca nem sonhei com alguma coisa rolando entre a gente. — Minha voz começava a falhar. — E eu estou muito arrependida. Às vezes, eu sou tão idiota.

— Eu simplesmente não posso acreditar que você agiu desse jeito, Flan. — Judith ainda estava com o semblante carrancudo.

— Eu sei que estraguei tudo. Mas, gente, vocês significam tudo para mim. Não consigo imaginar o Stuy sem vocês, essa é que é a verdade. — respirei fundo. — Eu acho que a gente deixou essa situação com o Adam bagunçar o nosso julgamento.

Judith se irritou.

— Não, não deixamos coisa nenhuma! Pelo menos não do jeito que você deixou.

Mas Meredith apenas baixou a cabeça e olhou para os seus sapatos.

— Judith, tem uma coisa que eu queria falar para você — ela admitiu. — Mais cedo, quando nos separamos... bem, não fui conhecer a casa. Eu fui procurar o Adam. E quando eu fui lá fora, finalmente encontrei ele.

— Você encontrou? — Judith ficou vermelha de tanta raiva. — Você beijou o Adam também?

— Bem... não exatamente. Sabe, tinha um cara vestido de Kermit e alguma coisa nele — o jeito como ele estava parado sozinho, todo contemplativo, você sabe... achei que fosse o Adam. Aí, comecei a flertar com ele. Eu recitei alguns poemas e coisas assim, e disse a ele como eu já estava a fim dele fazia um tempão. Ele parecia muito animado — quase como se ninguém tivesse dito isso para ele antes. Eu dei um beijo nele, mas quando ele tirou a máscara de Kermit... — ela hesitou. — Bem, na verdade era o Jules. Eu fiquei com tanta vergonha que não sabia como dizer que eu tinha confundido ele com outra pessoa. Então... — Ela sorriu timidamente. — A gente vai ao cinema na sexta-feira.

Judith parecia afobada.

— Eu não acredito que você fez uma coisa dessas, Meredith.

Meredith encolheu os ombros.

A essa altura, um monte de estranhas expressões passaram pelo rosto da Judith. Uma delas foi essa expressão desagradável e presunçosa, como se ela estivesse a ponto de começar a dizer, de modo dramático, o quanto era moralmente superior às suas amigas traidoras. Mas a outra expressão era uma coisa que eu nunca tinha visto antes nela, uma carranca terrível e contorcida. Finalmente, a segunda expressão venceu.

— Tá bem, eu tenho que dizer uma coisa para vocês, gente — ela explodiu. Mas vocês têm de jurar que não vão rir. Tá?

Meredith e eu concordamos com um aceno de cabeça.

— Quando saí para ir até o banheiro, eu também estava procurando o Adam. E achei que finalmente o tinha encontrado no corredor do andar de cima, porque aquele sapo tinha um porte de jogador de futebol. Aí eu estava paquerando ele e tocando em seu braço, e ainda fiz um trocadilho péssimo sobre "a recompensa ser do pirata"... eu não estava acreditando nisso, mas ele parecia estar amarradão e aí eu disse: "Eu acho que você gosta de mim. Eu não posso dizer se gosto de um cara até ele me beijar..." E aí eu dei um beijo nele. Mas quando ele tirou a máscara de Kermit — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Ah, eu não posso dizer para vocês, é um vexame.

— Conta! — Meredith e eu gritamos.

Devagar, Judith foi afastando as mãos do rosto. — Era o Kelvin! — Ela sussurrou.

Meredith e eu quebramos o nosso juramento e caímos na gargalhada histericamente. Depois de um tempo, Judith começou a rir também.

— Mas na aula de arte ele estava fazendo uma máscara do Jar Jar Binks! Você sabe, de *Guerra nas Estrelas*! — Meredith exclamou. — O que aconteceu?

Judith jogou as mãos para o alto. — Parece que alguns violeiros de uma banda trombaram com ele enquanto entrava no trem e a cabeça gigante foi esmagada nas portas do metrô.

Meredith começou a rir de novo, mas eu franzi o cenho. Tão engraçado quanto imaginar o Kelvin com a sua cabeça de alienígena presa nas portas do metrô foi lembrar um pouquinho o que o Bennett tinha passado mais cedo.

— Pelo menos agora você sabe que pode bater em caras como você — disse Meredith. — Foi mesmo um saco ter sido o Kelvin dessa vez. De todos os caras da festa que você podia paquerar, foi logo...

— Nem me fala. Foi tããããooo constrangedor — Judith disse. — Não sei se posso encará-lo na aula de biologia na semana que vem.

— Talvez o professor Phelps deixe você trocar de parceiro de laboratório — Meredith sugeriu. — Ou você pode dizer a ele que prefere trabalhar sozinha.

Pensei no Adam e imaginei se eu poderia trocar também. Mas sabia que eu nem ia perguntar. Isso ia magoar demais os sentimentos do Adam, se eu pulasse fora antes de terminarmos com a etapa de estudar a vida dos anfíbios. É claro, agora que o Bennett e o seu irmão tinham libertado todos os sapos, talvez não precisássemos mais estudar essa etapa. Tudo estava tão bagunçado. Mas pelo menos eu estava aqui, saindo com as minhas amigas numa festa superlegal. Eu precisava me concentrar apenas nisso por enquanto.

— Escutem — eu disse —, estou tão feliz por não estarmos furando os olhos umas das outras. Eu não acho que posso suportar se vocês duas ficarem muito tempo bravas comigo. Eu sei que fiz muita besteira, mas ser amiga de vocês significa muito para mim.

Meredith e Judith concordaram com um aceno de cabeça.

— Que tal a gente fazer um juramento com os dedos mindinhos?

— Ah, não, aqui vamos nós de novo — Judith resmungou.

— Não, não vamos mais fazer nenhuma regra sobre garotos. Tá na cara que não dá certo. Eu não acho que você pode deixar de gostar de alguém. — Meredith prendeu seu dedo mindinho nos nossos. Estava pintado com esmalte preto e vermelho combinando com a fantasia de dona joaninha. — Em vez disso vamos jurar que seremos ainda melhores amigas. Mais legais, mais sinceras, mais empenhadas. E vamos jurar que sempre vamos nos lembrar disso, mesmo quando os garotos lindos estiverem ao nosso redor.

Acenei positivamente.

— Me parece bem legal.

— Tá certo — Judith concordou.

Então, engatamos os nossos dedos mindinhos e juramos. E mesmo que isso parecesse meio bobo, coisa de criancinha, eu tive um pressentimento de que íamos manter a nossa promessa desta vez.

Capítulo 30

AMANHÃ É OUTRO DIA

Tanto Meredith quanto Judith deveriam chegar em casa à meia-noite, mas eu não estava com nenhuma pressa de ficar cara a cara com a Feb, que provavelmente estava vivendo algum tipo de fúria homicida a essa altura da noite. Sendo assim, depois que elas foram embora, eu fiquei rodeando a Sara-Beth Benny.

Os últimos convidados a deixarem a festa saíram por volta das duas e meia da manhã, com as asas para trás, máscaras nas mãos. Quanto a mim, estava totalmente exausta. Sara-Beth disse que ia chamar uma faxineira pela manhã, mas eu ainda achava que precisava ajudá-la a arrumar um pouco tudo antes de eu ir embora. O lugar estava uma bagunça completa: copos cheios até a metade com ponches sobre as prateleiras, mesas e sobre a tampa do falso caixão; migalhas de biscoito, espaguete derramado e uvas descascadas estavam jogadas por todos os tapetes já mofados. Além do mais, muitas pessoas tiraram partes das suas fantasias, sendo assim havia acessórios espalhados por todo o lugar: um boá de penas sobre a lareira, unhas postiças na pia do banheiro, sangue falso e um braço de borracha amputado embaixo do sofá.

— Sinto muito, Sara-Beth, por todo mundo ter transformado a sua casa numa lixeira — eu disse, arrastando um saco preto de lixo pela sala e jogando dentro dele copos, restos de maçãs e guardanapos amassados. — Mesmo assim, foi uma festa incrível.

— Não foi? — Sara-Beth se jogou numa poltrona decadente com pés de garras esculpidos. Subiu poeira das antigas almofadas. — A única coisa que eu lamento é que acabou. A casa ficou absolutamente linda, você não acha?

Cuidadosamente peguei um prato de papel atrás de um corvo empalhado. Tão estranha quanto mofada, a decoração de casa mal-assombrada estava bonita. De todos os estilos que ela tinha tentado, esse tinha sido o que mais se adequou à casa e a ela. — Talvez você deva simplesmente manter a decoração assim — eu brinquei.

Sara-Beth arregalou os olhos e saltou da poltrona empoeirada. — Flan, essa ideia é incrível — ela disse eufórica. — Eu não acredito que não pensei nisso! Ah, é tão divertido! Eu vou ter uma casa mal-assombrada para sempre. Só agora eu consigo ver isso — ela continuou muito empolgada. — Posso comprar antigos anjos de cemitérios e colocar todos no jardim. Vou colocar um antigo portão de ferro que range lá na entrada, com gárgulas e pontas de ferro nele, e pendurar marionetes de esqueletos do Dia dos Mortos nas janelas do andar de cima. Talvez eu consiga aqueles quadros em que a pintura segue você com os olhos! E vou precisar de uma máquina de holograma, é claro. Truques de espelho... Pense em todos os lugares que terei para me esconder dos *paparazzi* Isso é tão fantástico, Flan! Você é uma ótima amiga. Você me conhece melhor do que eu mesma!

Puxei uma peruca marrom com franjas de trás de umas almofadas de renda amareladas sobre o sofá Vitoriano e sorri para mim mesma. Sara-Beth estava enganada — mesmo depois de ter passado tanto tempo com ela, sempre conseguia

dar um jeito de me surpreender. Mas ela estava certa sobre a casa mal-assombrada: era excêntrico, bonitinho e um pouquinho exagerado (de um jeito legal), exatamente como ela.

Sara-Beth afundou-se na cadeira com um suspiro de satisfação e enrolou as pernas por debaixo de si, como se fosse um gato muito magro, alto e negro.

— Então, me conta o que aconteceu com a Meredith e a Judith. Por acaso o Bennett voltou para se desculpar do jeito horrível como ele tratou você?

— Sou eu quem precisa pedir desculpas, mas ele não vai nem querer falar comigo. — Esfreguei meus olhos, sentindo cansaço. Pensar no Bennett deixava o meu interior como um grande emaranhado de culpa. — Meredith e Judith não me odeiam mais, mas ele com certeza. E ele provavelmente deveria, depois do que eu fiz.

— Não seja boba! — Sara-Beth balançou os braços, liberando mais poeira das almofadas da poltrona. — Bennett é um cara legal, mas você merece coisa bem melhor. Qualquer sujeito antiquado demais para usar uma fantasia de Halloween não serve para minha Flan.

Pensar no Bennett salvando o Bogie e quase ser pisoteado no desfile depois de todo o tempo que ele levou para deixar a sua fantasia pronta me deu vontade de chorar. Eu joguei a toalha de papel coberta de fiapos dentro do saco de lixo e o deixei sobre o caixão de mármore frio e duro no centro da sala.

— Fiz um monte de besteiras, Sara-Beth. O que você acha que eu devo fazer? Chamá-lo? Implorar pelo seu perdão? Apenas dar algum tempo para ele? Eu sei que ele vai me odiar para sempre.

Sara-Beth veio e se sentou ao meu lado no sofá. — Xiii — ela abrandou, colocando o seu braço ao meu redor. Reparei que estava usando unhas pretas postizas que apontavam para a extremidade. — Tudo vai ficar bem. E se ele odiar você para sempre, bem, é ele quem sai perdendo. Você é uma pessoa maravilhosa. Então você cometeu um único erro, mas não fez isso para magoá-lo. — Ela olhou sombriamente para a parede. — Diferente de certas pessoas que eu conheço, que acham que é muito engraçado dizer ao Conan O'Brien que a gente nunca saiu juntos, quando todo mundo sabe que a gente tinha uma forte conexão espiritual! — Sara-Beth respirou fundo. — Enfim, a minha opinião é que você fez o melhor que pôde devido às circunstâncias. Não é sua culpa se gosta mais do Adam! É por isso que a gente namora em vez de seguir alguns estranhos sistemas de arranjos de casamentos baseados em, tipo assim, quantas cabras o cara tem. A questão toda é encontrar a pessoa de quem você mais gosta, antes de se amarrar a um lunático que tenta controlar o que você gasta!

— É, mas ainda assim eu não tenho certeza. — Limpei os olhos com a saia suja do meu vestido de princesa. — Eu acho que o Adam pode ser só uma paixonite. Ele é mais o tipo "eu sou o cara", enquanto o Bennett é doce e inteligente e me compreende. Mas aí vem o Adam de novo... — Engasguei. — Eu só queria saber o que me faria feliz.

— Bem, não tem nenhum motivo para se dar todo esse trabalho agora — Sara-Beth salientou. — Antes de a minha mãe e eu rompermos, ela costumava dizer essa coisa incrível: "Se é para ser, sempre haverá um amanhã".

— Amanhã? — repeti.

— Sim! Pela manhã tudo isso vai parecer bem menos complicado, eu juro. E não tem nada tão urgente que não possa esperar até lá. — Sara-Beth bocejou. — Tudo vai fazer muito mais sentido depois de uma longa noite de sono.

Acenei positivamente com a cabeça. — E por falar nisso, é melhor eu ir para casa.

— Tem certeza de que não quer ficar aqui? Tem uma cama no quarto de hóspedes no formato de uma planta carnívora que é superconfortável. — Ela enrugou a testa. — Quase confortável.

— Eu acho que a Feb vai enlouquecer se eu não chegar em casa. — Pulei por cima do caixão sobre o chão e aterrissei perto do contorno de giz do sangrento

assassinato da SBB. _ Mas de repente a gente pode tomar o café da manhã juntas ou coisa assim.

Então eu gemi e bati na testa. Eu tinha esquecido completamente que teria aula no dia seguinte, e pensar em me arrastar da cama em menos de quatro horas e ficar cara a cara com o Bennett e o Adam me pareceu menos atraente do que passar a noite numa cama de planta carnívora. — Ah! Escola. Eu acho que vou ter um dia péssimo. Isto é, se a Feb me permitir.

Sara-Beth me levou até a porta e eu rastejei pela calçada em direção à minha casa. Eu tinha uma grande decisão a tomar sobre o meu namoro, mas a Sara-Beth tinha razão _ agora só precisava chegar em casa e ir para a cama.

Eu já estava temendo uma possível briga com a Feb. Eu estava muito cansada para mais um drama noturno e a última coisa de que precisava era de outra pessoa gritando para mim que eu estava errada. Quando subi os degraus da escada, reparei que algo estava estranho. Não só por todas as luzes estarem acesas — o que significava que Feb estava acordada esperando por mim, vestindo um avental e segurando um rolo como se ela estivesse planejando me bater —, mas tinha uma música tocando tão alto que eu podia ouvir as batidas contra as janelas fechadas. Estava estourando de alto, na verdade. E pedaços de abóbora esmagadas estavam espalhadas por toda a calçada de casa. O que estava acontecendo? Nervosa, coloquei a chave na fechadura. Então percebi que a porta já estava aberta. E enquanto as dobradiças giravam, fiquei tão surpresa com o que vi que eu quase caí para trás.

Capítulo 31

EU ENCARO A MÚSICA

Parecia que uma bomba tinha explodido bem no meio da minha casa. No teto da sala de estar havia uma bola de discoteca mal pendurada no lustre; caixas de pizza pela metade jogadas no chão; latas de *Pabst Blue Ribbon* estavam na estante, sobre a TV e atrás do sofá. Alguma coisa ruidosa grudou na sola da minha sandália Lucite quando entrei em casa.

O barulho quase me empurrou para fora — um cara vestido como o Marilyn Manson estava de pé no topo das escadas acompanhando a música já ensurdecadora que arrebatava das caixas do alto-falante com o seu trombone. Imaginei que o Noodles estivesse lá em cima, em algum lugar, provavelmente escondido embaixo da minha cama todo apavorado, latindo freneticamente como se tivesse ficado maluco.

Eu não conseguia acreditar no imenso número de pessoas amontoadas no andar de baixo. Philippa estava perseguindo Mickey, que já estava sem camisa, no final do corredor; David, um dos mais antigos amigos do meu irmão, derramava uma bebida cor de abóbora de uma coqueteleira dentro de um copo de suco, e Liesel e seu ex-namorado, Arno, estavam confortavelmente juntinhos em nossa cadeira de couro marrom como se estivessem na casa deles. E Patch se parecia mais consigo mesmo do que durante toda a semana, tomando uma cerveja e acenando positivamente com a cabeça para um tipo surfista bronzeado que falava enfaticamente e fazia movimentos ondulatórios com as mãos. Além do mais, por todo o lugar, havia milhares de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida: uma garota com olhos de guaxinim e um vestido Prada bem justo flutuando ao redor de uma pipa em formato de peixe; um cara com um cabelo assimétrico e *piercing* na sobrancelha fazendo a dança da galinha para si mesmo; uma mulher de quase dois metros de altura vestida de cowgirl purpurinada sobre saltos altos de quase treze centímetros, usando cílios postiços e com um chapéu de cowboy todo feito de lantejoulas douradas.

Apesar de todo o caos diante dos meus olhos, a visão mais chocante na sala era a Feb num vestido bronze Roberto Cavalli banhado em metal e salto agulha preto Jimmy Choo, dançando feito uma doida sobre a mesinha de centro.

Eu devo ter ficado parada diante da porta aberta por um longo tempo antes que Liesel me visse lá e tentasse dizer um olá mesmo com todo aquele barulho. Então houve meio que um efeito cascata ao redor da sala e parecia que todo mundo se virou ao mesmo tempo e gritou: — Oi, Flan!

Por um momento, me senti aturdida, mas, de repente, parecia que os copos de vidro de Martini estavam se chocando. Eu estava enlouquecendo em lidar com o excesso de proteção da Feb, e aí ela deu uma volta e organizou uma grande festa justamente no minuto em que eu estava fora de casa? E numa véspera de aula, sem mais nem menos. Eu bati a porta atrás de mim, e, então, um casal trajando togas e folhas de louros passou por mim, quase me derrubando ao atravessar o meu caminho quando eu seguia para o meio da sala de estar.

— Ei, Feb! — eu gritei, puxando a sua saia pesada. Parecia feita de uma malha de ferro.

— Flanny! — ela gritou exuberante, pulando da mesa como se estivesse usando tênis em vez de salto agulha. — Estou tão feliz de ver você aqui!

— O que está acontecendo? — perguntei enquanto a asa de uma pipa de peixe passou pela minha cabeça.

Feb bateu as mãos sobre a boca. — Ah, não, você está zangada comigo. Não fique com raiva, Flanny! O que aconteceu é que Liesel, Philippa e Mickey estavam na festa de Halloween da casa da Sara-Beth — para a qual a propósito, eu não fui convidada —, mas parece que o lugar estava cheio de Kermits idiotas. Então, enfim, Patch disse a eles que podiam vir para cá, e eles convidaram os seus amigos, que convidaram os amigos, e por aí vai... — Ela jogou os braços cobertos de glitter para o alto e se balançou um pouco sobre os calcanhares.

Cruzei os braços e olhei de cara feia para ela, embora fosse difícil ficar zangada com Feb quando ela estava de bom humor.

— Ah, Flan — ela disse, novamente baixando os braços —, sinto muito por ter sido tão terrível nessas últimas semanas.

— Hum... — O que eu deveria dizer? *Não, você não foi terrível? Tudo bem?* — Isso quer dizer que agora você vai parar de agir daquele jeito?

Feb riu alto e bagunçou o meu cabelo. — Eu larguei o meu estágio.

— Você largou? Verdade?

— É! Minha amiga voltou da licença por doença, e eu meio que tive que dizer *sayonara*. — February quase derrubou a tiara da minha cabeça enquanto acenava um tchauzinho para uma firma de advocacia imaginária. — Ooops. — Ela riu. — Sério mesmo. Apesar de que, no minuto em que estava saindo por aquelas portas, eu meio que jurei que nunca mais vou fazer aquilo de novo. Ou qualquer coisa parecida com aquilo. Eles te enganam fazendo você pensar que aquilo é o mundo real com luz fluorescente, e cortes de papel e com uma cartilha de que você nunca pode ir direto. Mas eu estava murchando lá.

Comecei a sorrir um pouquinho. Feb tinha um jeito especial e muito chato de "perder o vigor".

— O que me leva a pensar que eu não quero que você murche, Flan. Eu realmente não quero. Quer dizer, eu saí correndo daquela firma de advocacia e quebrei o meu salto, e eu não quero que você saia correndo de uma coisa como aquela, assim como eu fiz. — Seus grandes olhos azuis começaram a ficar marejados.

Olhei ao redor para o desastre em que tinha se transformado a nossa sala de estar e fiquei refletindo sobre tudo aquilo que ela me fez, como me obrigar a chegar em casa depois da escola e tornar impossível conversar com ela durante toda a semana, quando eu realmente precisava de uma irmã mais velha. Então fiz uma coisa que surpreendeu até a mim: dei um grande abraço nela.

Feb me abraçou de volta, então me segurou pelos braços a uma certa distância. — Eu não sei com o que eu estava preocupada; você é praticamente uma adulta!

— Eu não tenho certeza disso — eu disse, baixando os olhos timidamente para o meu vestido de princesa.

— Eu disse praticamente. Ei, papai e mamãe vão voltar mais cedo da viagem!

Eu dei um pulo enorme. — Eles vão vir? Onde eles estão? — Olhei por cima do meu ombro, como se eles estivessem disfarçados de abajures e dançando atrás do sofá.

Feb franziu a sua testa. — Bem, eles tiveram que ir a Quebec para esse jantar beneficente por causa dessa coisa de deficiência de iodo, mas eles sem dúvida vão voltar mais cedo... eu acho. Eles estiveram aqui só por uma hora. Mamãe precisou pegar alguns sapatos.

— Ótimo — suspirei.

— Ei, menina, não fica com essa cara tão carrancuda! Eles deixaram vale-presentes para a gente usar naquele novo salão de manicure da rua de baixo. Vamos

amanhã! Além disso, quando o gato sai... — ela me segurou pela mão. — Vamos nessa.

— Feb...

Mas era tarde demais: ela estava me puxando para cima da mesinha de centro com ela, e com todo mundo festejando e gritando ao nosso redor, eu não tinha como não dançar.

— Ah, eu esqueci totalmente — ela gritou. — Tem um cara aqui esperando para falar com você a noite toda!

— Onde? — girei ao redor e lá estava o Adam, sentado numa poltrona que era muito pequena para ele, e estava com o Noodles dormindo no colo. Ele se levantou e entregou o Noodles para Philippa, e eu reparei que ele não conseguia parar de sorrir. Então, tudo o que fez foi andar até mim e dizer: — Ei, quando você terminar de dançar, a gente pode conversar?

— Claro... — Mas é evidente que neste momento a Feb pensou que a coisa mais engraçada do mundo seria me empurrar da mesinha de centro me dando um golpe com o quadril. Eu gritei, pulei no ar e caí justamente nos braços do Adam.

— Feb! — gritei.

— Bem, alguém tinha que fazer isso! — ela gritou enquanto puxava um monte de garotos para cima da mesinha.

— Você está bem? — Adam perguntou. Eu estava com os braços ao redor do pescoço dele, e joguei para o lado as minhas sandálias de salto alto. Elas caíram dentro de um vaso de plantas perto do sofá e eu suspirei.

— Assim está bem melhor — eu disse.

A vida nem sempre é tão doce para uma *inside girl*

Descubra o que acontece a seguir em
Algum tipo de maravilha, o próximo livro da
série *Inside girl*, de J. Minter.

Ainda se recuperando de uma festa de Halloween desastrosa na casa de Sara-Beth e de uma curta — mas irritante — fase "responsável" de sua irmã mais velha Feb, Flan Flood colocou um ponto em seu romance e está pronta para provar que suas amigas são mais importantes que qualquer garoto. Mas sua velha paixão por Bennet está sendo deixada em segundo plano, e Adam, o zagueiro mais que incrível, está sendo doce e fofo como nunca. No terceiro volume da série *Inside girl*, Flan conseguirá manter tudo sob controle com seus amigos ou vai se deixar ser picada de novo pelo inseto do amor?

"Gostaria de ter conhecido Flan Flood no colegial — e não só porque ela tem um irmão mais velho que é um gato e com amigos gatos mais velhos (embora isso ajude bastante). Não deixe o nome enganá-la — essa é uma garota que você tem de conhecer, agora."

Lisi Harrison, autora da série ALFAS

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232>

